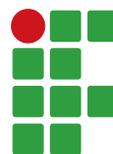


Ano 3 • N. 3 • Set./Dez., 2017

Pró-Reitoria de Extensão



**INSTITUTO
FEDERAL**
Triângulo Mineiro

REITOR

Dr. Roberto Gil Rodrigues Almeida

VICE-REITOR

Dr. José Antônio Bessa

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Dr. Eurípedes Ronaldo Ananias Ferreira

EDITOR CHEFE

Dra. Estelamar Maria Borges Teixeira – IFTM

EDITORES ADJUNTOS

Dr. Lucas Arantes Pereira – IFTM

Dra. Susana Elisa Rieck – IFTM Campus Uberlândia Centro

EDITOR DE SEÇÃO

Ma. Liciane Mateus da Silva

AVALIADORES DE SEÇÃO

CAMPUS AVANÇADO CAMPINA VERDE

Coordenador de Extensão: Prof. Carlos Alberto Gonçalves Pavan

CAMPUS AVANÇADO UBERABA PARQUE TECNOLÓGICO

Coordenador de Extensão: Prof. Rogério Nepomuceno

CAMPUS PATOS DE MINAS

Coordenadora de Extensão: Profa. Renata Marques dos Santos

CAMPUS PATROCÍNIO

Coordenador de Extensão: Prof. Márcio Viana Rolim

CAMPUS UBERLÂNDIA

Coordenadora de Extensão: Profa. Maria Aparecida de Lima

CAMPUS UBERLÂNDIA CENTRO

Coordenador de Extensão: Prof. Sirley Cristina Oliveira

SECRETARIA

Esp. Patrícia Campos Pereira – IFTM

EQUIPE TÉCNICA

REVISÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ma. Mariângela Castejon – IFTM

EQUIPE TÉCNICA

NORMATIZAÇÃO (BIBLIOTECÁRIAS)

Esp. Fabiane Neli de Carvalho – IFTM Campus Uberaba

Esp. Fernanda Faustino Nogueira Nunes – IFTM Campus Patrocínio

Ma. Rosemar Rosa – IFTM

Esp. Sandra Mara Trindade – IFTM Campus Uberaba

SUORTE TI

Esp. Eduardo de Oliveira Araújo – IFTM

EDITORES DE LAYOUT

Esp. Danilo Silva de Almeida – IFTM

Esp. Wendell Albino Silva – IFTM

Bel. Marcos Roberto Capuci Lima – IFTM

Todos os textos desta publicação são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre o seu conteúdo ao Periódico Boletim Técnico ou ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Os textos podem ser reproduzidos total ou parcialmente, desde que a fonte seja devidamente citada e seu uso seja para fins acadêmicos.

Boletim Técnico IFTM / Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Ano 3, n. 3,
(Set./Dez., 2017) – Uberaba, MG: IFTM, 2017.

Quadrimestral
ISSN 2447-4932 (Impresso)
ISSN 2447-5998 (Digital)

1. Trabalhos Técnicos-Científicos. 2. Cartilha técnica.
3. Relato de experiência. Resenha. Pesquisa.
Periódicos. I. Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

CDD 050

PALAVRA DA EDITORA CHEFE

Prezados leitores,

Nesta sétima edição do Boletim Técnico do IFTM, estão publicados doze relatos de experiência que foram apresentados no Congresso de Internacionalização e Educação Profissional e Tecnológica (ConInterEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), que teve como objetivo despertar o interesse dos participantes por meio das áreas de atuação dos cursos de formação técnica, tecnológica, das licenciaturas e cursos de pós-graduação, oportunizando o desenvolvimento de ideias inovadoras, formação cidadã e desenvolvimento sustentável.

O ConInterEPT ocorreu nos dias 27 a 29 de novembro, na cidade de Uberaba-MG, organizado pelo IFTM e teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) e do Museu do Zebu; do Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba (Codau); da Coelho Leve Comércio de Carnes, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Wise Up e do Centro de Educação e Tecnologia Ambiental (CETA).

O evento contou com a presença de representantes de diversos países como: Colômbia, Estados Unidos, França, Irlanda, Haiti, Moçambique e Portugal participaram do ConInterEPT com estandes, palestras e mesas-redondas. Foram três dias com inúmeras atividades: mesas de debates, exposição de trabalhos envolvendo temas como Internacionalização e Idiomas, Ensino, Pesquisa e Extensão, além de muita arte, cultura e oficinas.

Os doze relatos de experiências intitulados: Como Flores no Asfalto: relatório das atividades de extensão do Grupo Artvistas IFTM - *Campus* Patrocínio - MG; Pré Intensivo IFTM; PROIFTM/ EDUCAR PARA A VIDA: na perspectiva dos alunos extensionistas e de seus professores/orientadores; IFTM corrida de rua: sangue jovem no esporte; Cinema e história: a produção cinematográfica voltada à aprendizagem de história; Oficinas de linguagens, códigos e suas tecnologias; Ações e transformação da cultura institucional a partir do projeto de extensão anti-trote- reflexões sobre trote e outras violências escolares; Projeto Rondon, uma experiência de vida e cidadania para professores do IFTM *Campus* Uberlândia; Cartografias do olhar: poéticas contemporâneas por



dispositivos fotográficos; A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: entraves e Possibilidades; Treinamento para competições de robótica - TCR ; Tecnologias assistivas disponíveis aos alunos com deficiência e seus educadores, foram selecionados pelos Coordenadores de Extensão dos *campi*, os quais são oriundos dos projetos de extensão realizados junto a sociedade e no âmbito do IFTM

Agradecemos ao Reitor, Prof. Dr. Roberto Gil, pelo apoio; à equipe técnica do Setor Comunicação Social - Reitoria; aos autores; aos editores avaliadores; enfim, a todos que atenderam, de forma irrestrita, cada demanda para que esta edição fosse concluída com êxito.

Desejamos a todos uma leitura proveitosa e prazerosa.

Profa. Dra. Estelamar Maria Borges Teixeira
Editora Chefe

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afrobrasileira: Entraves e Possibilidades 06

Cartografias do olhar: poéticas contemporâneas por dispositivos fotográficos 12

Como Flores no Asfalto: Relatório das Atividades de Extensão do Grupo Artvistas IFTM *Campus* Patrocínio - MG 18

IFTM Corrida de rua: sangue jovem no esporte 22

Oficinas de linguagens, códigos e suas tecnologias 28

PROIFTM/Educar para a vida: na perspectiva dos alunos extensionistas e de seus professores/orientadores 34

Ações e transformação da cultura institucional a partir do projeto de extensão anti-trote - reflexões sobre trote e outras violências escolares	40
Pré-Intensivo IFTM	46
Tecnologias assistivas disponíveis aos alunos com deficiência e seus educadores	54
Treinamento para competições de robótica - TCR	60
Cinema e História: a produção cinematográfica voltada à aprendizagem de História	60
Projeto Rondon, uma experiência de vida e cidadania para professores do IFTM <i>Campus</i> Uberlândia	70

A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: Entraves e Possibilidades



Marcio Bonesso

Doutor em Sociologia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

André Luis Oliveira

Especialista em História
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Sírley Cristina Oliveira

Doutora em História
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Dickson Duarte Pires

Mestre em Artes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Resumo

A presente roda de conversa *A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: Entraves e Possibilidades* teve como propósito contribuir para a construção de uma cultura da diferença no âmbito da estrutura pedagógica e institucional do *Campus IFTM Uberlândia Centro*, viabilizando a construção de uma educação étnica racial no ambiente escolar. Para tanto, partiu-se da seguinte problematização: *como reverter o quadro de preconceito e desinformação dos servidores acerca das questões históricas, culturais e sociais da população negra no universo escolar?* Ao longo da conversa, avaliou-se que a escola ainda não está preparada para discutir as diferentes representações históricas e culturais da população negra no Brasil. Existe, sobretudo, um desconhecimento acerca das condições históricas que viabilizaram a escravidão e as reais condições de vida do negro no período colonial. E mais, o desconhecimento e o desprezo pelas questões afro-raciais na escola acabaram por reforçar a ideia do *mito da democracia racial*, ou seja, a falsa harmonia entre brancos e negros. Em consequência desse processo, a escola se transformou num *locus* privilegiado para o exercício da violência e da interdição contra o negro, manifestada, sobretudo, pela intolerância

religiosa, preconceito racial e indiferença as suas práticas culturais. Assim, o presente relato tem como proposta apresentar o cenário histórico do Brasil Colônia, em especial, o contexto em que foi desenvolvida a escravidão. Por conseguinte, discutir-se-á também a construção do mito da democracia racial em nosso País e o processo de violência e interdição vivenciadas pelos negros no ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola. Afrodescendentes. Democracia racial. Representações de violência negra.

Introdução

Partindo do princípio de que a escola – ao lado de outros setores da sociedade – é mantenedora da ideologia que inferioriza o negro, a Roda de Conversa *A Escola Como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: Entraves e Possibilidades*, partiu da seguinte problematização: *Como reverter o quadro de preconceito e desinformação dos servidores acerca das questões históricas, culturais e sociais da população negra no universo escolar?*

A primeira questão que instigou esse debate partiu da falta de conhecimento dos agentes sociais que constroem a escola. Muitos deles (gestores, professores, técnicos administrativos, terceirizados) desconhecem por completo a história dos negros e, conseqüentemente, a história de escravidão e de luta que essa população vivenciou a partir do século XVI quando chegou ao nosso território.

Esse desconhecimento, ou melhor, a falta de referenciais históricos acerca da vida e da experiência da população negra acarreta uma série de problemas. A escola que deveria ser o lugar de debate e construção dessa história acaba por reproduzir discursos e práticas racistas, preconceituosas marcadas, sobretudo, por estereótipos simplistas e excludentes. É notória a produção de material didático em que a imagem do negro ainda é construída de forma exótica, selvagem e grotesca. E mais, materiais cujas relações sociais entre brancos e negros são narradas ora por uma excessiva subserviência do negro nas relações de produção e trabalho, ora por uma harmonia social excessivamente falseada a partir da amizade, do respeito e da tolerância entre brancos e negros (MUNANGA, 2005).

Nesse sentido, torna-se importante informar que o escravismo foi durante 300 anos a principal forma de trabalho existente no Brasil, sendo um dos pilares da estrutura colonial que por aqui se projetou. Durante três séculos homens, mulheres, jovens, idosos e crianças negras entraram de forma desmesurada em nosso território. Sem liberdade de escolha, foram trabalhar nos canaviais, no engenho, na mineração, no comércio e na casa grande que pertencia ao senhor de engenho e aos grandes e ricos proprietários de terra. As condições de vida e de trabalho dos escravos eram extremamente duras e precárias.

Para começo de conversa, ao vir da África para o Brasil, os negros foram jogados nos porões do navio negreiro, 300 a 400 negros, todos apertados, comiam, bebiam e defecavam no mesmo local, sob condições higiênicas degradantes. Era comum o surgimento de infecção generalizada e doenças que levavam os negros à morte. Muitas eram as perdas! Nesse momento, a fragilidade dos referenciais identitários e familiares já eram grandes: muitos negros foram separados de sua família, outros foram agrupados com outros negros que falavam dialetos diferentes, dificultando a linguagem, o diálogo, o contato. Nesse processo, inicia a solidão e a tristeza do negro, logo apareceram as doenças, a saudade e a depressão.

Chegando ao Brasil, as condições de vida/sobrevivência do negro não eram diferentes. Assim, que desciam do navio negreiro já se encontrava com os padres católicos que os abençoava com água sagrada, benzida. A África era vista como um lugar incrível, o inferno e os negros seres sem alma. A burrificação com água benta era apenas o início do processo que levaria a purificação da alma do negro africano em terras coloniais brasileiras.

Abençoados pelos padres, os negros já estavam prontos para serem dirigidos às feiras, locais de vendas onde realizavam os leilões de africanos, ou melhor, de escravos. Inicia-se aí mais um momento de constrangimento e humilhação para o negro, no qual os valores de venda e compra era determinados pela qualidade da "peça". Era assim que o negro era tratado, como uma peça, um objeto

de valor, cuja escolha se dava pela qualidade dos dentes brancos e fortes, pela estrutura física viril, saudável e disposta ao trabalho. A mulher negra também era avaliada e leiloada, o critério mais usual era a condição jovial dos seios, pois se tornariam amas de leite dos filhos do senhor de engenho.

Leiloados, os negros se dirigiram para as grandes fazendas do senhor de engenho. A maioria deles trabalhava no plantio da cana de açúcar (escravo de produção), na produção do açúcar (escravos de engenho). Outros com mais "sorte" trabalhavam na Casa Grande, onde cuidava dos filhos, da comida e de toda a família do seu senhor (escravos domésticos). Existiam ainda os negros que trabalhavam nas cidades vendendo doces, tecidos, aves (escravos de ganho). Diariamente recebiam castigos violentos, eram constantemente vigiados e disciplinados ao trabalho. Chibatadas no tronco, mãos e pés acorrentados, coleira de ferro no pescoço, palmatória, corpo marcado pelo ferro quente na brasa, prisão e perseguição. E foi assim que a mão de obra africana escravizada gerou a riqueza do senhor. Eram os negros, *as mãos e os pés dos senhores de engenho*.

Entretanto, para além da montagem de produção que viabilizou a escravidão no Brasil, foi montado ainda um sistema de justificação e legitimação da exploração do negro. Muitos intelectuais, artistas e religiosos naturalizaram a escravidão, por ser o negro um indivíduo inferior e sem alma. O posicionamento da Igreja Católica é singular nessa questão. Para muitos padres, o trabalho escravo era uma forma de salvação dos negros, um meio necessário para torná-los seres com alma. O Brasil, por sua vez, representava a transição entre a terra do pecado (África) e o céu – lugar de libertação. O negro depois de trabalhar duramente para o senhor, ser castigado e oprimido, purificava a sua alma e podia receber o batismo que lhe permitia entrar no céu depois da morte. (CARNEIRO, 1995)

Ao lado da justificativa bíblica, os europeus também fizeram uso dos dados biológicos para justificar a escravidão dos negros. Através da suposta "superioridade" do europeu, forjou-se a ideia de que o negro era incapaz de criar uma "sociedade civilizada", pois eram seres "limitados" que se apresentavam como "bárbaros" e "selvagens". Esse posicionamento só reforça a ideia de que a diferença é de fato o sinal de inferioridade. (CARNEIRO, 1995)

Nota-se, então, que herdamos do período colonial um mundo repleto de preconceitos, racismo e injustiças sociais e que ainda hoje não foi possível superar. A Escola? Qual o lugar da Escola nesse debate? A escola, como sugere o estudo Superando o Racismo na Escola, de Munanga (2005), contribuiu para a construção do mito e da democracia racial em nosso País, divulgando uma ideologia de inferiorização do negro, fortalecida por meio dos livros e professores sob formas de estereótipos e preconceitos.

Desenvolvimento: Entre o Processo de Branqueamento da Nação Brasileira e o Mito da Democracia Racial

No Brasil, os precursores das ciências sociais iniciaram abordagens científicas tendo como base as teorias do evolucionismo social. Em termos gerais, as classificações analisavam a população que habitava o país pelo uso de escalas históricas unilineares e evolutivas, transitórias entre o polo inferior – a vida selvagem das culturas indígenas e africanas; e o polo superior ou mais evoluído – a vida moderna do homem cientista. Em consonância com países europeus e norte-americanos, as teorias evolucionistas brasileiras constituíram modelos civilizatórios intervencionistas na gestão das políticas públicas impactando a gestão das populações das grandes cidades e de pequenos povoados.

Se tomarmos como referência os pressupostos dos precursores teóricos brasileiros, veremos como a abordagem evolucionista, cuja base se assenta no *processo de branqueamento* do Estado brasileiro, ganhou bastante força nos meios científicos e políticos da época colonial até o início do regime federalista. Em outras palavras, os primeiros pensadores sociais almejavam, com táticas diversificadas, um mesmo projeto político para a população brasileira: evoluir para o modelo civilizador da figura do homem branco europeu e norte-americano. Percebe-se assim, apesar da homologia as teorias raciais dos antropólogos internacionais pioneiros, a especificidade da história brasileira criava nuances sobre a forma como ocorreria o branqueamento do Estado-nação. Desde então, a construção de uma identidade nacional seria resultado de um projeto apenas para um devir, pela constituição de mecanismos de controle social, visando garantir ao futuro da população possibilidades de ascensão nacional graças ao processo de branqueamento do mestiço.

O contexto republicano inicial foi marcado pela institucionalização das primeiras escolas de direito, cujas bases teóricas e ideológicas almejavam formar um campo jurídico e político propriamente brasileiro. Todavia, no livro *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*, Lilia Mortiz Schwarcz (2002) descreve como a inauguração da Faculdade de Direito em Olinda, no ano de 1828, transferida para Recife em 1854, levou os bacharéis em direito a uma formação teórica baseada nas teorias do evolucionismo social. A antropóloga descreve o quadro teórico da *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife* que circulou pela primeira vez em 1891:

Tratava-se de, já nos momentos de fundação, afirmar uma especificidade, garantir uma modernidade a partir do apego a certos autores e modelos. Não é por mera coincidência que o primeiro artigo da revista propõe “um quadro evolutivo para o direito”, não só estabelecendo “a realidade da evolução única e inquebrantável”, como enumerando alguns autores que serão presença cativa durante os trinta primeiros

anos da revista: Haeckel, Darwin, Le Bon, Lombroso e Ferri. Diferente do que ocorre com os demais periódicos, nesse caso é possível perceber uma aceitação mais imediata das noções de evolucionismo e em especial dos estudos que veem na raça um elemento fundamental de análise. Dentre os autores citados chamam a atenção dois deles, conhecidos pelos estudos nas áreas de criminologia. Com efeito, o destaque dado a Lombroso e Ferri atesta a relevância que esses teóricos terão na revista. Nesses artigos, que em sua maioria analisavam os avanços da “escola italiana”, entendia-se o crime a partir da análise “do indivíduo, de seu typo físico e da raça a que pertence” (SCHWARCZ, 2004, p. 155 e 156).

Importante ressaltar que esse perfil intelectual foi hegemônico no Brasil inteiro até o final da década de 1920. Nesse período, lentamente, os efeitos negativos do mestiço nas teorias evolucionistas foram se acomodando e abrindo espaço para as práticas das “boas mestiçagens”. Alguns modelos evolucionistas como a noção de degenerescência das fusões mestiças começavam a receber críticas. A partir da década de 1930, novos modelos teóricos surgiram com o intuito de combater os modelos raciais. O livro *Casa Grande & Senzala* (1997) aparece com esse perfil teórico inovador: influenciado pelo culturalismo norte-americano, tornou-se naquele momento histórico do país uma obra contrária aos modelos teóricos raciais. Influenciados por esses novos referenciais teóricos do culturalismo americano de Franz Boas, orientador de Gilberto Freyre, muitos cientistas sociais se convenceram da não correlação entre a distribuição das características genéticas para se determinar comportamentos culturais, criminais ou não-criminais.

Se por um lado, a visão relativista foi importante para combater a ciência evolucionista, com o passar dos anos a influência do culturalismo americano no Brasil passa a ser interpretada como teoria da *democracia racial*. Críticas demonstraram algumas fragilidades dessa abordagem relativista liberal. Nesse mesmo momento, na Europa e nos Estados Unidos, as teorias culturalistas americanas começavam a sofrer as primeiras críticas, muitas vezes, originárias de uma sociologia da cultura marxista, em especial de vertentes adornianas e gramscianas e de vertentes de pensamento pós-modernas. Referiam-se de maneira crítica às observações científicas que não interpretaram os conflitos e relações de poder entre interações sociais diferentes.

No Brasil, escolas de pensamento sociológico como a da Universidade de São Paulo (USP), por meio de estudos como *O Negro no Mundo dos Brancos* (2007) de Florestan Fernandes, formularam críticas ao pensamento freyriano e ao modo de pensar a formação da sociedade brasileira por meio desta abordagem relativista liberal. A tese de a miscigenação representar relações de trocas “harmônicas” entre diferentes culturas através do conceito de aculturação passa a ser repensada e debatida no âmbito acadêmico.



A interpretação sociológica eclética e desenhada entre concepções marxistas, weberianas e estruturalistas de Florestan Fernandes (2007) descrevem como a inclusão dos negros e mestiços nas grandes famílias coloniais constituíram uma grande distorção sobre noções de igualdade, visto que sua possibilidade de mobilidade social só era operada mediante a necessidade da composição dos estratos sociais dominantes, quando estes se viram forçados a adquirir certas elasticidades nos mercados. Dessa forma, conclui o pensador: a miscigenação no Brasil contribuiu muito mais para aumentar as populações escravizadas e diferenciá-las como estratos sociais dependentes do que fomentar de maneira efetiva dispositivos de igualdade racial.

Fernandes (2007) descreve como, após a abolição da escravatura e a ascensão do regime republicano e moderno, criou-se no Brasil uma espécie de miragem política com uma pretensa universalização do trabalho livre, em que todas as pessoas de diferentes descendências poderiam conquistar seus postos de trabalho. Apesar da conquista da liberdade, a universalização do trabalho livre não favoreceu a igualdade de condições e na história do Brasil as populações negras e mestiças que não conseguiram mecanismos efetivos e objetivos de oportunidades de empregos, como os demais emigrantes. O resultado disso foi o pequeno número de segmentos populacionais negros que se integraram ao regime moderno brasileiro.

O “negro” teve oportunidade de ser livre; se não conseguiu igualar-se ao “branco”, o problema era dele – não do “branco”. Sob a égide da ideia de democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com o setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição. Ao mesmo tempo assim que surgiram condições para que o protesto negro eclodisse (logo depois da primeira grande guerra e, em particular, no fim da década de 1920) tais manifestações foram proscritas como se constituíssem um “perigo para a sociedade”. Em consequência, as primeiras manifestações espontâneas dos “negros” na luta por certas condições de igualdade racial em bases coletivas eclodiram no vazio, não sensibilizaram o “branco” e não chegaram a dinamizar nenhum mecanismo eficiente (ou tendência atenuada que fosse) de democratização racial da renda, do prestígio social e do poder (FERNANDES, 2007, p.47).

Além do mais, se reivindicações por direitos sociais viessem de maneira pública e coletiva, mecanismos de controle social repreenderiam e criminalizariam tais reivindicações. Mesmo após os regimes autoritários de 1945, houve uma ineficiência dos mecanismos de controle estatal em universalizar e criar condições de igualdade para que o segmento da população mestiça e negra pudesse gerir mobilidade social.

Com o mito da democracia racial, pode-se dizer que a construção histórica do controle social brasileiro, a partir da década de 1930, operou uma narrativa evolucionista muito sofisticada apagando os vestígios raciais do evolucionismo científico, oferecendo versões teóricas modernas com o desenvolvimento do conceito de cultura.

Em suma, a noção freiryniana de democracia racial foi apropriada de maneira evolutiva e serviu como um discurso coerente para se ocultar as dívidas históricas sobre as pessoas negras, indígenas, explicitando apenas o lado moderno da liberdade e da equivalência. Os ideais democráticos da igualdade social nas oportunidades em se buscar um conforto material e simbólico são evocados sem levar em conta o aspecto pessoal e hierárquico do processo histórico de branqueamento, em privilegiar as normas tradicionais patriarcais transpostas, sobretudo no campo educacional, econômico e judiciário brasileiro, cujos segmentos populacionais de homens brancos emigrantes europeus obtiveram vários privilégios personalistas em face de grupos étnicos indígenas e africanos.

Considerações Finais

A Roda de Conversa, *A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: Entraves e Possibilidades* orientou-se como uma ação de cunho educacional, artístico e sociocultural cujo propósito foi o de sensibilizar a comunidade do IFTM Campus Uberlândia Centro, para o cumprimento da Lei Federal 10639/03, que regulamenta a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira".

Nas discussões realizadas, chegou-se a conclusão que, mesmo depois de quase duas décadas, ainda há um relativo desconhecimento da função e dos objetivos da Lei 10.639/03 e de metodologias para sua eficaz aplicação no ambiente escolar. Assim, diante dessa prerrogativa, levantou-se uma série de questões importantes, mediadoras para pensar ações sistematizadas acerca da efetiva implantação da Lei 10639, no *Campus*, as quais são descritas a seguir.

I - É fundamental reconhecer que os processos de formação oficial e acadêmico não qualificam o docente para o trabalho com a cultura negra. Prerrogativa que funciona como fator de alargamento do preconceito e fomento de processos discriminatórios, pois solidificam clichês presentes no fenômeno midiático no qual ratifica a canônica abordagem do negro em situação desfavorável e diminuída frente a uma cultura hegemonicamente eurocentrista, conservadora, machista e heteronormativa.

Salvo exceções, diversas conjunturas de formação docente se colocam num movimento gravame e interrupto de calar vozes negras e sucumbir com a condição de sujeito de ideologia livre no aparato jurídico consolidado pela Constituição Brasileira. No caso específico do trato da Lei Federal 10.639/03, há ainda uma importante lacuna no trajeto de formação dos professores que resvala no trabalho em sala de aula, que por falta de bases na formação do docente, acaba por negligenciar, reduzir ou mesmo interditar a abordagem do tema.

II - Percebe-se, ainda, no contexto geral da educação formal, a reprodução de uma historiografia negra que não ultrapassa as recorrentes associações com elementos como a capoeira, o samba ou feijoada numa perspectiva ilustrativa; e nem apresenta dados sobre a violência, a pobreza e a marginalidade num aspecto mais aprofundado.

III - Nesse conjunto, há de se colocar também a perseguição às religiões de matrizes africanas, com destaque para a Umbanda e o Candomblé, e o extermínio da população GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), fatores que atualmente podem ser percebidos como referências expressivas da intolerância e do preconceito na sociedade brasileira contemporânea e que figuram de forma sutil no ambiente ordinário da escola.

IV - Outro ponto que engrossa o preconceito sutil, o mito da democracia racial no ambiente escolar, é a utilização exaustiva do livro didático e demais recursos presentes na prática docente. Estudiosos de referência, como o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, especialista em antropologia da população afro-brasileira, é categórico ao afirmar as incongruências, deficiências e os desserviços prestados pelo projeto do livro didático na educação brasileira face à construção da identidade negra. Controlado por mecanismos estatais, sempre esteve, principalmente no Brasil, a serviço do processo de embranquecimento social que visa à criminalização e à desqualificação do negro/a, não deixando esmaecer o legado anímico e escravocrata do período colonial.

Uma parcela expressiva de pesquisadores africanos e latino-americanos afinados como o discurso de Munanga e que militam no debate das questões negras na educação, dedicaram-se nas últimas décadas a densas análises que deixa clara a estigmatização negra e o projeto de subjugo social nos diferentes contextos escolares. Além de legitimar uma pseudoideia de superioridade branca, esse projeto fez com que, durante séculos, as populações negras aceitassem com parcimônia o lugar de inferioridade intelectual, social e psicoafetiva. Elementos que, segundo esses pesquisadores, ainda são presentes no currículo oculto da educação brasileira e que são reforçados direta ou indiretamente pelas representações oficializadas do/a negro/a nos livros didáticos.

Numa perspectiva mais ampla, percebe-se a necessidade de superação do livro didático enquanto principal instrumento mediador do aprendizado no espaço escolar. Percepção que remonta ao século XIX e oficializa a proposta de conteúdos e métodos expressos nos programas curriculares (Brasil, 1997) de determinadas instituições de ensino, além de estarem intimamente vinculados à ideologia da classe dominante e ao modelo de escola herdado da Europa, desde as capitanias. Modelo que por si só já contém em seu bojo uma estrutura pedagógica evidentemente excludente e que não reconhece as questões de pertença dos negros e indígenas.

V- Por fim, as falas ressonantes na Roda de Conversa *A Escola como Espaço de Construção da Identidade Afro-brasileira: Entraves e Possibilidades* pontuaram que a escola é um dos locais onde a população negra é violentamente discriminada, sendo conjuntamente, os negros na escola considerados inferiores, independente dos papéis sociais que ocupam. Nesse sentido, a formação continuada de profissionais da educação, no que se refere à Lei 10.639/2003 e suas atualizações é mais do que relevante e necessária.

É toda uma estratégia que urge para que crianças e jovens negras/os comecem a considerar a escola como espaço de acolhimento e não mais como um espaço/tempo hostil. A partir dos resultados alcançados com o projeto, acreditamos que outras iniciativas de formação continuada contribuirão para/com os profissionais da educação na desmitificação de vários temas relacionados à população negra e, conseqüentemente, ao continente africano. Tal desmitificação contribui de modo efetivo na promoção da autoestima do/a estudante negra/o, bem como na sua permanência na escola. Assim, coloca-se a necessidade da criação e do fortalecimento dos NEABIs em todos os *campi* do IFTM e articulação fluida desses núcleos com os demais setores pedagógicos e administrativos da instituição.

É pelos caminhos da formação de todos os atores que a escola passará a ver os estudantes e profissionais negros/as de um modo menos estereotipado, contribuindo assim para uma relação menos desigual, seja no real ou imaginário do ato educativo, seja no mundo objetivo ou nas práticas subjetivas e simbólicas inerentes à arte.

Enfrentamentos cotidianos no ambiente escolar que requer dos docentes, maiormente, dos conteúdos produtores de subjetividades, uma postura de ruptura e de desinterdição desse pensamento anacrônico a bem de uma escola realmente inclusiva, diversa e atualizada com os diferentes

processos identitários que tecem a complexa trama da educação brasileira levando em conta a relação dos sujeitos e seus espaços físicos e subjetivos de representação, identidade e empoderamento.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

_____. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 10 out. 2017.

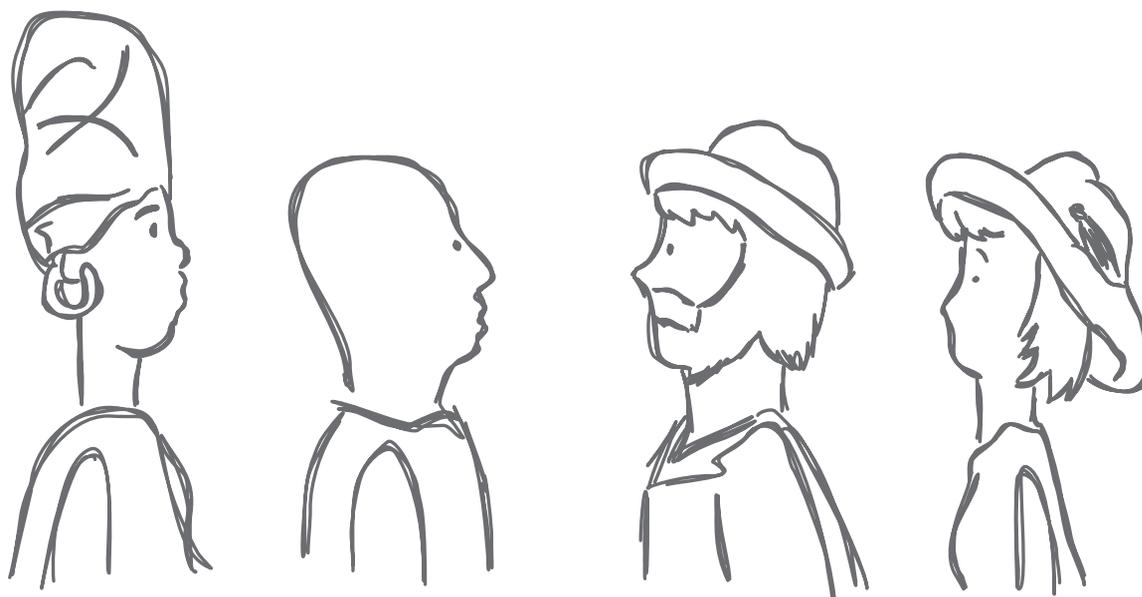
CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O racismo na História do Brasil: mito e realidade. São Paulo: Ática, 1995.
FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Européia, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOUZA, Marina de Mello e Souza. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



Cartografias do olhar: poéticas contemporâneas por dispositivos fotográficos

Brendon Mota Alves

Aluno do curso técnico em Administração
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Kaio Bernardino Cerutti

Aluno do do curso técnico em Administração
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Cristiano Borges dos Santos

Técnico em Audiovisual
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Danielle Cristina Silva

Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Dickson Duarte Pires

Mestres em Artes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)



como os demais participantes, o aprendizado das habilidades técnicas e profissionais quanto ao ofício da fotografia e suas tecnologias. Cientes da valorização pedagógica de cada etapa do projeto, destaca-se a realização da mostra fotográfica *Eclipse: Indizível* como momento da articulação e fruição com o público em geral, sendo alvo de ampla divulgação nos meios midiáticos a exemplo o programa de televisão MGTV e matérias específicas em jornais impressos. Resultando no protagonismo dos estudantes nas ações, assim como, a ampliação da percepção da arte, enquanto mecanismo de interlocução com sociedade, numa perspectiva poética e subjetiva da produção do conhecimento.

Palavras chave: Fotografia Contemporânea. Arte Educação. Resignificação Simbólica. Produção Técnica.

Resumo

O projeto *Cartografias do Olhar: Poéticas Contemporâneas por Dispositivos Fotográficos* desenvolvido no *Campus Uberlândia Centro* é a materialização de um olhar sensível sobre a realidade humana registrada através da ação da luz na câmera fotográfica. Tem por objetivo promover a integração social, cultural e humana por meio da prática da fotografia no ambiente acadêmico, privilegiando os processos de estudo, reflexão e, sobretudo, a produção de registros fotográficos de natureza artística, subjetiva e simbólica. De forma efetiva, o projeto buscou ampliar o acervo e a memória de agentes culturais pertencentes à vida acadêmica no IFTM *Campus Uberlândia Centro* e comunidade externa, por meio da produção de imagens fotográficas que compõem o acervo físico, o patrimônio digital e vitalício da instituição. Em efeito, por meio do desenvolvimento dos estudos e da expressão pessoal através da lente o projeto, visou proporcionar aos estudantes, bem

INTRODUÇÃO

A questão da arte na compreensão dos novos tempos

Estabelecer qualquer pensamento teórico e prático em relação à arte no ambiente escolar é sempre um desafio. A arte por sua natureza inquieta, questionadora, transgressora e violenta é muitas vezes lida na escola como agente que promove a quebra do cotidiano, interfere na rotina do espaço e das pessoas, além de sugerir reflexões

mais densas sobre a vida do que geralmente estamos acostumados. Presente desde sempre na história do homem e das humanidades, a arte cumpriu importantes funções ligadas à descoberta do mundo, registro das atividades sociais, demonstração de poder e, sobretudo, buscou estabelecer relações míticas entre o homem e sua porção inconsciente, subjetiva e afetiva.

Quando se pensar, portanto, em arte contemporânea todas essas questões são indistintamente ampliadas o que de fato propõem aos interlocutores um repensar sobre sua zona de conforto, seus valores, suas percepções e seus juízos ideológicos e simbólicos. Os desígnios da arte contemporânea buscam operar diferentemente com todas as noções de arte produzidas até a Modernidade e nos lança num abismo de possibilidades por nos colocar frente às questões presentes na vida de forma objetiva, clara e irrecuável. Mais que romper com os suportes da arte ou uso de diferentes tecnologias e mídias, o conceito de arte contemporânea busca questionar o próprio conceito, estado e natureza da arte que por vezes não se separa da porção viva dos artistas e dos espectadores. Dentre os temas de exploração, a arte contemporânea é heterogênea e abre espaço para diálogos variados que vão desde a valorização de artistas e temas da cultura popular até a íntima relação com as tecnologias e a física quântica, por exemplo. Entretanto, nada mais próprio da arte contemporânea do que seus diálogos com a vida considerando sua dimensão social e política, costurando temas como violência social e simbólica, estudos sobre sexualidade e gênero, (des)estrutura das arquiteturas das cidades e a relação com corpo humano nu para além de uma percepção biológica.

Assim, no bojo dessa gama de possibilidades temáticas, pluralidade técnica e diversidade de conceitos, a fotografia surge no Projeto *Cartografias do Olhar* como principal linguagem de investigação no desejo de buscar estabelecer novos olhares para o espaço/tempo para além dos muros do IFTM *Campus* Uberlândia Centro. Considerada como importante linguagem que compõe as artes visuais numa perspectiva dinâmica, marcada, sobretudo, pela capacidade de ressignificar o tempo e recortar olhares, a fotografia se tornou o meio de arte mais popular e de maior capilaridade nas diferentes classes sociais e faixas etárias.

Sendo a fotografia capaz de capturar e recortar o retrato da realidade cultural de um povo, ao mesmo tempo eternizá-lo para reflexões e descobertas posteriores e em diferentes meios, pois toda e qualquer imagem é dotada de significado e estabelece o fotógrafo como um artista não mais do ponto de vista do artífice ou do mestre de ofício, mas, sobretudo, pela sua capacidade de estabelecer criticidade, densidade e pureza no modo de capturar os recortes da vida fotografada. Assim, tem-se a própria imagem como arte por

retratar e refletir as relações humanas na sua diversidade, complexidade e incompletude. Monteiro (2012, p. 5) acrescenta a esse debate que:

Os estudos sobre cultura visual problematizam a forma como os diversos tipos de imagens perpassam a vida social cotidiana (a visualidade de uma época), relacionando as técnicas de produção e circulação das imagens à forma como são vistos os diferentes grupos e espaços sociais (os padrões de visualidade), propondo um olhar sobre o mundo (a visão), mediando a nossa compreensão da realidade e inspirando modelos de ação social (os regimes de visualidade).

Para além desses aspectos circunscritos com mais abrangência na dimensão estrutural e técnica da fotografia, a proposta do projeto *Cartografias do Olhar* mirou também na possibilidade de buscar, por meio da materialização de imagens, estabelecer a produção do afeto na mediação do sensível como ferramenta de elaboração do olhar. Agenciamentos feitos na escala das sensações contribuíram efetivamente para guiar tanto o olhar e a prática dos estudantes bolsistas envolvidos quanto à coordenação pedagógica no encadeamento de cada fase/ação do projeto.

DESENVOLVIMENTO

A cidade como metodologia para uma cartografia de sensações

Habitar as cidades contemporâneas é, sobretudo, estar inserido num contínuo fluxo de ser atravessado por diferentes modos de ser, viver e sentir. É na cidade e suas interlocuções simbólicas que se dão os cruzamentos afetivos que redimensiona a vida dos sujeitos num constante ir e vir de (des)encontros. Possibilidades aferidas pelas cidades e seus complexos modos de existir e estimular a leitura de mundo das pessoas que nelas habitam ou passam. Com objetivo de instaurar diálogos fluidos entre questões que afligem o cotidiano social na atualidade, o projeto aciona como paradigma de investigação metodológica o conceito de *Cartografias Simbólicas* do educador Boaventura de Sousa Santos desenvolvida na obra: *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência, a fim de criar, a partir da cidade, mapas conceituais que revelam sensações, conflitos, memórias e apagamentos.*

Todos os conceitos com que representamos a realidade e a volta dos quais constituímos as Ciências Sociais e suas especializações, a sociedade e o Estado, o indivíduo [...] a sociedade-comunidade [...] o regime político e os movimentos sociais [...] todos esses conceitos têm uma contextura espacial, física e simbólica, que nos tem escapado pelo fato de os nossos instrumentos analíticos estarem de costas para ela. Mas que, vemos agora a chave da compreensão das relações sociais de que se tece cada um desses conceitos. (SANTOS, 2001, p. 197)

Questões relativas a espaço urbano, territorialidade, direitos humanos e cotidianidades dão sentido a essa cartografia do olhar como proposta para investigações epistemológicas no campo das artes visuais contemporâneas.

As atividades do projeto de extensão tiveram início considerando a própria etapa de seleção dos orientandos como processo constituinte da metodologia pautada na indissociação entre teoria e prática. Esta etapa aconteceu nas dependências do *Campus* Uberlândia Centro no mês de abril, onde os cinco candidatos produziram uma fotografia e a defenderam poética e tecnicamente para uma banca de professores presidida pelo Técnico em Audiovisual Cristiano Borges, a fim de revelar, além das aptidões artísticas, o desejo de aprofundar conhecimentos na linguagem da fotografia, necessário ao desenvolvimento do projeto.

Na prática, o projeto se iniciou no mês de maio do ano de 2017 e teve como foco o aprimoramento teórico dos bolsistas nos assuntos ligados a técnica fotográfica, a partir de uma série de textos técnicos e artigos científicos especializados no tema. Paralelamente os bolsistas foram estimulados a desenvolver suas próprias poéticas, buscando criar relações objetivas, simbólicas ou pessoais com questões observadas no mundo e que pudessem mover seus olhares a fim de criar uma discussão interessante para o universo da arte. Como percepção individual do artista, a definição da poética visual é o que se sobrepõe à técnica, pois é nesse lugar que reside a característica singular que acompanha o artista. É, sem dúvida, o momento de desenvolvimento da poética e do processo criativo que se percebe a potência criativa do artista e a forma que pretende estabelecer o diálogo artístico, estético e particular com o mundo.

Também, como metodologia de estudo, foi proposto aos bolsistas que realizassem pesquisas nos regulamentos e editais que envolvessem a linguagem da fotografia, com vista a preparar a *posteriori*, material para concursos e mostras fotográficas. Assim, a Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Uberlândia promoveu através de edital específico, o concurso fotográfico *[IN]dizível: outras memórias* com período de inscrição de 3 a 12 de abril com a proposta de evidenciar por meio da fotografia aquilo que não poderia ser descrito em palavras. A perspectiva deste edital compunha a programação oficial da Semana Nacional de Museus que busca estabelecer uma mediação mais próxima entre artistas, museus, galerias de arte e o público em geral.

Sob orientação do professor coordenador Dickson Duarte Pires, o estudante bolsista Brendon Mota Alves inscreveu-se no edital *[IN]dizível* com uma fotografia autoral registrada no ano de 2017, nas dependências do Parque do Sabiá, a qual Brendon nomeou de *Eclipse*.

Fotografia 1: Eclipse. 23/01/2017, Parque do Sabiá - Uberlândia/MG



Crédito: Brendon Mota Alves

Conforme publicação do Diário Oficial do Município, de 25 de abril de 2017, a fotografia de Brendon foi selecionada para compor a *Mostra Coletiva [IN]dizível* que ocorreu na Galeria de Arte Lourdes Saraiva, de 18 de maio a 6 de julho, além de ter figurado entre os três artistas selecionados para realizar exposição fotográfica individual nas galerias municipais.

Considerando que, de modo geral, mostras de fotografia são fruto de processos que compreendem longos períodos, perpassando o tempo de meses ou até anos, lançou-se o desafio de idealizar, produzir, pós-produzir e organizar uma coletânea expressiva de fotografias para realização da mostra em um tempo relativamente curto (cerca de dois meses), ressaltando sua importância como constituinte do calendário cultural oficial do aniversário da cidade de Uberlândia.

Iniciou-se, então, o processo de produção da mostra fotográfica individual, partindo da discussão para escolha do tema. No intuito de dar continuidade aos conceitos até então trabalhados, o tema escolhido seguiu as investigações artísticas suscitadas pela fotografia premiada, *Eclipse*, que também daria nome à exposição.

A cidade de Uberlândia se tornou não apenas o cenário, mas a protagonista dos trabalhos produzidos para essa mostra, exibindo, quando banhada de luz, a estética singular de seus "microeclipses" transfigurados para as formas marcantes das fotografias. Dessa forma, portando o equipamento disponibilizado pelo setor de audiovisual do IFTM *Campus* Uberlândia Centro, uma câmera Canon T5, Brendon percorreu o espaço urbano da cidade por um período de três semanas em busca de imagens que revelassem ao choque singular de luz, sombra e perspectiva, composições margeadas por grafismos e abstração geométrica. A partir de um estudo histórico/geográfico da cidade, a região central foi a escolhida como o foco das expedições fotográficas, pois é onde há maior concentração dos temas que podem ter seus sentidos especialmente alterados pela luz, como marquises e fachadas de edifícios que se elevam acima

da linha do horizonte, configurando um olhar análogo ao evidenciado na fotografia Eclipse.

Fotografia 2: Brendon fotografa a imagem Darko, capa da exposição, em rua do centro de Uberlândia.

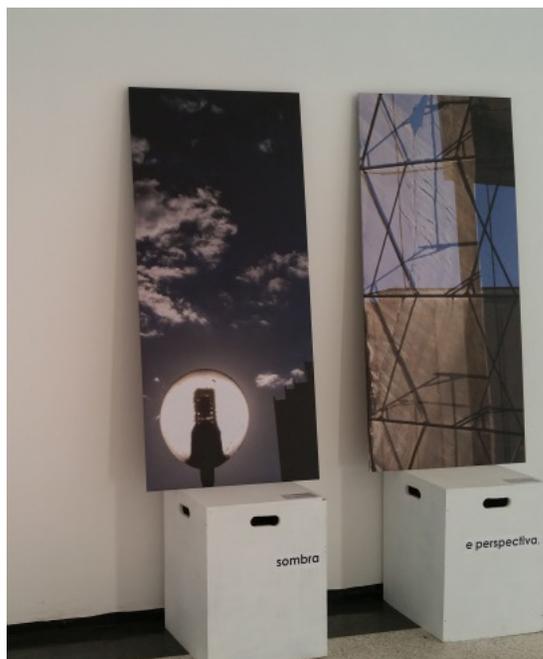


Crédito: Julia Pires

Também, nos centros das cidades, é possível perceber toda a diversidade de pessoas, gêneros, descendências étnicas, classes sociais e condição econômica, fatores que vão estabelecer as arquiteturas visíveis e invisíveis da cidade, além de condicionar o modo em que os sujeitos vão se relacionar com essas arquiteturas.

Após o trabalho de captura e pós-processamento das imagens, houve o momento de curadoria da exposição, assinada pelo coordenador do projeto, no qual, das 36 fotografias produzidas, 14 foram selecionadas para compor a mostra, em tamanhos que variam entre 45x60cm, 135x90cm e 150x100cm. Com a definição do espaço que comportaria as obras, a Galeria de Arte Ido Finotti, a exposição foi formatada de acordo com um complexo projeto museográfico, em que a relação entre obras e espaço se deu de forma singular por apresentar o conceito de fotografia-objeto. Essa ideia foi empregada em três obras e trabalha a mudança de perspectiva ao olhar as imagens que ao invés de serem posicionadas afixadas na parede, se encontram sobre módulos, inclinadas na parede. Em cada um desses módulos, inscritas as palavras: Luz, Sombra e Perspectiva, sugerindo ao espectador um direcionamento para leitura e interação visual com as obras. Ao considerar que essas fotografias estavam expostas de forma não tradicional, abandonando o espaço vertical bidimensional das paredes, migrando conceitualmente para a natureza de objeto numa perspectiva de conjunto tridimensional anunciando o desejo do artista por dialogar sua poética por outras linguagens além da fotografia.

Fotografia 3: fotografias-objeto Solando e White.



Crédito: Kaio Bernardino Cerruti

Fotografia 4: fotografia-objeto Eclipse.



Crédito: Kaio Bernardino Cerruti

O processo de planejamento e execução logística do evento de abertura da mostra fotográfica ficou a cargo dos agentes do projeto, desde a criação gráfica dos convites e material de divulgação à organização da recepção e coquetel. Atividades beneficiadas pelo conhecimento adquirido pelo curso de Administração, no qual os bolsistas estão matriculados, resgatando noções de: comunicação corporativa, ao lidar diretamente com assessores da mídia, como do jornal impresso Diário do Comércio e do programa televisivo MGTV; marketing aplicado à campanha de divulgação; e gestão de pessoas na gerência do evento. Em cartaz de 24 de agosto a 29 de setembro de 2017, a mostra foi vista por 840 espectadores, além dos que não foram registrados no livro de presença.

Fotografia 5: Frente e verso de convite da exposição *Indizível: Eclipse*.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na Intenção de socializar academicamente os conhecimentos aprendidos pertinentes ao universo fotográfico, no decorrer dos estudos teóricos em conjunto com as atividades práticas desenvolvidas durante o projeto, foi pensada uma oficina técnica que pudesse cumprir esse objetivo. A realização do *Minicurso de fotografia Cartografias do Olhar* ocorreu no *Campus Uberlândia Centro* como parte da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2017, no dia 25 de outubro, com duração de duas horas e meia. Introduziu o contexto histórico evolutivo da fotografia e seu papel social, além de: técnicas de composição; regras de exposição; peculiaridades e distinções entre equipamentos; dicas práticas e material referencial para inspiração. Contou com o apoio da comissão do evento, com a inscrição de quase cem alunos e, também, com a contemplação de professores e envolvidos do instituto, sendo uma das oficinas mais prestigiadas, tanto pelo rigor técnico quanto pelo número de participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o desejo e a materialidade - Um processo em devir

O projeto se localizou no campo multidisciplinar da cultura e privilegiou os processos de interação entre diferentes áreas do saber, aproximando os conceitos de arte, educação e tecnologia. De acordo com Schultze (2001), "a arte da fotografia tem o papel de junção, de integração, de transversalidade em todos os espaços da educação, pois, ela está ligada a todas as áreas do conhecimento e à leitura de mundo". A atribuição de significado à imagem produzida pelos estudantes contribuiu significativamente com reflexões sócio e culturalmente importantes, as quais podem ser desencadeadas no *IFTM Campus Uberlândia Centro* e contribuir para a formação crítica e subjetiva de todos os agentes escolares.

A metodologia do projeto *Cartografias do Olhar: Poéticas Contemporâneas por Dispositivos Fotográficos* buscou construir mecanismos para a apropriação e reflexão de temas socioculturalmente ligados à expressão do estudante por meio da arte, especificamente da linguagem fotográfica.

Enquanto aprendiz dos bolsistas, destaca-se a apropriação dos estudos teóricos baseado no material disponibilizado, o notório desenvolvimento técnico adquirido, além do engajamento nos temas poéticos tornando eficaz o domínio dos dispositivos fotográficos. Posteriormente, o conhecimento teórico foi colocado em prática, utilizando os equipamentos do instituto, tendo como atividade momentos livres e coberturas de eventos relativos ao *Campus Uberlândia Centro*, como: a Festa Junina do *Campus* no dia 23 de junho; II Seminário NEABI em setembro de 2017; Café Literário em 16 de setembro; além do evento de abertura da Mostra fotográfica *Indizível: Eclipse* ocorrida em 24 de agosto. Para além de uma cobertura fotográfica jornalística, as fotos buscam estabelecer olhares sensíveis e poéticos na ansia por registrar emoções e momentos de afeto.

A realização do projeto de extensão apresentou como mais efetivo resultado o aprimoramento das técnicas e poéticas dos bolsistas em relação aos dispositivos de tecnologia fotográfica, a inserção dos mesmos na comunidade externa e interna, tornando-os pontos de referência e ou de apoio para outros estudantes, gerando assim visibilidade aos artistas fotográficos que agora podem se denominar assim.

Conclui-se que a realização desse projeto endossa que os estudos que envolvem a fotografia no ambiente escolar mobilizam buscas, desejos, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, individuais e coletivas, trazendo o desenvolvimento nas relações interpessoais e na humanização dos processos. Contribui efetivamente para a qualificação dos processos educacionais, considerando que a formação dos indivíduos passa necessariamente pela prática de arte na

construção de uma relação subjetiva, abstrata e particular de ver e estar no mundo, oxigenando os campos de percepção em favor de uma sociedade de paz em respeito à diversidade de compreensão mútua das diferenças.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Charles (Org.). **Fotografia, história e cultura visual**: pesquisas recentes [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 132 p. - (Série Mundo Contemporâneo) 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para Libertar**: os caminhos do Cosmopolitismo Multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção Reinventar a Emancipação Social, v. 3).

_____. **A Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Para um Novo Senso Comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, 1).

SCHULTZE, Ana Maria. Possibilidades de leitura da imagem fotográfica na escola fundamental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., 2001, Curitiba-PR, 2001. **Anais...** Curitiba-PR: Cianorte, 2001.



Como Flores no Asfalto: Relatório das Atividades de Extensão do Grupo Artvistas IFTM Campus Patrocínio - MG

Carlos Humberto Pereira Filho

Aluno de Eletrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Cecília de Menezes Sobreira Cunha

Mestre em História das Ciências
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Gustavo Cezar Ribeiro

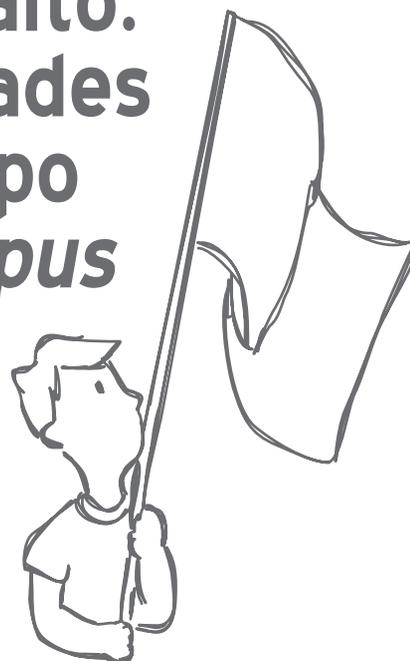
Doutor em Ciência Política
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Larissa de Paula Silva

Aluna de Manutenção e Suporte em Informática
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Samuel Victor Rodrigues Reis

Aluno de Eletrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)



*Uma flor nasceu na rua! Passem de longe,
bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada ilude a polícia,
rompe o asfalto.*

*Façam completo silêncio, paralise os
negócios,*

garanto que uma flor nasceu.

(Carlos Drummond de Andrade)

Introdução

A manifestação artística é um fenômeno intrínseco à experiência humana e contribui para o desenvolvimento da sociabilidade e da capacidade de expressão. Dentro de uma instituição onde o foco é a formação profissional, faz-se imprescindível desenvolver propostas que promovam a expressão artística e colaborem para a construção de uma formação mais ampla, integrada e humana. Este projeto surgiu como proposta/ espaço de atuação/reflexão política e filosófica, as quais podem ser expressas e compartilhadas através da arte. Poderíamos dizer que "a arte não era nossa meta, mas a ocasião e o meio de localizarmos nosso ritmo... E as possibilidades enterradas de nossa época. Tratava-se de uma verdadeira descoberta da comunicação. Ou a busca disso." Sendo assim, a arte foi o meio orgânico favorável ao desenvolvimento de vínculos com a diversidade, ao estímulo da criatividade, do pensamento crítico,

além de ser instrumento de atuação na humanização do mundo, na humanização de si. Assim nasceu o grupo artístico Artvistas.

O primeiro embrião dessa ideia recebeu o nome CENID em CENA e foi criado em junho de 2016. Nele, alunos de diversos Cursos Técnicos Integrados do IFTM *Campus* Patrocínio se mobilizaram para desenvolver uma atividade cultural durante a Semana de Cursos, evento científico da instituição. O nome Artvistas só veio surgir depois, inspirado em uma apresentação cultural realizada no Festival de Artes do IFTM *Campus* Ituiutaba, cuja temática, Arte e Política, deu os tons e os timbres do nome do grupo que pouco a pouco se constituía. Naquele momento se estabeleceu a ideia compartilhada pelos integrantes, a de unir a paixão pela música e a vontade de atuar politicamente na sociedade, de expressar seus posicionamentos sociais, políticos e filosóficos.

O projeto CENID em CENA foi coordenado pela professora Keula Aparecida de Lima Santos e a aluna Ana Luiza Dortas e foi registrado como ação do Centro de Idiomas (CENID), também sob a coordenação daquela professora. O CENID em

CENA, por meio do grupo Artvistas, desenvolveu desde sua criação as seguintes atividades:

- apresentação na Aula Magna do Centro de Idiomas (CENID) no IFTM *Campus* Patrocínio em agosto de 2016;
- produção e apresentação do espetáculo “Passado do Presente” no Festival de Artes do IFTM – *Campus* Ituiutaba em setembro de 2016;
- produção e apresentação do Musical “Minha Bandeira é Minha Canção” na Semana Nacional de Educação Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Patrocínio, em outubro de 2016;
- organização e apresentação no Sarau Cultural da Semana da Biblioteca no *Campus* Patrocínio, em outubro de 2016;
- apresentação do musical “Minha Bandeira é Minha Canção”, no Festival de Teatro da Cidade de Patrocínio, em novembro de 2016;
- interpretações musicais no I Seminário Afroconsciência do IFTM *Campus* Patrocínio, em novembro de 2016;
- produção e apresentação do espetáculo “Cantata de Natal”, realizado na Praça Santa Luzia em Patrocínio – MG, em dezembro de 2016.

Ao iniciar o ano de 2017, o grupo promoveu um momento de interação cultural no qual foi aberto espaço para acolher e integrar novos alunos ao projeto, a partir de então, denominado Artvistas. A nova formação, embora tenha se despedido de alguns integrantes, ainda conta com alunos egressos que se empenham em conciliar suas novas atividades externas aos projetos do grupo. Assim, dando início à produção do musical “Quem canta um conto aumenta um ponto”, apresentado no Sarau Cultural dentro da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Uberlândia e na abertura da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Patrocínio, ambos em outubro de 2017.

Além da participação nestes eventos, o grupo se reúne pelo menos duas vezes por semana para a elaboração das coreografias, ensaios, passagens de som, construção das apresentações, discussão do texto, seleção das músicas, enfim, compartilhando olhares, sons e expressões. À época das apresentações, os ensaios gerais entram noite adentro e se multiplicam durante a semana.

Todos os estudantes, docentes e funcionários do IFTM de Patrocínio conhecem o grupo e reconhecem seus talentos. Os desenvolvimentos da mídia e as postagens cheias de likes em redes sociais demonstram que o grupo ultrapassa o espaço institucional e chega a outros espectadores. A motivação dos integrantes e o desenvolvimento artístico dos alunos-artistas foram essenciais para alimentar o desejo de dar continuidade ao projeto que, agora, leva o nome do grupo, expressando, assim, elementos das identidades de seus integrantes.

A animação e o entusiasmo de todos os que são convidados ou selecionados a participar do projeto é visível. A semente de um sentimento de renovação do ambiente institucional – tradicionalmente mais retraído e metódico – brotou de forma única em cada um dos integrantes. Este sentimento cresceu, criou raízes e floresceu. Sem dúvida o grupo consegue transcender os muros institucionais, fazendo com que o projeto de extensão seja um espaço de desenvolvimento de habilidades musicais, de escrita, atuação, performance, numa experiência poética genuína e muito própria. Os Artvistas conseguiram criar algo diferente de tudo que se costuma vivenciar no ambiente escolar, como eles próprios dizem. Cantores, atores, dançarinos e instrumentistas compunham a primeira formação da equipe, em que todas e quaisquer habilidades são muito bem-vindas e exploradas. Nas audições de seleção para novos membros, as habilidades artísticas são um requisito importante, mas não menos importante do que a disposição para assumir a responsabilidade de ser parte do grupo.

Após encontros e reuniões, o grupo designou seu propósito e visão principal: disseminar críticas sociais, ideias e intervenção através da arte. Foi precisamente da palavra *ativista*, cujo conceito remete a alguém que luta e se empenha de maneira engajada por uma causa específica, que surgiu o nome do projeto. A aglutinação desse termo e do vocábulo *arte* foi escolhida para apontar o significado do conjunto, unindo os principais sentidos que o caracteriza.

Relatos de Experiência

Hoje, o grupo Artvistas conta com 25 participantes dos diversos cursos do Ensino Médio Integrado, além de 2 alunos egressos. A coordenação do projeto foi substituída em virtude da redistribuição da professora Keula, ficando ao cargo da professora Cecília de Menezes Sobreira Cunha e do professor Gustavo Cezar Ribeiro, ainda que o grupo seja autônomo na execução de tarefas, construção criativa e tomada de decisões. A dinâmica de tomada de decisões, organização de ensaios e iniciativas é baseado na autogestão dos próprios membros – nas palavras de sua primeira coordenadora, professora Keula, os Artvistas “são autogerenciáveis”. A maior parte do trabalho dos coordenadores acaba por se restringir a tarefas burocráticas – preencher papéis de solicitação de transporte e inscrição em eventos, além de alguns ajustes nos relatórios das atividades. Os alunos criam praticamente todo o espetáculo e se organizam em suas atividades.

Nesse sentido, ninguém melhor para contar o que são os Artvistas do que seus próprios integrantes. De acordo com o relato da Larissa de Paula Silva,

Tudo começou com a Semana de Cursos de 2016, quando, por entretenimento, cantávamos algumas músicas e minha professora teve a ideia de fazermos um musical. Depois da primeira apresentação com enfoque nas questões políticas atuais, ocorrida em Ituiutaba, começamos a receber convites e assim ficamos cada vez mais conhecidos. Cada música, cada passo, cada parágrafo era escolhido com uma atenção especial e carregava uma mensagem positiva ou uma revolta. Expressamos a cultura e a arte por meio da música, do teatro, da dança e da literatura, transmitindo uma energia que nem nós mesmos conseguimos entender, mas que mostra que um futuro melhor é possível. Com o andamento do grupo nos tornamos uma verdadeira família, a união que temos, nossa facilidade em trabalhar em equipe e respeitar opiniões contrárias, porém importantes, nos tornaram pessoas melhores e capazes de questionar o mundo em que vivemos. Essa curta jornada nos fez crescer e amadurecer tanto como indivíduos como estudantes, e sou extremamente grata por poder viver isso e saber que o que fazemos com tanta dedicação faz a diferença. O Artistas é um sonho realizado. Sinto-me privilegiada por fazer parte desse grupo que é independente e, ao mesmo tempo, dependente de seu público

(depoimento da aluna Larissa de Paula Silva).

Processo Criativo

O processo de criação do grupo também evidencia o funcionamento do grupo, como criar uma obra a tantas mãos? Cada componente dos Artistas assume sua posição orgânica no grupo, de acordo com suas habilidades e afinidades. Quem gosta de escrever, escreve o enredo e a narrativa do musical. Quem sabe coreografar, apresenta a sequência de passos e sugere aos demais dançarinos, construindo em parceria e montando o conjunto da obra. As escolhas das músicas cantadas e de quem canta é consensual, tudo flui em harmonia, ainda com toda diversidade no grupo.

Os modos de fazer do grupo também são expressos pelo relato do aluno Carlos Humberto:

No nosso processo de criação, não acreditamos que haja algum enigma. Não é muito complicado e não envolve nenhuma matemática muito elaborada. Ahamos que a funcionalidade e a propulsão residem nas divergências opinativas. Sim, isso mesmo, nas nossas oposições. Por sermos várias pessoas com várias ideias diferentes, conseguimos várias decorrências: as somas, as divisões e as subtrações das primeiras. Nossas ideias nascem de onde têm que nascer. De um olhar, de uma mágoa, de onde quer que estejam e tenham que vir. Elas acontecem, e isso é o que basta.

(depoimento do aluno Carlos Humberto Pereira Filho)

Talvez seja válido solicitar licença poética para chamar o grupo de *microcosmo social* artístico e democrático, com princípios éticos e direcionamentos políticos, transformadores e filosóficos, mesmo que no lidar cotidiano do grupo tais diretrizes não sejam pronunciadas. Ainda que também ninguém tenha sentado para discutir os fundamentos políticos e organizacionais dos Artistas, o grupo tem assim se constituindo espontaneamente.

É claro, sempre temos um destino; um foco, uma meta. Nossas ideias vêm também daí. De conversas reflexivas, ou ainda melhor, de telepatias. De entendimentos que vêm após um papo legal ou alguns segundos de olho no olho. Vem do sentido e da sabida projeção de futuro que já certa: a de realização. Por sermos tão conexos, ainda que totalmente acoplados por características únicas, criamos com toda a legitimidade digna a palavra, pois os Artistas, o nosso trabalho, a nossa arte é o resultado de todos nós. Nenhum de nós é estreitamente semelhante. Nós somos formados por uma equação, na verdade, é melhor dizer por uma fórmula química de elementos tão distintos e suplementares que é surpreendente. Às vezes, alguns cantam ou fazem isso e ainda dançam na sua proporção. Alguns escrevem e também dão ritmo. Atuam, inventam e, o melhor, se reinventam. Assim funcionamos. No entanto, não acreditamos que o inédito e o surpreendente e o mais mágico esteja apenas na nossa pluralidade. Sim, é isso incrível, mas o melhor fica no desfecho, isto é, a força que erige o movimento até tornado em real o seu anseio

(Idem).

A dinâmica de criação é espontânea, vai acontecendo despretensiosamente, é como se não tivesse sido escrita nenhuma cartilha de gerenciamento e funcionamento de um grupo de artes, ou se dela não se precisasse.

O nosso trabalho é uma loucura. Partidas, desencontros, olés e ensaios. Às vezes, em uma tarde queimada pelo sol até o vento da noite, já em outro às vezes, no contratempo que é insuficiente até mesmo para a tomada de um café. Nada que seja impossível, é claro. Somos de marcação, de hora a hora e ponto encerrado. Mas quem é que resiste a um pouco de prazer ou a um saboreio de felicidade a mais? As temporadas de apresentações são a melhor parte e época. Encontro a toda hora, conversas também e uma completa dedicação. Confluência é o que há de melhor em nós. É palavra que muita gente não conhece e é também onde se resume a nossa melhor habilidade: a de olhar e desenhar uma trajetória rumo a um propósito.

(Idem)

Todo o grupo é orgulhoso de si e do trabalho que realiza, com dedicação e muitas vezes abdicando de outros projetos individuais. Grande parte dos alunos está no último ano dos cursos integrados, o que significa que estão envolvidos com as seleções para futuro ingresso na educação superior, como ENEM e outros vestibulares. Ainda assim, o envolvimento com as apresentações e ensaios é intenso. Todos que fazem parte do grupo gostam de fazê-lo, como podemos ver pelo relato do aluno Carlos Humberto:

Quando me convidaram para ser um membro ativo dos Artistas, eu não sei bem ao certo descrever o que aconteceu dentro de mim. Acho que o que me veio em sentimento, em primeira hora, foi uma singela tempestade que misturava em seus ventos um pouco de medo, alegria, triunfo e honra. Sim, eu senti um pouco de medo – aquele que é obrigatoriamente habitual quando se depara com uma novidade proposta pelo futuro –, mas também era um festejo interior tão grande por ser convidado para fazer parte de um grupo ideologicamente semelhante a mim que qualquer outra palavra que não seja sinônimo ao termo sim passou pela minha cabeça. Relativamente, sou um membro recente do grupo. Aliás, um dos mais recentes. No entanto, acredito que isso não impeça que eu trace algumas perspectivas e sofra modificações.

Acredito que o trabalho que nós, os Artvistas, fazemos ultrapassa os limites previstos pelos projetos de extensão e cruza uma via de mão dupla. Sim, ao fazer uma arte legitimamente engajada, o nosso grupo consegue mudar, ou melhor, revelar pensamentos, olhares e ideias que, em maioria, não são tão privilegiadas por luminosidade quanto deveriam. Mas, o melhor de tudo não está só aí, vejo que a verdadeira e pura magia está no poder da nossa transformação e progresso do eu

(Idem).

Se por um lado a produção da arte e promoção cultural como previstas pelo projeto de extensão tem alcançado um grande êxito, por outro, os objetivos desta proposta de trabalho tem transcendido suas expectativas. Chamar os Artvistas de um projeto de extensão parece não contemplar a dimensão que as atividades e a dinâmica do grupo têm alcançado em nível individual em cada um dos integrantes, como também no coletivo.

Às vezes, me pergunto o que nós somos. Antes, admito que nem sabia o que eu realmente era, mas já no hoje vejo com algum parecer de clareza a nossas múltiplas faces: ira, paixão, revolta, paz, choro, lembrança e expectativa. Sim, nós somos tudo isso e ainda o que eu nem sei dizer. Como fios que se entrelaçam e dançam em curto circuito, nós somos uma quente hesitação que independentemente se organiza de maneira tão esdrúxula e pulcra que chega a me gerar espanto e admiração. Nós somos vários, somos cada membro único, cada membro conjunto, várias ideias que se divergem, acrescentam e interagem não porque querem ou aspiram, mas porque precisam

(Idem).

Considerando que grande parte dos Artvistas irá deixar a escola no próximo ano, já que estão concluindo o terceiro ano, o futuro deste projeto de extensão tem sido bastante intrigante. Duas possibilidades controversas são levantadas: a primeira de abrir audição no início do ano que vem para substituir os integrantes que deixarão a escola; e a segunda de desvincular o grupo dos âmbitos do IFTM *Campus* Patrocínio. Esta última tem sido defendida pelo medo de que o grupo se descaracterize em sua essência e significado em caso da substituição da grande maioria dos integrantes.

É o que nós somos. Tudo o que sentimentos, cantamos, dançamos, escrevemos, criamos e transmitimos. É o que somos e ainda o que seremos, porque, de fato, este é o nosso futuro. Ser fielmente o que somos, o que acreditamos ser e o que desejamos ser: os Artvistas

(Idem).

A pedagoga do Núcleo de Apoio Pedagógico, Camila Giordani, afirmou que *"os alunos do grupo Artvistas assumiram uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, um desafio ao elaborarem um projeto que contemplasse diferentes abordagens sociais"*. E sobre a última criação do grupo, o musical *"Quem canta um conto aumenta um ponto"*, continuou,

de uma maneira lúdica, a proposta, que contém várias formas de expressões artísticas, tais como: a corporal, a visual e a musical, consegue atingir diferentes faixas etárias ao ressignificar histórias infantis consagradas". Momentos como este, ademais de auxiliarem no desenvolvimento psíquico-social dos discentes, colaboram também na compreensão e reflexão de temas atuais significativos para aqueles que o assistem

(depoimento da pedagoga Camila Giordani).

Independente dos destinos deste grupo, que como todas as demais decisões concernentes a ele será definido em coletivo, o que verificamos é um grande sucesso das atividades deste projeto de extensão que, como já dissemos, conseguiu ir além dos objetivos aos quais se propôs, *"porque, eu acredito que o nosso intuito, o nosso instinto seja lutar, metamorfosear e revelar a nossa capacidade de realmente amar"* (depoimento do aluno Carlos Humberto).

Os alunos do grupo *"Artvistas"* assumiram uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, um desafio ao elaborarem um projeto que contemplasse diferentes abordagens sociais. De uma maneira lúdica, a proposta, que contém várias formas de expressões artísticas, tais como: a corporal, a visual e a musical, consegue atingir diferentes faixas etárias ao ressignificar histórias infantis consagradas. Ademais, momentos como este de auxiliarem no desenvolvimento psíquico-social dos discentes, colaboram também na compreensão e reflexão de temas atuais significativos para aqueles que o assistem.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Depoimentos

Carlos Humberto Pereira Filho em relato dia 01 de novembro de 2017.

Larissa de Paula Silva em relato dia 01 de novembro de 2017.

Samuel Victor Rodrigues Reis em relato dia 01 de novembro de 2017.

Camila Cunha Oliveira Giordani em relato dia 01 de novembro de 2017.



IFTM Corrida de rua: sangue jovem no esporte

Firmiano Silva

*Especialista em Direitos Humanos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Camila Ferreira Lacerda

*Bacharel em Educação Física
Centro Universitário do Triângulo (UNITRI)*

Edilaine Nunes de Freitas

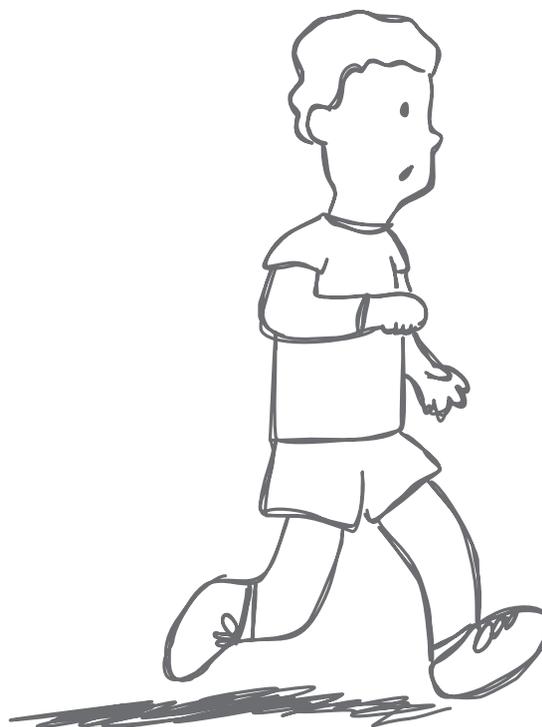
*Bacharel em Nutrição
Centro Universitário do Triângulo (UNITRI)*

Larissa Azambuja Elias

*Especialista em Clínica Psicanalítica em extensão
Faculdade Pitágoras*

Rubens Pascoa Júnior

*Especialista em Gerenciamento de Projetos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



Resumo

Esse trabalho relata o projeto de extensão “IFTM Corrida de rua: sangue jovem no esporte”, desenvolvido na cidade de Campina Verde (MG). O objetivo do projeto foi contribuir com o processo educacional e formativo dos participantes por meio da prática da corrida de rua, desenvolvendo valores associados ao esporte como respeito, tolerância, amizade, autoestima, disciplina e confiança. A principal marca do projeto foi a união, por contar com apoio de diversos profissionais e instituições para vencer as dificuldades técnicas e de infraestrutura. O projeto pode ser lido considerando-se três dimensões: social – pela promoção da inclusão de seus participantes de (em) diferentes camadas sociais; educativa – por trabalhar qualidade de vida e valores humanos; e esportiva – por explorar o potencial competitivo dos participantes. O público-alvo do projeto foram crianças e jovens a partir de 12 anos de idade integrando alunos do IFTM e comunidade. Os treinos aconteceram em ruas e praças da cidade com orientação de equipe multidisciplinar. Alguns fatores como equipe executora multidisciplinar e apoio institucional irrestrito foram determinantes para o sucesso do projeto.

A equipe conquistou bons resultados em diversas provas de corrida de rua na região com destaque para as provas de atletismo nos Jogos dos Institutos Federais (JIF), nas etapas local e regional, que tornou-se uma referência regional na linha de projetos esportivos e sociais. Entretanto, a maior vitória foi no aspecto humano com as experiências vividas.

Palavras-chave: Educação. Esportes. Saúde. Inclusão social.

Introdução

O artigo 6º da constituição federal traz o Lazer como Direito Social. O esporte, como lazer, é uma ferramenta que busca não só o divertimento, mas auxilia na busca por saúde e dignidade humana, sendo um fator de inserção social muito significativo.

Dessa forma, a atividade física regular é fundamental em qualquer idade e, na adolescência, ela

se faz mais importante ainda, porque é nesse período que ocorrem diversas mudanças emocionais e comportamentais do indivíduo. Segundo diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria, Crianças e Adolescentes, de 6 a 19 anos de idade, devem acumular pelo menos 60 minutos diários de atividades físicas de intensidade moderada a vigorosa, sendo que a prática de atividade física superior a 60 minutos fornece inúmeros benefícios adicionais para a saúde (SBP, 2017).

No entanto, a realidade mostra que, em muitos lugares, infelizmente as pessoas não desenvolvem essa prática, seja pela falta de incentivo ou pela situação de marginalidade social em que as mesmas se encontram. Segundo Figueira (1997, p.61), as principais barreiras à prática de atividade física entre adolescentes são a falta de equipamento e de tempo, sendo também motivos de relevância a falta de interesse, autodisciplina e clima adequado.

Analisando dados extraídos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), observa-se que os jovens e adultos com 15 anos ou mais de idade que não praticavam qualquer tipo de esporte ou atividade física equivalem a 62,1% da nessa faixa etária (BRASIL, 2017). A pesquisa também mostra outra constatação importante de que o nível de escolaridade apresenta relação inversa com a ausência de prática esportiva, sendo que o percentual de pessoas praticantes de algum esporte ou atividade física foi crescendo, conforme o grau de instrução.

Dentre os vários tipos de exercícios físicos, a corrida de rua vem atraindo cada vez mais adeptos. Pela facilidade de ser praticada em muitos lugares, é um dos esportes individuais que mais cresce anualmente no mundo (CBAT, 2014), transformando-se em um fenômeno social.

Objetiva-se, nesse ínterim, contribuir com o processo educacional e formativo dos participantes, através da prática da corrida de rua, desenvolvendo valores associados aos esportes, como respeito, tolerância, amizade, autoestima, disciplina e confiança.

Assim, os treinos de corrida de rua foram organizados em sessões de 60 minutos diários, três vezes por semana nos fins da tarde em ruas e praças da cidade de Campina Verde (MG). Os corredores passaram por avaliações físicas e corporais realizadas por parceiros do projeto e, a partir disso, os treinamentos foram acompanhados por educadores físicos e supervisionados pelo coordenador do projeto.

A equipe teve brilhante participação nos Jogos dos Institutos Federais (JIF), e também participou de várias provas de corrida na região com boas colocações. No entanto, o melhor resultado foi no âmbito educativo e social com aumento do

nível de comprometimento e pertencimento dos alunos junto à Instituição e uma maior participação das famílias no cotidiano escolar e desenvolvimento de valores sociais.

A Experiência

As atividades esportivas tiveram início com a iniciativa do coordenador do projeto em preparar alguns alunos do IFTM *Campus* Avançado Campina Verde para participação nas provas de atletismo dos Jogos dos Institutos Federais (JIF).

Correndo pelas ruas e avenidas da cidade, em algumas semanas, o número de atletas que inicialmente era de 6(seis) aumentou rapidamente com a chegada de amigos, vizinhos e familiares. Segundo (TRUCCOLO; MADURO, FEIJÓ, 2008), a aderência à prática da corrida não é motivada simplesmente por uma insatisfação com a imagem corporal, mas antes pelo convívio obtido através da prática da mesma em grupo com outros de idade e interesses similares.

Assim, a pronta resposta da comunidade inevitavelmente levou-nos à idealização de um projeto que contemplasse a expectativa de uma legião de corredores que já se desenhava. Contudo, junto com a euforia vieram algumas preocupações. Apesar de trazer benefícios, a corrida também pode ser prejudicial quando mal orientada, isso porque a modalidade exige grande esforço. Os adolescentes também devem ter cuidados redobrados com a postura ao se exercitar, pois ainda não possuem boa consciência corporal.

Para ajudar a resolver essas questões contamos com orientação acadêmico-institucional do Professor Paulo Henriques Soares de Carvalho, do IFTM *Campus* Uberaba, que com sua experiência delimitou pontos importantes para o desenvolvimento de projetos dessa natureza. Assim, algumas parcerias foram buscadas e atenderam cordial e prontamente às necessidades do projeto.

A prefeitura Municipal de Campina Verde disponibilizou os educadores físicos Camila Ferreira Lacerda e José Alves Pereira para comporem a equipe executora do projeto e, também, contribuiu com auxílio de infraestrutura e logística para os treinos e viagens.

O médico Dr. Marco Antônio Sallum veio cordialmente de Uberlândia a Campina Verde. Visitou o IFTM para conhecer de perto o projeto e avaliou os participantes para atestar aptidão para realização de atividades físicas, como vemos na figura 1.

Figura 1: Registro das avaliações clínica e física



Fonte: arquivo pessoal.

O Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia FAEFI realizou um evento exclusivo para o projeto de corrida do IFTM. Na ocasião, foram feitas avaliações físicas dos participantes. Participaram do evento 22 atletas e a equipe executora.

As avaliações realizadas foram:

- 1) de composição corporal (bioimpedância);
- 2) do Salto Vertical: Potência de membros inferiores;
- 3) da Velocidade Aeróbia Máxima: Corrida em pista (T5min).

Após as avaliações, a equipe Multidisciplinar de Avaliação e Preparação Física da FAEFI dirigida pelo Professor Guilherme Gularte De Agostini promoveu um workshop sobre treinamento de corrida de rua com importantes esclarecimentos sobre a prática de corrida, conforme registrado na figura 2. Os testes e a capacitação serviram de referência para o aprimoramento dos treinamentos.

Os anjos da guarda

Algumas dificuldades ocorreram com o andamento das atividades, entre elas as condições desfavoráveis que a maioria dos atletas apresentava para treinar. Por contarem com poucos recursos financeiros, muitos não possuíam calçados e vestuários adequados para a prática de corrida, ensejando até mesmo correr descalços. A alternativa foi pedir ajuda a grupos de corredores conhecidos o que rendeu farta doação de camisetas, shorts e tênis de corrida. O gesto, além atender às necessidades dos atletas, também serviu como lição educativa sobre o valor da união e colaboração entre as pessoas.

As três dimensões do projeto

A doação do material foi o prelúdio do viés mais significativo do projeto que era a questão social. Tal fato destacou a importância e o potencial do projeto no papel de colaborar com a inclusão e redução das desigualdades. Desse ponto em diante, as ações passaram a ser pensadas considerando-se sempre três dimensões fundamentais: educativa, social e esportiva.

Dimensão Social – Algumas pessoas que mesmo próximas pareciam invisíveis passaram ser vistas e também convidadas a participarem dos treinamentos. A experiência resultou na inclusão de um participante surdo, pai de aluno que sempre acompanhava os treinos à distância, porém até então não tinha coragem de se oferecer. Outro fato relevante foi a integração de alunos atletas do Centro Educacional Carvalhinho (APAE) de Campina Verde. Por sugestão da psicóloga Larissa Azambuja Elias, passaram a treinar com nossa equipe visando participação no campeonato regional de atletismo das APAES. Tal experiência foi uma lição de vida para todos nós e de fundamental importância no aprendizado de valores como tolerância, respeito às diferenças e solidariedade.

Assim, do ponto de vista da inclusão a prática de esportes como a corrida de rua, além de atuar no desenvolvimento cognitivo, também trabalha o senso comum através da convivência social, a criatividade, a expressividade, a cooperação social e favorecem a construção de identidade, cultura, valores, atitudes colaborativas e de cooperação (FALCÃO, 2017).

Dimensão Educativa - O esporte tem uma enorme responsabilidade na organização e transmissão de conhecimento nos diferentes aspectos sociais. Pensando nessa oportunidade, regularmente um treino especial num final de semana culminava em uma confraternização

entre os atletas e equipe executora. Nesses momentos, alguns convidados de referência esportiva ou social na cidade abordavam temáticas educativas ratificando os pilares fundamentais do projeto. Entre os participantes tivemos um representante da polícia militar e palestra sobre qualidade na alimentação com a nutricionista Edilaine Nunes de Freitas, que também é colaboradora do projeto.

No dia a dia dos treinos, mesmo em momentos informais de descontração ocorriam diálogos educativos fruto de dúvidas e questionamentos dos alunos sobre assuntos diversos. A nutrição foi um dos mais abordados, tal com-

portamento é explicado por Benedikt, Werthein e Love (1998, p. 43), “A influência dos pais e amigos é muito grande sendo que a aprovação e aceitação por parte destes dos seus hábitos dietéticos e da seleção de alimentos têm muita importância para os adolescentes”.

Assim, com o empoderamento e autoestima elevados, convocamos os jovens atletas a assumirem papel de referência entre os colegas e a comunidade. Juntamente com o coordenador do Projeto participaram de ciclos de palestras em escolas públicas de Campina Verde sobre temáticas de *bullying* relacionando as suas vivências ao projeto, como vemos na figura 2.

Figura 2: Palestra sobre bullying em escola pública de Campina Verde



Fonte: arquivo pessoal

Dimensão esportiva - Embora a qualidade de vida sempre prevalecesse, a busca por bons resultados esportivos também foi presente e importante fator de motivação. A qualidade dos treinamentos aliados à boa aceitação por parte dos atletas resultou em expressivos resultados nas provas de corrida em que a equipe participou na Cidade de Campina Verde e Região. Tal fato despertou interesse e admiração de outras pessoas pelo projeto, inclusive nas cidades visitadas.

Além dos treinamentos, a vivência com atividades motoras variadas por parte de alguns atletas foi fator determinante. Muitos jovens provêm de cotidiano em atividades rurais, o que lhes concede força e resistência acima da média. Essa realidade é comum em pequenas cidades do interior. Bompa (1995) destaca que experiências motoras dessa natureza são fundamentais para a construção física do atleta sendo um dos fatores mais determinantes do treinamento de crianças e jovens.

A equipe colecionou pódios em várias provas de corrida de rua na região. Um exemplo, retratado na figura 3, em que conquistamos 5 troféus na prova “Corrida para o Futuro”, na cidade de Araxá (MG), em outubro de 2017.

Figura 3: Comemoração da equipe na “Corrida para o Futuro”.



Fonte: arquivo pessoal

Entretanto, o resultado mais significativo foi a participação nos JIF 2017. Apesar de ser uma competição restrita a alunos dos cursos presenciais do IFTM, houve uma verdadeira sinergia entre todos da equipe. O apoio durante os treinos foi um fator de motivação fundamental na preparação. Os atletas que ficaram, incentivaram e torceram para os que representariam o grupo na competição. A corrida, embora seja disputada individualmente, nos treinamentos é um esporte de equipe com alto grau de colaboração.

Figura 4: Premiação na etapa local do JIF



Fonte: arquivo pessoal

Nos dias 29 a 31 de agosto, juntamente com o restante da delegação que representou o IFTM disputamos a etapa Sudeste do JIF, em Campos dos Goytacazes (RJ). Os atletas de Campina Verde conquistaram bronze nas provas de revezamento 4x400 masculino e 4x400 feminino, além de boas colocações em provas individuais. Tais resultados foram determinantes para a conquista do 3º lugar geral pelo IFTM no atletismo, consolidando de forma inquestionável o trabalho de todos.

Considerações Finais

O “Projeto IFTM Corrida de Rua: sangue jovem no esporte”, em sua empreitada de divulgar e promover a prática da corrida de rua, junto aos alunos do IFTM *Campus* Avançado Campina Verde e comunidade externa, tem cumprido de forma brilhante o seu papel.

Na etapa IFTM dos Jogos dos Institutos Federais que ocorreu entre os dias 29 de junho a 04 de julho, a delegação do *Campus* Avançado Campina Verde participou pela primeira vez na modalidade atletismo com 9 atletas. Todos foram premiados, sendo que 8 se classificaram para a Etapa Sudeste do JIF 2017. Na figura 4, a premiação em que ao todo conquistamos um total de 11 medalhas nas provas de 100, 400, 800, 1500 e 3000 metros feminino e 200, 800, 1500 e 5000 metros masculino, além dos revezamentos 4 x 400 masculino e feminino. Uma verdadeira chuva de medalhas!

Considerando as dimensões esportiva, social e educativa, inseriu no cotidiano de crianças, jovens e adultos a prática de esportes. Ao mesmo tempo, promoveu ações de inclusão e tornou-se uma referência regional nessa linha de projetos esportivos. Alguns fatores como equipe executora multidisciplinar e apoio institucional irrestrito, foram determinantes para o sucesso do projeto.

No entanto, muitos aspectos ainda precisam ser melhorados, como infraestrutura adequada para atividades e planejamento de recursos (que praticamente não ocorreu), que são os principais desafios para as próximas versões do projeto.

Na corrida, cruzar a linha de chegada é sempre uma vitória. O término da prova nunca representa o fim, mas o início de novos desafios. A metáfora se aplica a este projeto. Cruzando-se a linha final do cronograma, este se concluirá, no

entanto, o final está muito distante. O legado que ficou certamente está registrado no coração e na memória de todos que vivenciaram os momentos aqui relatados.

Em projeções futuras, almeja-se uma promoção em nível de programa institucional, envolvendo toda comunidade acadêmica e seguindo premissas de inovação, ética, responsabilidade, valorização das pessoas e respeito à diversidade.

Referências

BENEDIKT, R.; WERTHEIN, E. H.; LOVE, A. Eating attitudes and weight-loss attempts in female adolescents and their mothers. *J. Youth Adolesc.*, v. 27, n.1, p. 43 – 57, 1998.

BOMPA, T. *From childhood to champion athlete*. Toronto: Veritas Publishing Inc, 1995. 205 p.

BRASIL. Empresa Brasil de Comunicação. IBGE: 100 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não praticam esporte no Brasil. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-05/ibge-100-milhoes-de-pessoas-nao-praticam-esporte-no-brasil>> Acesso em: 15 Out. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAT). Podium: revista do atletismo brasileiro. 2014. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/publicacoes/revista_podium_ed_01.pdf>. Acesso em: 08. Out. 2017.

FALCÃO, Benefícios físicos e psicológicos da prática de exercícios. 2017. Disponível em <<http://www.psicologianoesporte.com.br/beneficios-fisicos-e-psicologicos-da-pratica-de-exercicios/>> Acesso em: 03 Nov. 2017.

FIGUEIRA JR, A.J. et al. Barreiras para a aderência à atividade física em adolescentes e adultos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, 1., 1997, Florianópolis – SC. Anais... Florianópolis – SC, 1997.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Manual de Orientação: promoção de Atividade Física na Infância e Adolescência. (2017). Disponível em <http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19890e-MO-Promo_AtivFisica_na_Inf_e_Adoles-2.pdf> Acesso em: 09 de ago. de 2017.

TRUCCOLO, A. B.; MADURO, P. A.; FEIJÓ, E. A. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. *Revista Motriz*, v. 14, n. 2, abr-jun, pp. 108-114, 2008



Oficinas de linguagens, códigos e suas tecnologias

Márcia de Fátima Souza Xavier

*Doutora em Literaturas Modernas e Contemporâneas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Cíntia Fonseca Magalhães

*Mestranda em Empreendedorismo e Internacionalização
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

José Lucas Lopes

*Aluno do Curso Técnico em Eletrotécnica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Luana Aparecida Silva Borges

*Aluna do Curso Técnico em Logística
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



Resumo

Apresenta-se, por meio deste trabalho, o relato de experiência do projeto de extensão Oficina de linguagens, códigos e suas tecnologias, apoiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) Campus Patos de Minas — Edital 03/2016. Tendo como textos motivadores os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM, 2000) e as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+, 2002) do ensino médio da área de linguagens, códigos e suas tecnologias e considerando que a linguagem não se reduz a simples veículo de transmissão de informações e mensagens de um emissor a um receptor, nem é uma estrutura externa a seus usuários, mas entendendo-a como “a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (PCNEM, 2000, p. 5), firma-se como espaço de interlocução e deve ser entendida como atividade sociointeracional. O referido projeto visou aprimorar o conhecimento

linguístico, cultural, bem como a visão crítica dos envolvidos por meio de oficinas que fizeram uso de variados tipos de linguagens, códigos e suas tecnologias. Por meio do desenvolvimento linguístico, os envolvidos utilizaram diversos tipos de signos para trabalhar a oralidade (expressividade, entonação, dramatização); a leitura (oral, dramatizada); a linguagem (oral, escrita, coloquial, culta); a produção de textos (poemas); a linguagem corporal (libras, teatro, dança); e a linguagem digital (atividades realizadas em ambiente virtual). O projeto propiciou, também, o desenvolvimento do diálogo, da criticidade reflexiva, da interação e da ampliação do repertório cultural dos envolvidos.

Palavras-chave: Linguagens. Leitura. Comunicação. Expressão.

Introdução

Tendo como realidade a constatação de que grande parte dos estudantes que chegam ao ensino médio possui defasagens no seu processo de escrita e, também, dificuldades de comunicação, é de suma importância que a escola atue de forma a propiciar aos discentes novas formas de aprendizagens, por meio de atividades extraclasse, para que se possa aprimorar, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Além disso, faz-se urgente e necessário que os estudantes estejam inseridos

em um ambiente que os levem a participar, de forma crítica, em seu espaço social de forma a “pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que possam participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade de estudos”. (PCNEM, 1999, p. 5)

Motivado por essas considerações, o projeto Oficinas de linguagens, códigos e suas tecnologias teve como objetivo geral fazer uso de linguagens nos três níveis de competência: interativa, gramatical e textual para que se pudesse promover a prática de leitura, a produção de textos e suas múltiplas interfaces — ensino, arte, literatura, tecnologia, corporeidade e ludicidade — a fim de contemplar demandas não só da comunidade interna, mas também da externa. Inseridos dentro deste objetivo geral, encontram-se os objetivos listados abaixo que seguem as competências do PCN da área de linguagens, códigos e suas tecnologias:

- analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção;
- entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar;
- compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade;
- conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais;
- compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade;
- compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação;
- confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
- compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Desenvolvimento

A equipe executora do projeto Oficinas de linguagens, códigos e suas tecnologias é composta pelos professores do IFTM Campus Patos de Minas: Márcia de Fátima Xavier e Cíntia Fonseca Magalhães e pelos alunos José Lucas Lopes e Luana Aparecida Silva Borges. As atividades do projeto foram desenvolvidas em espaços do *campus* e também na biblioteca pública da cidade, a Biblioteca João XXIII. Durante todo o período de execução, procurou-se destacar a importância de se cultivar o hábito da leitura para que se possa trabalhar a linguagem de forma mais efetiva nos seus níveis de competência. O incentivo à prática da leitura foi o eixo norteador do projeto. Com frequência mensal, foram discutidas obras literárias que tiveram adaptações para a linguagem cinematográfica. Em todas as oficinas, houve sorteio da obra em questão e outras relacionadas à temática. Durante a execução do projeto, foram doadas mais de sessenta obras literárias. A dinâmica das oficinas consistiu em: apresentação do autor da obra, breve comentário do livro e da adaptação. Também eram indicadas outras obras relacionadas à temática com o intuito de ampliar o leque de possibilidades de leitura sobre a temática trabalhada. Em algumas oficinas, contamos com a parceria do monitor de História do *campus*, Felipe Alves Nazário, para contextualização histórica das obras. Após a exibição do filme, abria-se espaço para debate a fim de potencializar o pensamento crítico dos participantes e fomentar discussões e exposições de opiniões.

O primeiro livro trabalhado, em oficina realizada no dia 20/04/17, conforme Figura 1, foi o livro *Os 13 porquês*, do autor estadunidense Jay Asher, publicado em 2007. O livro foi transformado em série pela Netflix; temas como *bullying* e suicídio são abordados. Nessa edição do projeto, exibiu-se o primeiro episódio da série; na sequência, houve debate. Outras obras que lidam com as temáticas de *Os 13 porquês* foram mencionadas. A motivação dessa escolha foi o impressionante volume de leitores da obra e de expectadores da série, que havia sido lançada no mês anterior à realização da oficina. Associa-se a essa questão, a urgente necessidade de se discutir e de falar sobre a temática do suicídio e de outros assuntos relacionados à experiência da adolescência. Houve sorteio de um exemplar do livro de Jay Asher e de outras duas obras, conforme Figura 2.

Figura1: Cartaz-convide para sessão *Os 13 porquês*



Fonte: os autores

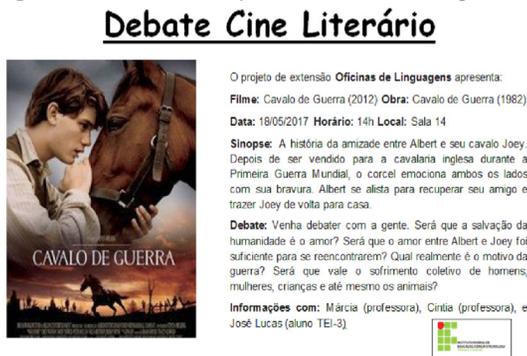
Figura 2: Participantes da oficina *Os 13 porquês*



Fonte: os autores

No mês de maio, no dia 18/05/17, discutiu-se a temática da guerra e de animais na literatura. O contexto escolhido foi a 1ª Guerra Mundial, conforme Figura 3, representado pela obra *Cavalo de Guerra* (1982), do premiado autor inglês Michael Morpurgo. Em 2012, o aclamado diretor Steven Spielberg transportou para o cinema a pungente história de amizade entre o adolescente Albert Narracot e seu cavalo Joey, ocorrida durante a 1ª Grande Guerra. Narrado pelas lentes do cavalo Joe, o leitor se depara com a violenta realidade do conflito. Na ocasião, exibiu-se o filme citado, após uma contextualização histórica da época, realizada pelo monitor de história do campus. Na sequência, houve debate e também sorteio de um exemplar do livro de Michael Morpurgo e de outras obras, conforme Figura 4.

Figura 3: Cartaz-convide para sessão *Cavalo de guerra*



Fonte: os autores

Figura 4: Participantes da oficina *Cavalo de Guerra*



Fonte: os autores

Seguindo a temática da guerra e em comemoração ao Dia do Estudante, no dia 11/08/17, comentou-se o livro *A Menina que Roubava Livros* (2005), do autor australiano Markus Zusak, conforme Figura 5. Em 2014, houve o lançamento do filme, que foi exibido aos alunos. A obra cinematográfica do diretor Brian Percival tem a morte como narradora de fatos ocorridos durante a II Grande Guerra na vida de Liesel, uma garota órfã que vive na Alemanha Nazista de Adolf Hitler e que possui o peculiar hábito de roubar livros.

Nesse caso, quem nos conta essa história da menina roubadora de livros é a própria morte. A motivação para a escolha, dentre outras questões, foi a necessidade urgente de se debater sobre regimes totalitários, os fanatismos, a intolerância, o modo como os ditadores perpetuavam suas ideologias e como a nação de determinados locais as seguiam. Houve sorteio de um exemplar do livro de Markus Zusak, conforme Figura 6, e de outras quatorze obras, em comemoração ao Dia do Estudante.

Figura 5: Cartaz-convide para sessão *A menina que roubava livros*.



Fonte: os autores

Figura 6: Participantes da oficina *A menina que roubava livros*

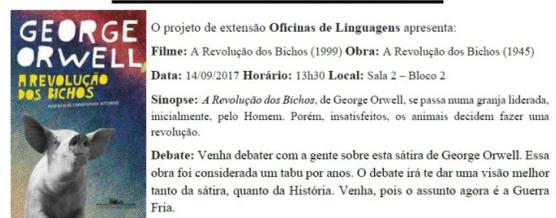


Fonte: os autores

Na atividade do dia 14/09/17, *A Revolução dos Bichos*, do polêmico autor inglês George Orwell, foi o livro escolhido. Publicado em 1945, a obra tece uma crítica à Rússia “Stalinista” de Josef Stalin. O livro serviu de base para roteiros de filmes, animações e “propagandas” de várias formas. Nessa ocasião, exibiu-se um desses filmes baseados no livro, após uma introdução dos temas Guerra Fria, Revolução Russa (que em 2017 completou 100 anos) e distopias/utopias. Houve explicação sobre fábula, uma vez que a história tem animais como protagonistas. Na sequência, ocorreu o debate que contou com a participação do professor de história do *campus* e os sorteios de um exemplar do livro de George Orwell e de outra distopia clássica “Admirável Mundo Novo”, do também inglês Aldous Huxley.

Figura 7: Cartaz-convide para sessão *A revolução dos bichos*

Debate Cine Literário



O projeto de extensão **Oficinas de Linguagens** apresenta:
Filme: A Revolução dos Bichos (1999) **Obra:** A Revolução dos Bichos (1945)
Data: 14/09/2017 **Horário:** 13h30 **Local:** Sala 2 – Bloco 2
Sinopse: *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, se passa numa granja liderada, inicialmente, pelo Homem. Porém, insatisfeitos, os animais decidem fazer uma revolução.
Debate: Venha debater com a gente sobre esta sátira de George Orwell. Essa obra foi considerada um tabu por anos. O debate irá te dar uma visão melhor tanto da sátira, quanto da História. Venha, pois o assunto agora é a Guerra Fria.
Informações com: Márcia (professora), Cintia (professora), José Lucas (aluno TEI-3) e Luana (aluna TLI-3)
“A liberdade, se é que significa alguma coisa, significa o nosso direito de dizer as coisas às pessoas que não querem ouvir.” George Orwell

Fonte: os autores

Figura 8: Participantes da oficina *A revolução dos bichos*



Fonte: os autores

Ainda no mês de setembro, nos dias 27, 28 e 29, em parceria com o NAPNE e celebrando o Setembro Azul, aconteceram duas oficinas – Oficina de Libras –, elaboradas e ministradas pela tradutora e intérprete de libras do *campus*, e uma sessão de filme. Durante esses dias, conforme Figuras 9 e 10, houve apresentação sobre a história da Libras, a atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais e atividades que envolviam a linguagem dos sinais. O filme escolhido para ser exibido

foi o filme indiano *Black*, que narra a história de uma garota cega e surda. A primeira metade do filme é uma adaptação da autobiografia de Helen Keller — *A história da minha vida*, livro que inspirou o filme “*O milagre*”, de Anne Sullivan [The Miracle Worker]. Após o filme, houve momento para debate e participação dos alunos.

Figura 9: Oficina de libras



Fonte: os autores

Figura 10: Oficina de libras

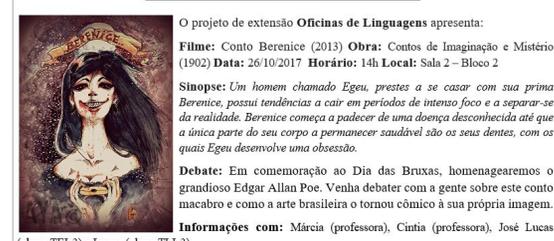


Fonte: os autores

No dia 31/10/17, em clima de Halloween e também celebrando o dia Nacional do Livro, que é comemorado no dia 29/10, utilizou-se o espaço da biblioteca do *campus* para realizar essa edição da oficina. Na ocasião, foi feita leitura compartilhada do conto de horror “*Berenice*” do renomado escritor norte-americano Edgar Allan Poe, conforme Figuras 11 e 12. Após esse momento, houve exibição de uma adaptação do conto que faz parte de uma série produzida pela Fox, *Contos do Edgar*, adaptação contemporânea de cinco contos do escritor para a realidade brasileira, produzida por Fernando Meirelles e com direção geral de Pedro Morelli. Dessa maneira, os participantes tiveram a oportunidade de constatar como a literatura pode representar diversas nações, por meio da mesma obra. Sorteou-se um exemplar do livro *A carta roubada* e outras histórias de crime e mistério, de Edgar Allan Poe.

Figura 11: Cartaz-convide para sessão *Contos do Edgar*

Debate Cine Literário



O projeto de extensão **Oficinas de Linguagens** apresenta:
Filme: Conto Berenice (2013) **Obra:** Contos de Imaginação e Mistério (1902) **Data:** 26/10/2017 **Horário:** 14h **Local:** Sala 2 – Bloco 2
Sinopse: Um homem chamado Egeu, prestes a se casar com sua prima Berenice, possui tendências a cair em períodos de intenso foco e a separar-se da realidade. Berenice começa a padecer de uma doença desconhecida até que a única parte do seu corpo a permanecer saudável são os seus dentes, com os quais Egeu desenvolve uma obsessão.
Debate: Em comemoração ao Dia das Bruxas, homenagearemos o grandioso Edgar Allan Poe. Venha debater com a gente sobre este conto macabro e como a arte brasileira o tornou cômico à sua própria imagem.
Informações com: Márcia (professora), Cintia (professora), José Lucas (aluno TEI-3) e Luana (aluna TLI-3)

Fonte: os autores

Figura 12: Participantes da oficina Contos do Edgar



Fonte: os autores

De forma concomitante às oficinas descritas acima, foram realizadas outras atividades que tiveram como foco uma maior inserção da comunidade IFTM com a comunidade externa, a fim de caracterizar de forma mais efetiva a extensão do projeto. Em dois momentos do projeto, nos dias 08/06/17 e 15/09/17, Figura 13, trabalhou-se a linguagem corporal e teatral por meio de oficinas de jogos teatrais. Os eventos foram coordenados pela professora de Artes do *campus* Cristina Matos, que atualmente encontra-se de licença para capacitação. A proposta de trabalhar jogos teatrais nesse projeto pretendeu ampliar a vivência do teatro das pessoas interessadas nessa forma de expressão, para formar, assim, um público sensível à linguagem teatral e capaz de utilizá-lo como instrumento para fomentar discussões.

Figura 13: Oficina de jogos teatrais



Fonte: os autores

Com o objetivo de fomentar o contato com diversas culturas, realizou-se uma roda de conversa intercultural no mês de agosto, com o canadense Enrico Sartor-Séguin, que estava de férias na cidade e que é falante fluente de inglês, de francês e de espanhol. Na oportunidade, conforme Figura 14, os participantes da oficina tiveram contato tanto com os idiomas falados pelo estrangeiro quanto com aspectos socioeconômicos e culturais do Canadá. O palestrante convidado também relatou suas experiências de viagens a outros países.

Figura 14: Cartaz-convite para roda intercultural



Fonte: os autores

Ainda, no mês de agosto, no dia 31, intitulado "Oficina de Poesia", aconteceu um minicurso elaborado e ministrado pela professora convidada Lúcia Correa de Fátima Magalhães, Figura 15. Docente aposentada de português e poeta, com um livro de poemas publicado de forma independente (*ReFém*), Lúcia explicou a teoria poética e as figuras de linguagem utilizadas no processo de escrita. Foram elaborados alguns poemas pelos participantes. Houve sorteio do exemplar do livro de poemas, *ReFém*, da professora.

Figura 15: Oficina de poesia



Fonte: os autores

No mês de outubro, no dia 20/10/17, extensão e pesquisa se juntaram para proporcionar a um grupo de crianças de uma escola da rede municipal de ensino da cidade momentos de leitura na biblioteca pública João XXIII, conforme Figuras 16 e 17. Intitulado "As possibilidades de desenvolvimento por meio de práticas de leituras para crianças do Ensino Fundamental I", o projeto de pesquisa, coordenado pela professora Márcia Xavier, desenvolve uma pesquisa junto a uma turma de alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental I, com o intuito de analisar o processo de ensino-aprendizagem quando os estudantes são estimulados a vivenciarem momentos de práticas de leitura. Nesse momento, houve atividades de leitura nas suas variadas formas. Além de ter a oportunidade de conhecer a biblioteca da cidade, as crianças também foram ao campus do IFTM, quando houve um momento de confraternização. Cada aluno do projeto recebeu um livro como incentivo para que siga pelo fantástico mundo da leitura.

Figura 16: Oficina biblioteca João XXIII



Fonte: os autores

Figura 17: Oficina biblioteca João XXIII



Fonte: os autores

Para finalizar o projeto, celebrando a Semana do Livro e da Biblioteca (23 a 29 de outubro) e o Dia Nacional do Livro (29 de outubro), a equipe executora do projeto convidou alunos e servidores do campus Patos de Minas, conforme Figura 18, para ser Booktuber por um dia, indicando algum livro que o tivesse marcado. Os vídeos foram postados nos meios de comunicação do *campus* e podem ser conferidos no endereço <https://www.youtube.com/channel/UCBR3bZqax3wjpWQGPSUHMCg>.

Figura 18: Cartaz-convite Booktuber por 1 dia

IFTM BookTuber por 1 dia

No dia 29 de outubro é comemorado o Dia Nacional do Livro. Sendo assim, o projeto de extensão *Oficinas de Linguagens e suas tecnologias* convida a todos para ser um **BookTuber por 1 dia**.

Nossa equipe de produção espera você, na biblioteca, das 13h às 13h50, entre os dias 25 e 27/10 (próximas quarta, quinta e sexta), para a gravação do vídeo com a sua indicação de livro(s). Não se esqueça de levar o livro!!! As indicações serão postadas nos meios de comunicação do *campus*. Não deixe de participar. Faremos sorteios de livros para os *booktubers* do IFTM.

Fonte: os autores

Com essa atividade, objetivou-se integrar ainda mais o projeto com a comunidade externa, além de estimular nos envolvidos o contato com meios digitais por meio da linguagem oral.

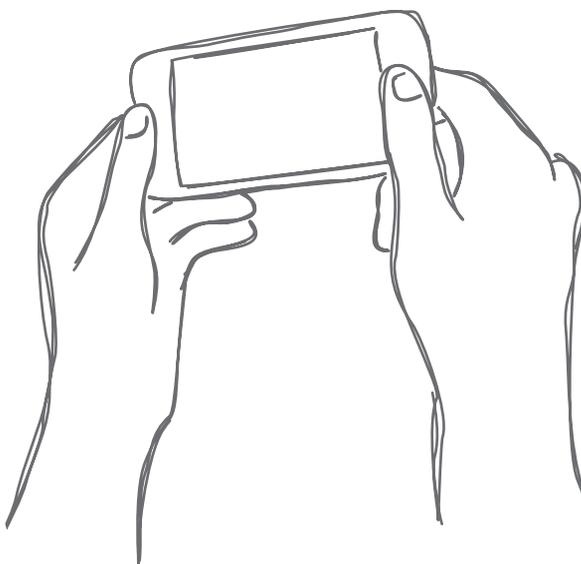
Considerações Finais

Considerando-se que a escola é uma das principais responsáveis pela formação do cidadão em nossa sociedade e que a utilização dos códigos que dão suporte às linguagens “não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimado pela norma padrão, mas, principalmente, no saber utilizar a língua, em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes” (PCNEM, 2000, p. 11). Esse projeto proporcionou aos envolvidos um melhor desenvolvimento de suas capacidades não só linguísticas, mas também críticas, de forma a respeitar o outro em toda a sua diversidade, como pessoas constituidoras de significados, conhecimentos e valores.

Referências

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília. MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>

BRASIL, **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>



PROIFTM/Educar para a vida: na perspectiva dos alunos extensionistas e de seus professores/orientadores

Margarete Afonso Borges Coêlho

*Mestra em Linguística Aplicada
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Ligia Cristina Pestili

*Especialista em MBA Gestão de Pessoas Coaching
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Flamarion Assis Jerônimo Inácio

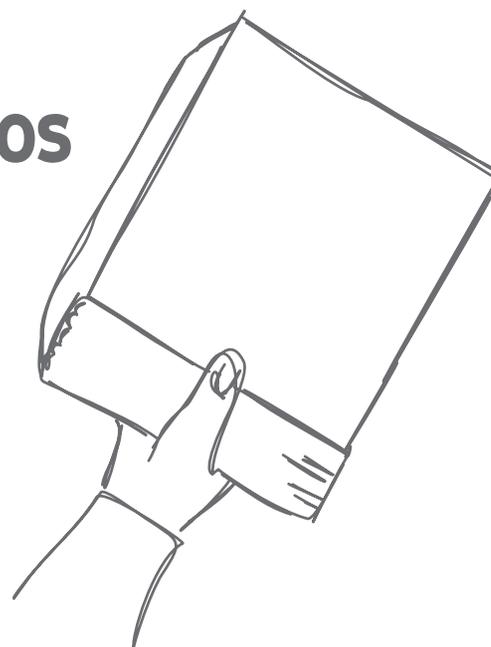
*Mestre em Educação Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Franciele Marques Peres

*Especialista em Docência nos Ensinos Técnico, Médio e Superior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Jean Lucas de Sousa

*Mestre em Ciência da Computação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1984, 1987, 1988), no conceito de educação formal e não-formal de Gadotti (2005), na vulnerabilidade social definida por Abramovay (2002) e na teoria de T. H. Marshall (1967) sobre cidadania. Como resultados parciais, acreditamos que as crenças e opiniões dos alunos extensionistas, parte essencial na execução do Programa, têm grande impacto no processo de ensino e aprendizagem do público-alvo e, conseqüentemente, no sucesso do programa. O PROIFTM/Educar para a vida espera atender um número aproximado de 250 alunos até dezembro de 2017 e disponibiliza material e informações pelo site: www.proiftm.com.br. Acredita-se que o Programa PROIFTM/Educar para a vida tem contribuindo para a aproximação entre educação, empregabilidade e cidadania.

Resumo

O objetivo principal deste relato é apresentar resultados parciais do PROIFTM/Educar para a vida sob a perspectiva dos alunos extensionistas dos cinco projetos que fazem parte do programa. O PROIFTM/Educar para a vida é um programa que visa à oferta de cursos e ações de extensão voltadas para a formação educacional, profissional e social de jovens matriculados no Ensino Médio dos sistemas públicos de ensino, que vivem em situações de risco e vulnerabilidade social e são assistidos pelo Centro de Referência de Assistência Social na cidade de Patrocínio (MG). A fundamentação teórica deste trabalho se baseia

Palavras-chave: Programa. Extensão. Sócio-educacional. Vulnerabilidade. Bolsistas.

Introdução

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece que Educação é “um direito para todos, dever do Estado e da família”. É papel de o Estado democrático investir na escola, para que ela prepare e instrumentalize crianças e jovens para o processo democrático, incentivando o acesso à educação de qualidade para todos e às possibilidades de participação social. Com base nesta proposta, o Governo Federal elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são diretrizes, com o

objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania.

Corroborando essa proposta e de acordo com as finalidades do ensino médio, postas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9394/96), as instituições educacionais precisam assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os “conhecimentos adquiridos no ensino fundamental”, aprimorar o educando “como pessoa humana”, possibilitar “o prosseguimento de estudos”, garantir “a preparação básica para o trabalho e a cidadania” e dotar o educando dos instrumentos que lhe permitam “continuar aprendendo”, tendo em vista o desenvolvimento da “compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos” (art. 35, incisos I a IV).

Observa-se, em diferentes segmentos, uma preocupação crescente com os direitos do cidadão, com criação de oportunidades para inserção dos indivíduos no mercado de trabalho e com a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Tais preocupações nos remetem à necessidade de formação das futuras gerações para a participação produtiva e ativa no mercado do trabalho e nas práticas cidadãs.

Segundo o Projeto Reinventando a Educação do Governo de Minas Gerais (2012), a adequada aproximação entre educação, empregabilidade e cidadania é uma exigência a ser cumprida por quaisquer políticas educacionais compatíveis com a contemporaneidade. Reformas educacionais, independente do seu escopo ou amplitude, devem levar em conta cada um destes fatores e, sobretudo, a articulação entre eles.

Nesse contexto, encontra-se o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro que tem como missão a oferta da educação básica, profissional e tecnológica por meio do ensino, pesquisa e extensão, promovendo o desenvolvimento na perspectiva de uma sociedade inclusiva e democrática; e, ao mesmo tempo, almeja ser uma instituição de excelência na educação profissional e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento tecnológico, científico, humanístico, ambiental, social e cultural, alinhado às regionalidades em que está inserido.

A proposta do programa PROIFTM/Educar para a vida, no âmbito da extensão universitária, se alinha à proposta do IFTM de atuar na interação sistematizada com a comunidade, visando contribuir para o desenvolvimento da comunidade, uma vez que o foco desse programa é a formação educacional, profissional e social de jovens em situações de risco e vulnerabilidade social no Município de Patrocínio (MG), com idade entre 14

e 18 anos. Os jovens nessa faixa etária, além de sua formação escolar, iniciam uma relação de experimentação com o mundo do trabalho, o qual é reconhecido por eles como possibilidade de obter uma renda e conquistar, assim, certa autonomia. É preciso reconhecer a necessidade de investir, tanto na formação básica quanto na formação profissionalizante de adolescentes com vistas à inserção no mercado de trabalho e à formação de indivíduos aptos a exercerem a cidadania. Daí a importância das ações socioeducativas articuladas e integradas às escolares e as de formação profissional.

Quanto à produção, organização e difusão de saberes acadêmico-científicos, espera-se que o programa PROIFTM/Educar para a vida contemple bases teóricas e metodológicas inovadoras e de qualidade que colaborem para a educação profissional do público-alvo a ser atendido e que a sistematização desses conhecimentos e metodologias sobre o trabalho sócio-educacional com os jovens em situações de risco e vulnerabilidade social possa ser referência para outras escolas públicas e organizações da sociedade civil sem fins lucrativos.

Vale ressaltar que o Programa PROIFTM/Educar para a vida é uma proposta aprovada com recursos do MEC/SESu, conforme edital PROEXT 2016 e foi classificado em 11º lugar em nível nacional.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é apresentar resultados parciais do PROIFTM/Educar para a vida na visão dos alunos extensionistas, parte integrante e fundamental para a consolidação do Programa.

Fundamentação teórica

O programa PROIFTM/Educar para a vida está pautado na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1984, 1987, 1988). Com base nas concepções de Vygotsky (1999), os sujeitos se encontram numa rede de relações com o mundo que lhes possibilita adquirir uma forma peculiar de existência, constituindo, assim, seu campo simbólico de significações. O desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza em um determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie.

Segundo Vygotsky (1998), a interação social é tida como contexto e origem do desenvolvimento mental do indivíduo e todo desenvolvimento cognitivo é interpsicológico, ou seja, surge como resultado da interação entre os indivíduos. Tal visão é compartilhada por Donato (1996), para quem aprender é uma forma de socialização entre indivíduos e não somente um processo de recebimento de *input* em um cérebro isolado.

Sobre o aprendizado ou aprendizagem em Vygotsky, Oliveira (1993, p. 57) informa que “É o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas”.

Em seus estudos, Vygotsky (1998) destaca que as experiências socioculturais funcionam como mediadoras dos processos mentais do indivíduo. O apoio do outro faz com que o indivíduo trabalhe na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Entende-se, de acordo com a proposta desse programa, que para o aluno se desenvolver de uma forma global (educacionalmente, profissionalmente e socialmente), ele dependerá da aprendizagem que ocorre num determinado grupo cultural, pelas interações entre seus membros. Isso significa que a aprendizagem pode ocorrer tanto no espaço da educação formal quanto no espaço da educação não-formal. A esse respeito Gadotti (2005) define que,

A **educação formal** tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A **educação não-formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p 2).

Entende-se, portanto, que a educação não-formal se refere aos espaços que não são escolas ou Universidades, os quais também têm uma intencionalidade em formar o indivíduo, contribuindo para sua formação para a vida, para o convívio social e para a cidadania. A exemplo disso, tem-se os trabalhos realizados nos grupos dos Centros de Referência e Assistência Social às famílias – CRAS; além das ONGS, colegiados, conselhos dentre outros.

Segundo a Norma Operacional Básica da Assistência Social – NOB/SUAS/2005, é na gestão básica que o município assume a gestão da proteção social básica na Assistência Social, devendo o gestor, ao assumir a responsabilidade de organizar a proteção básica em seu município, prevenir situação de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições. Por isso, deve responsabilizar-se pela oferta de programas, projetos e serviços socioassistenciais que fortaleçam vínculos familiares e comunitários que promovam os beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e transferência de renda e que vigiem direitos violados no território. Para isso ser possível, o gestor deverá cumprir entre outros requisitos o de estruturar Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), de acordo com o porte do município, em áreas de maior vulnerabilidade social, a fim de

gerenciar e executar ações de proteção básica no território referenciado.

Para Abramovay (2002), a vulnerabilidade social é definida como situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade. Essas oportunidades constituem uma forma de ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. Assim, o conceito de vulnerabilidade social está indiretamente vinculado ao de mobilidade social, posto que as possibilidades que indivíduos em vulnerabilidade social possuem de se movimentarem nas estruturas sociais e econômicas são restritas em termos de modificação de inscrição social.

O acolhimento institucional é uma medida de proteção às crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados e necessitam se afastar temporariamente do âmbito familiar. Essa medida é determinada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA como breve e excepcional, sendo um recurso que precisa ser aplicado quando outras formas de proteção são esgotadas. Durante o acolhimento em abrigo, os jovens podem vir a receber qualificação profissional no intuito de fomentar o desenvolvimento para a entrada no mercado de trabalho, depois do desligamento institucional, que é feito após o fortalecimento da família e dos vínculos do jovem com a mesma ou devido à maioridade completada pelo acolhido.

Vale ressaltar que, apesar da grande responsabilidade em conduzir as políticas públicas pelo Estado, os serviços de acolhimento são prestados, em grande parte, pelas entidades não governamentais.

Como o programa PROIFTM/Educar para a vida também anseia propagar a inclusão, seja no âmbito educacional, profissional ou social, torna-se fundamental esclarecer que corrobora a ideia de que o conhecimento, considerado nas dimensões da produção, da formação, do acesso é, talvez, o bem mais decisivo do nosso tempo, o que nos obriga a incluir entre a pauta de direitos o direito ao conhecimento, como condição incondicional de cidadania. Segundo a teoria de T. H. Marshall (1967), cidadania é definida como concretização dos direitos humanos, considerando os elementos: civil, político e social.

Metodologia e avaliação

O embasamento metodológico consiste de estratégias de ação e transformação que contemplam os projetos que fazem parte do programa. Os projetos que estão sendo executados dentro dessa proposta correspondem às áreas

teóricas e práticas essenciais para a construção, pelos participantes, de conhecimentos especializados sobre Informática, Web profissionalizante, Redes de computadores, Auxiliar de administração e Inglês Instrumental, entendidas aqui como práticas relevantes no mundo do trabalho e nas ações de desenvolvimento educacional e social, contribuindo para uma formação inovadora e de qualidade para o exercício ativo da cidadania.

O público-alvo são jovens regularmente matriculados no Ensino Médio dos sistemas públicos de ensino, que vivem em situações de risco e vulnerabilidade social e são assistidos pelas unidades do CRAS e CASI nos bairros São Benedito, Marciano Brandão, Santo Antônio, Serra Negra e Enéias Ferreira de Aguiar em Patrocínio (MG).

Os instrumentos utilizados para acompanhamento e avaliação do Programa são: (1) – Reuniões trimestrais com a assessora do secretário Municipal de Desenvolvimento Social e todas as coordenadoras das Unidades do CRAS atendidas pelo Programa para apresentação e estruturação dos projetos; (2) Divulgação do Programa junto à comunidade, por meio de visitas às Unidades do CRAS, as quais atendem jovens com idades entre 14 e 18 anos, matriculados na rede pública de ensino, para abertura das inscrições; (3) Ficha para inscrição e/ou cadastro dos alunos interessados em participar dos cursos a serem oferecidas pelos cinco projetos integrantes do Programa; (4) Aula de apresentação do Programa e projetos aos matriculados; (5) Lista de presença assinada pelos alunos para verificar e acompanhar índice de frequência nos cursos oferecidos; (6) Lista de presença para registro da frequência e das ações dos bolsistas; (7) Quatro questionários para avaliar a execução do Programa, os quais deverão ser respondidos pelos alunos participantes dos cursos; pela direção das entidades atendidas pelo Programa; pelos bolsistas e pela equipe executora do Programa (material que servirá de coleta de dados para a pesquisa dos alunos bolsistas e coordenadora); (8) Reuniões semanais com professores, orientadores e coordenadora para direcionamento e preparação de todas as ações propostas para a execução do Programa.

Desenvolvimento

O Programa conta com a participação de 10 alunos bolsistas, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro *Campus* Patrocínio do curso Superior em Tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e do Curso Superior em Gestão Comercial. Cada um dos cinco projetos que faz parte do Programa PROIFTM/Educar para a vida conta com a participação ativa de dois bolsistas, seus respectivos professores orientadores e a coordenadora geral do Programa.

O Programa PROIFTM/Educar para a vida está sendo objeto de pesquisas de iniciação científica, realizadas pelos alunos bolsistas do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro *Campus* Patrocínio, assim como pela coordenadora e equipe executora do Programa. Foi produzido sítio eletrônico: www.proiftm.com.br para tornar público e disponíveis os saberes e metodologias sistematizadas durante a realização do programa; bem como seus resultados parciais e finais.

O conjunto de conhecimentos acadêmico-científicos produzidos é objeto de produção de trabalhos, os quais estão sendo publicados em congressos e revistas especializadas. Por outro lado, a extensão é a essência do programa, presente na proposta de cada um dos cinco projetos/cursos oferecidos.

Vale ressaltar que o Programa passou por ajustes no cronograma de execução. Inicialmente, previa-se que a oferta do curso seria duas vezes por ano, para turmas diferentes em duas unidades do CRAS, simultaneamente.

Os cinco cursos/projetos que fazem parte do Programa têm sido ofertados, porém com alteração no período de execução que passou a ser de três em três meses, com uma carga horária de 20 horas cada. O ajuste foi necessário para que as quatro unidades do CRAS fossem atendidas pelos cinco cursos/projetos.

Quanto ao segundo ponto da proposta inicial que necessitou de ajustes foi: 'a oferta de cada um dos cursos/projetos seria feita para turmas diferentes em duas unidades simultaneamente'. Cada unidade do CRAS recebe um curso/projeto de cada vez, contando com a participação dos extensionistas em duplas como forma de melhor condução e execução dos cursos/projetos planejados.

Resultados parciais

Perspectiva dos alunos extensionistas

Nessa seção, são apresentados alguns resultados parciais relacionados às crenças e opiniões dos alunos extensionistas sobre o PROIFTM/Educar para a vida, sempre fundamentadas nos relatos de experiência dos próprios alunos extensionistas ao final de cada etapa concluída.

Para estes alunos, a motivação dos participantes dos cursos/projetos ofertados pode estar ligada à metodologia usada pelos extensionistas, uma vez que ao fazerem uso dos laboratórios de informática das unidades dos CRAS criam um espaço para inclusão digital dos participantes. Os extensionistas veem a possibilidade de uso dos laboratórios de informática como excelente ferramenta para a busca do conhecimento e trabalho em equipe.

De acordo com os relatos de experiências dos extensionistas, as reuniões periódicas com os orientadores e os encontros da equipe executora do programa com os envolvidos por parte da Secretaria de Desenvolvimento Social, parceira da proposta, são relevantes e decisivas para o desenvolvimento e, conseqüentemente, sucesso do programa. Uma das vantagens desta parceria é a possibilidade de transporte dos extensionistas até as unidades dos CRAS disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Patrocínio por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Social.

Outra opinião dos alunos extensionistas está relacionada aos anseios do Programa de propagar a inclusão, seja no âmbito educacional, profissional ou social. De acordo com questionário aplicado pelos extensionistas, os participantes dos cursos/projetos se sentem valorizados e até acolhidos pelos extensionistas durante a execução dos cursos/projetos.

O impacto profissional é percebido pelos extensionistas quando alguns participantes relataram que fazem questão de participar de todos os cursos/projetos pela possibilidade de conviver no espaço de aprendizagem diferente da sala de aula e oportunidade de receber certificados emitidos pelo IFTM Campus Patrocínio, agregando valor ao seu currículo e propiciando sua entrada no mercado de trabalho.

Outra visão positiva dos extensionistas a respeito do programa está ligada à ampla divulgação e aceitação da proposta pelo público-alvo. Não foi mencionado nenhum tipo de problema de ordem pessoal enfrentado pelos extensionistas. Quanto à divulgação, além do auxílio das coordenadoras dos CRAS na divulgação dos cursos/projetos a serem ofertados em cada etapa, foi criado também um sítio eletrônico para disponibilizar informações e material do programa, a saber: www.proifm.edu.br.

Outro aspecto positivo relatado pelos extensionistas é o apoio que as coordenadoras de cada CRAS têm dado ao programa, uma vez que nas unidades onde receberam um efetivo apoio, os extensionistas relataram que conseguiram desenvolver um trabalho mais eficaz, com maior participação dos alunos, menos evasão, maior utilização dos recursos físicos e tecnológicos disponíveis nos CRAS do que das unidades em que este apoio não foi tão efetivo.

Por outro lado, os extensionistas têm enfrentado alguns problemas de ordem social durante a execução da proposta, ou seja, foi relatado que já enfrentaram situações de risco durante assalto perto de uma das unidades do CRAS, o que os deixou bastante assustados. Eles acreditam que problemas como este estão relacionados ao fator de vulnerabilidade enfrentado diariamente pelos participantes dos cursos/projetos, justificando, de certa forma, a evasão nos cursos.

Outro problema citado pelos extensionistas foi, inicialmente, a falta de transporte seguro até as unidades dos CRAS. Para eles, houve certa dificuldade ou atraso em obter este apoio por parte da Secretaria de Desenvolvimento Social, assim, orientados pelos professores/orientadores utilizaram algumas estratégias para chegarem ao seu destino. Muitas vezes foram conduzidos pelos próprios professores/orientadores, outras vezes foram de transporte próprio ou, até mesmo, de transporte público. Posteriormente, este problema foi solucionado pela Secretaria de Desenvolvimento Social, disponibilizando transporte seguro para os extensionistas e para eles significou maior segurança e comodidade.

Perspectiva dos professores-orientadores

Para os professores/orientadores, o Programa PROIFTM/Educar para a vida tem como um dos resultados parciais a possibilidade real de oferta de cursos/projetos que capacitam jovens para o mercado de trabalho e para o exercício efetivo da cidadania.

De acordo com os relatos de experiências de cada etapa que foi realizada desde 2016 e as reuniões periódicas com os envolvidos por parte da Secretaria de Desenvolvimento Social, parceira do Programa, pode-se observar que a proposta está sendo positiva e alcançando seu objetivo com sucesso ao gerar motivação aos alunos que fazem os cursos, incentivo de trabalho diferenciado à equipe pedagógica das unidades dos CRAS e expectativa favorável dos alunos extensionistas.

Para os professores/orientadores o envolvimento dos alunos extensionistas tem sido observado como impacto positivo na execução dos cursos/projetos, uma vez que eles têm facilidade de interação com o público-alvo, têm cumprido as exigências do programa e estão, eles próprios, se preparando para o mercado de trabalho.

Para os professores/orientadores, a criação do site www.proifm.edu.br foi essencial para maior aproximação entre a equipe executora dos cursos/projetos, equipes e alunos atendidos nas unidades do CRAS e parceiros da proposta.

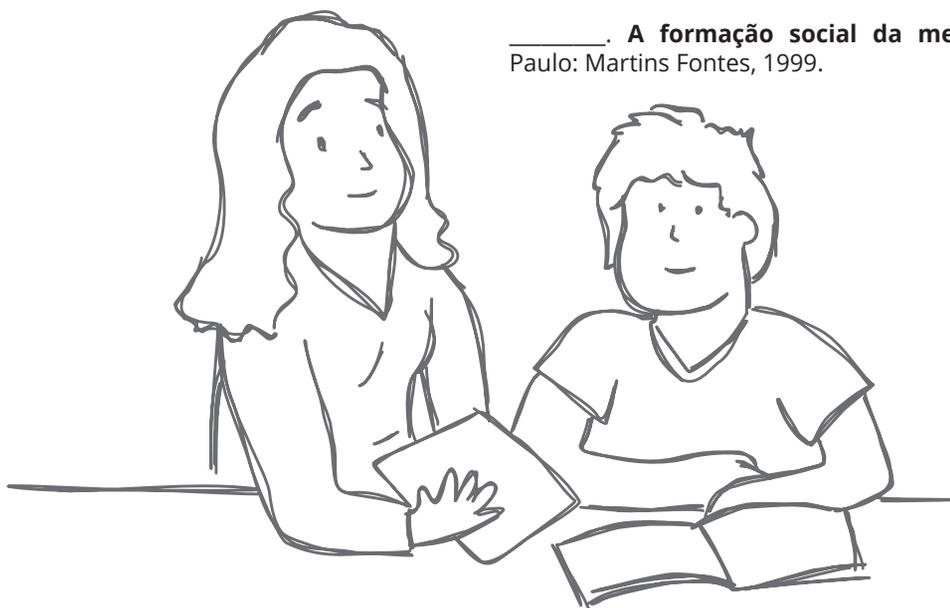
É importante ressaltar que, em cada etapa executada, tanto os alunos extensionistas quanto os alunos participantes dos cursos/projetos recebem certificados, com carga horária proporcional, emitidos pelo IFTM Campus Patrocínio, agregando valor ao seu currículo e propiciando sua entrada no mercado de trabalho.

Considerações

A missão da extensão, assim como do extensionista, é contribuir diretamente para o desenvolvimento da sociedade agregando conhecimento e experiências para que cada indivíduo tenha oportunidades de consolidar-se como cidadão em seu meio social, pessoal e profissional. Baseado nessas primícias, acredita-se que o programa PROIFTM/Educar para a vida tem cumprido seu papel dentro do significado social e profissional da extensão, ou seja, levar oportunidade de aperfeiçoamento profissional para possível recolocação dos beneficiados de cada projeto no mercado de trabalho e, conseqüentemente, elevando a qualidade do seu meio educacional, social e pessoal.

Referências

- ABRAMOVAY, M. CASTRO, M.G.; PINHEIRO, L. C.; et.al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002. 180p.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. Lei nº 9.394/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. DOU 23.12.1996.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.
- _____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.
- _____. (2012). **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Conselho Nacional de Assistência Social. Legislação. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/cnas/legislacao/>>. Acesso em: 26 de abril de 2015.
- DONATO, R. Vygotskian contributions to understanding the foreign and second language classroom. In: **World Congress of Applied Linguistics**, 11, 1996, Finland: AILA.
- GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, 2005.
- MARSHALL, Thomas Humphrey. **"Cidadania, classe social e status"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação – **Caderno de Orientações** - Reinventando o Ensino Médio. 2012b. Disponível em: <http://www.educacao.mg.gov.br/images/stories/reinventando/REINVENTANDO_ENSINO_MEDIO_CADERNO_ORIENTACOES_WEB.pdf> Acesso em 24 de abril, 2015.
- OLIVEIRA, J. G. **Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **Thought and language**. Cambridge: MIT Press, 1987.
- _____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1988.
- _____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



Ações e transformação da cultura institucional a partir do projeto de extensão anti-trote - reflexões sobre trote e outras violências escolares

Rosiane Maria da Silva

*Doutora em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Vinícius Fernandes

*Aluno do curso técnico em Meio Ambiente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Lorena Sena

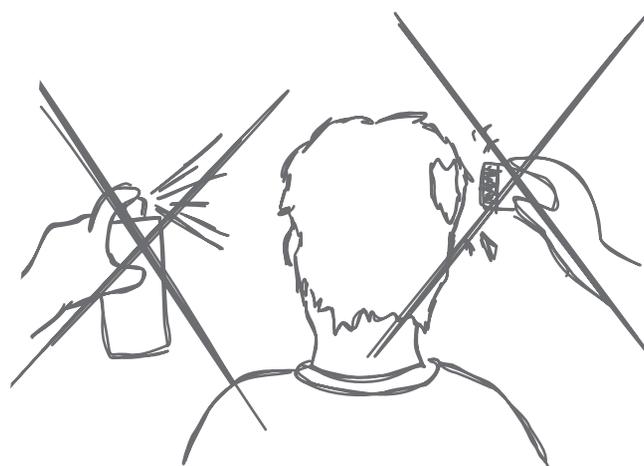
*Aluna do curso técnico em Alimentos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Ataliba Filho

*Aluno do curso técnico em Alimentos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Paulo Félix

*Aluno do curso técnico em Meio Ambiente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



Resumo

Evitar a não repetição de trotes caracterizados por crueldade física, moral e psicológica, como já ocorreu no Colégio Agrícola de Uberlândia na década de 1980 (atual Instituto Federal do Triângulo Mineiro, *Campus* Uberlândia) e também estimular reflexões sobre violência, bem como propiciar ações formativas acerca da violência/preconceitos contra minorias sociais foram os objetivos do projeto de extensão Anti-trote. No presente trabalho, relataremos a experiência decorrente desse projeto de extensão. Os aportes teóricos foram a Teoria Crítica e estudos sobre Psicanálise e a Teoria Analítica de Jung. O projeto

de extensão versou sobre dois eixos temáticos: 1. Trote e *bullying* – preconceitos de racismo, machismo, homofobia. 2. Violência e preconceitos com indivíduos com transtornos psíquicos. A metodologia de execução consistiu em pesquisa participante, rodas de conversas, minicursos, oficinas, tendo parceria com outro projeto de extensão na área de Artes, coordenado pela professora Márcia Maria de Sousa. Os participantes foram 90 indivíduos, sendo 80 estudantes, 5 servidores e 5 professores. Os resultados foram constatação de menor nível de trotes e de *bullying* entre estudantes, discussão e uso mais adequado de terminologias que não incitam violência, envolvimento de maior número de membros da comunidade escolar com o projeto. Os estudos sobre a Reforma Psiquiátrica, promoveram a prevenção em saúde mental e a visibilidade de estudantes com transtornos psíquicos que “sofriam em silêncio” nos ambientes escolares. Autoconhecimento, empatia e reflexão sobre preconceitos foram estimulados, promovendo a inclusão de indivíduos diferentes no contexto acadêmico.

Palavras-chave: Trotes. *Bullying*. Violência. Minorias.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência está pautado na visão de que é necessário evitar a repetição de trotes violentos e ações de intimidação (*bullying*) na recepção e no cotidiano dos estudantes de escolas e universidades, uma vez que estes representam o recrudescimento do autoritarismo (ADORNO et. al., 1965) e opressão observados em trotes das universidades europeias na Idade Média (MATTOSO, 1985), fato a ser superado, em se considerando os avanços tecnológicos e científicos da vida contemporânea.

Em 2004, a então Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia recebeu uma psicóloga no quadro de servidores, sendo esta uma das autoras do presente relato. O setor de Psicologia começou a promover encontros com os alunos desta instituição de educação com o intuito de refletir e modificar as atitudes e concepções dos alunos acerca de *bullying* e dos trotes opressivos e tradições que banalizavam a violência e autoritarismo por parte dos alunos mais antigos nos cursos. Tal trabalho de receber os estudantes novos, gerando reflexões e discussões sobre o *bullying* e o trote violento (“podemos afirmar que algum trote não seja violento?”)¹ na instituição durou de 2004 até 2011, por meio de dinâmicas de grupos, enquetes, atividades individuais e grupais para denunciar situações de trotes que muitas vezes levavam vítimas à evasão e dificuldades de rendimento e os agressores a problemas disciplinares. Este processo de trajetória profissional é descrito a seguir:

A experiência da autora no cargo de psicóloga institucional do IFTM, *Campus* Uberlândia, ao longo de oito anos de atuação com estudantes, pais e professores, possibilitou a identificação de práticas recorrentes de grupos defensores de trotes tradicionais. Constatação empírica de que, apesar do movimento oposicionista ao trote tradicional constituído por uma parcela da instituição, grupos da instituição formados por ex-alunos e docentes² mantêm postura hegemônica na formação técnica e social dos alunos. Tal influência transmite-lhes a atitude de soberba e mantém as ações trotistas na recepção aos alunos ingressantes. O uso de apelidos, apadrinhamentos dos novos colegas, práticas de hierarquização entre alunos ingressantes e trotistas e a amenização de punições para alunos autores de trotes violentos são alguns exemplos da dinâmica observada (SILVA, 2015)

Em 2011, o projeto de extensão “*Bullying nas escolas*” ocorrido no IFTM *Campus* Uberlândia foi responsável por uma ação preventiva sobre o *bullying* entre crianças e adolescentes em es-

¹Fala do professor Oriowaldo Queda, durante banca de defesa de tese de doutorado de Rosiane M. Silva, em outubro de 2015, no PPGUE, Universidade Federal de São Carlos.

²Estes ex-discentes atualmente exercem cargos de docentes na Escola. Provavelmente, a maioria deles vivenciou as comissões de trotes existentes nas décadas de 1970-80 nessa instituição, responsáveis por “regular”, legitimar o trote tradicional que nela ocorreu durante este período (informações de entrevista com um professor que leciona na escola desde 1980 (SILVA, 2015).

colas de nível fundamental no município de Uberlândia. Alunos dos cursos médio e técnico do IFTM realizaram palestras para estas escolas com êxito. O projeto de extensão Anti-trote está em sua 2ª edição neste ano de 2017 e teve como objetivo geral propor uma ação institucional e interdisciplinar de promoção da redução de formas diversas de violência consideradas como “tradição” e que atingem os estudantes do IFTM *Campus* Uberlândia de forma negativa e onerosa. Os demais objetivos pretendidos pelo projeto consistiram em: 1. Pesquisar e intervir sobre as percepções e práticas do trote na instituição por estudantes e servidores/docentes; 2. Realizar ações psicossociais e formativas que reduzam trotes e ações de intimidação no ambiente acadêmico/institucional. 3. Propor conhecimentos e discussões sobre indivíduos que são vítimas de violência e preconceito no ambiente escolar, tais como negros, mulheres, homossexuais, indivíduos com transtornos psíquicos.

Este projeto de extensão se justifica com base em algumas leis e projetos de leis. O primeiro aparato legal é a Lei nº 13.185 de combate ao *bullying*, sancionada pelo Senado Federal, em 2015, que prevê punição para atos de intimidar, constranger, agredir física, moral ou emocionalmente dentro de instituições educacionais. Apesar disto, o *bullying* e *cyberbullying* ainda ocorrem de forma expressiva em instituições educacionais. Quanto aos trotes, infelizmente, ainda não existe uma lei específica em nível federal para criminalizar os trotes ocorridos em instituições de educação. Até o momento, há um projeto de lei que prevê que os trotes sejam considerados crimes de contravenção penal, passíveis de multa e prisão. Em 2015, com o processo de comissão parlamentar de inquérito da Assembleia Legislativa (CPI da ALESP) houve uma intensa apuração de trotes nos ambientes das universidades daquele espaço, incluindo violência física, assédio moral e sexual. Apesar de inúmeros casos de abusos sexuais terem sido denunciados e julgados pela justiça durante esta CPI, foi proposto pelo relator da CPI que os trotes fossem considerados crimes de tortura. Entretanto, esta proposta até hoje não foi aprovada legalmente. Com base nestas legislações e, diante do exposto, supomos que as instituições de educação devem ter o dever de trabalhar ações que previnam e combatam essas práticas. É necessário que haja estudos e intervenções sobre a ocorrência de comportamentos dos trotistas³ nas instituições de ensino. Desse modo, a atuação sobre o assunto

³O conceito trotista é formulado por Almeida Jr. e Queda (2003, p.10): “chamamos de trotistas não apenas os alunos que aplicam ou recebem o trote, mas todos aqueles que de alguma forma contribuem para a sua manutenção. Por exemplo, podem ser trotistas professores, funcionários, dirigentes de universidades, jornalistas, políticos, governantes, famílias e instituições de ensino”.

é de fundamental relevância para transformar a cultura trotista nas instituições de ensino.

A proposta de extensão teve um 2º eixo norteador voltado para prevenir violência e preconceito sobre indivíduos com transtornos psicológicos. Devido a este eixo, foram estudados conhecimentos da Psiquiatria clássica *versus* Antipsiquiatria e Psiquiatria Social, bem como da psicanálise freudiana (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2015) e da teoria analítica de Carl Gustav Jung (SILVEIRA, 1990). Buscamos, assim, encontrar fundamentos para uma discussão crítica sobre os tratamentos tradicionais dados aos indivíduos que sofrem de algum transtorno emocional e explorar recursos teóricos e técnicos multidisciplinares que ofertem um novo olhar sobre a normalidade e a loucura (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2015; SILVEIRA, 1990).

Desenvolvimento

Fundamentação teórica

Adorno (1995, p. 127-8) apresenta postura de aversão aos ritos de passagem como os trotes:

(...) É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física – muitas vezes insuportável – a uma pessoa como direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade dos hábitos como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteceram e cultivaram tais barbaridades com o nome de “costumes”.

Ao descrever a origem histórica precisa do trote como fenômeno acadêmico, Mattoso (1985) sinaliza que os únicos tipos de fontes encontradas foram regulamentações proibitivas à violência entre estudantes na Universidade de Paris, entre 1200 e 1278. Nesse período, foram registradas 22 mortes de alunos alemães e franceses. Depois disso, uma das mais antigas fontes escritas sobre o trote é datada de 1342, também na instituição parisiense. Esta fonte versa sobre a coibição de taxas impostas aos novos alunos, pagamento de banquetes aos trotistas, confisco de livros e abusos financeiros. A partir da análise crítica dessas regulamentações, observou-se que os registros trazem, desde essa época, omissão por parte das autoridades, uma vez que os regulamentos surgiam em situações extremamente violentas (mortes e prejuízos físicos). Havia nas universidades documentos regulamentadores da obrigatoriedade de cobranças de valores aos ingressantes ou outras práticas com danos à integridade física e/ou psicológica destes, sob as vistas dos dirigentes ou até com o apoio desses. A literatura aponta que os trotes mais violentos ocorreram na França e na Alemanha. Os trotes

na França eram mais requintados em termos de crueldade do que os dos alemães e fizeram seguidores no contexto mundial. Dividiam-se em três fases: julgamento, pena e absolvição. Os primeiros trotes ocorridos no Brasil foram realizados por universitários brasileiros que vieram da Universidade de Coimbra, Portugal. O primeiro evento grave envolvendo morte de ingressante data de 1831, em Olinda, Recife. Nesse evento, um estudante foi assassinado a facadas e bengaladas por um colega trotista (ALMEIDA JÚNIOR, 2011; MATTOSO, 1985). Em diversos registros de mortes causadas pelos trotes, observa-se que muitas resultaram da resistência dos indivíduos-alvo (VASCONCELOS, 1993; ALMEIDA JÚNIOR; QUEDA, 2006; ALMEIDA JÚNIOR, 2011).

A relação entre trotes e preconceitos é fundamentada na literatura de modo recorrente. O trote perpetuou tais preconceitos, os quais podem ser observados na expressão do ódio entre estudantes de nacionalidades e credos religiosos divergentes, dentro das universidades europeias, e pelo autoritarismo, racismo e sexismo constatados nas universidades do Brasil (MATTOSO, 1985). Via de regra, após o período medieval, os trotes mais comuns na Europa se configuravam com o corte do cabelo, o confisco de bens como roupas, livros e a exploração financeira do ingressante, que era sujeitado a pagar diversas despesas aos trotistas. (MATTOSO, 1985). Os livros “O trote na ESALQ” de Almeida Júnior e Queda (2003) e “Anatomia do trote universitário” de Almeida Júnior (2011), relatam os principais atos dos grupos trotistas da ESALQ, bem como consequências físicas, psíquicas e morais dos trotes para alunos ingressantes no período anterior ao ano 2000. Foi revisada uma pesquisa sobre os trotes nos cursos de Química, Física e Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (SP), de Zuin (2002). Nesse estudo, o pesquisador descreveu e analisou ações trotistas ocorridas nos três cursos. Foram analisados o trote em 2000 e seu “aprimoramento” pelos mesmos alunos, em 2001, “vítimas” no ano anterior. Zuin resume os trotes aplicados nessa universidade como parte de um ritual de passagem, fundamentado em um processo psicossocial sadomasoquista.

A revisão de literatura encontra também elementos sobre trotes nas Escolas Agrícolas. Medeiros (2008) descreveu e analisou causas para evasão de novos alunos do Colégio Agrícola Estadual do Paraná, moradores de alojamento escolar (internato) relacionadas à provocação de constrangimento por parte de colegas, tais como ocupar a cama do aluno do 1º ano, apropriar-se de roupas. Resende (2012) investigou causas da evasão escolar e identificou, no Sul do estado de Minas Gerais, os principais tipos de trotes foram: corte de cabelo (à noite, após apagarem as luzes); pintar as unhas dos novos alunos; “esticão”, trote

que consiste no ato de quatro alunos trotistas pegarem o aluno do 1º ano pelos braços e pernas e o esticarem, como se ele fosse um frango; obrigar os “gabirus” a tarefas manuais e servis, como oferecer água para os alunos do 3º ano; carregar armários ou limpar os quartos e a realização de outras atividades afins. Resende (2012) afirma que quando a instituição se transformou em Instituto Federal de Machado, com o aumento da oferta de cursos superiores, os alunos do 3º ano do ensino médio e técnico foram perdendo o poder de opressão e os trotes perderam parcialmente a força, especialmente após 2010. Entretanto, de acordo com os alunos, os trotes diminuíram, mas ainda ocorrem nos alojamentos. As pesquisas sobre trote em universidades e escolas agrícolas e sobre *bullying* fundamentaram nossa proposta de forma e direta, pois os alunos, servidores e professores foram convidados a discutir, conhecer e refletir a respeito de tais conhecimentos, buscando-se modificar a cultura da instituição com relação ao aspecto da violência e dos preconceitos sobre indivíduos e grupos minoritários.

A extensão foi voltada também para o combate à violência e preconceito contra indivíduos que possuem quadros de transtornos psíquicos dentro da instituição de ensino. Contextualizaremos brevemente a história do tratamento ao indivíduo com transtornos psicológicos. Partindo de um enfoque tradicional de cuidados com o indivíduo com transtornos psíquicos, a Psicologia e Psiquiatria Clássica delinearam formas de tratamento convencional baseados em remédios controlados, eletrochoques, choques insulínicos, internações hospitalares, tratamentos psicológicos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2015). Muitas vezes, a falta de conhecimentos científicos ou despreparo técnico dos profissionais foram fatores de violência e exclusão social do indivíduo com transtornos psicológicos. A ausência ou fragilidade dos laços entre os indivíduos que sofrem de transtornos psíquicos e suas famílias levou à cronificação das internações hospitalares e ao distanciamento desses indivíduos da vida social, produtiva e da perda de sua cidadania. A partir da Reforma Psiquiátrica ou da Luta Antimanicomial, movimento que surgiu no final dos anos 1970, na Itália, e depois foi proposta no Brasil, os indivíduos que se encontram em sofrimento psíquico e requerem tratamentos médicos e psicológicos devem ser tratados com dignidade e têm direito à integridade física e mental, lazer, cultura e cidadania (AMARANTE, 2017). De acordo com a Psiquiatria Social, as oficinas terapêuticas podem ser uma forma de promoção da cidadania, expressão de liberdade, convivência entre pessoas com sofrimento psíquico por meio da inclusão pela arte. Para Furtado, Bock e Teixeira (2015), as modernas versões da Psiquiatria serviram como um meio de crítica ao antigo sistema de saúde

vigente. Em 2017, o setor de Psicologia Escolar do Instituto Federal do Triângulo Mineiro *Campus* Uberlândia, registrou 28 casos de alunos entre 14 e 17 anos que possuem algum tipo de transtorno psíquico, dentre ansiedade, depressão, transtornos de personalidade, transtorno de pânico, transtorno alimentar, etc. (SILVA, 2017). Muitos adolescentes acolhidos pelo serviço fazem tratamentos psicológicos e psiquiátricos, anteriormente à entrada na instituição. Em face deste cenário, devido à inserção dos alunos em ambiente escolar com uma jornada de tempo integral e altamente complexa, geradora de estresse e ansiedade, supomos que a escola deve propor ações que sirvam de acolhimento e prevenção ao esgotamento físico, mental e da criatividade. Indivíduos que “sofrem em silêncio” devido a crises de ansiedade, depressão ou outros tipos de sofrimento psicológico têm o direito de receberem tratamento humanizado, amor e respeito e não serem passíveis de atos de covardia e intimidação por seus pares. Com o intuito de auxiliar os alunos que apresentam dificuldades psicológicas e requerem tratamentos psicológico e médico fora da escola a continuarem a vida acadêmica, bem como preparar seus pares para se relacionarem com aqueles, realizamos esta parte do projeto.

Metodologia

O presente projeto ocorreu no período de março a novembro de 2017. O público-alvo foi constituído de alunos, professores e servidores. Participaram das ações 80 alunos, 5 servidores e 5 professores. Desenvolvemos a ação de extensão com base em 2 eixos temáticos: 1. Reflexões sobre trote, *bullying* e formas de violência mais presentes no cenário educacional (machismo, racismo, homofobia). 2. Reflexões sobre violência e preconceitos com indivíduos com transtornos psíquicos. A fim de viabilizar este 2º eixo temático, realizamos uma parceria com o projeto de extensão “Fazendo mais arte”, coordenado pela professora Márcia Maria Sousa. O projeto foi realizado tendo como ponto de partida uma pesquisa participante (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Para isto, aplicamos um questionário em forma de uma enquête, para sondagem de como os indivíduos da instituição de ensino percebiam este projeto. Essa enquête foi aplicada no mês de março de 2017. Os principais resultados foram: 40 questionários aplicados e 22 questionários devolvidos. Somente 2 professores e 2 servidores responderam ao questionário. Uma síntese dos principais grupos de respostas será apresentada abaixo:

- 2 alunos expressaram apoio à tradição de trotes e percepção negativa ao projeto de extensão. Exemplos: “O objetivo do projeto Anti-Trote é impedir um meio de socialização com os novatos”. “Trote é uma atividade

para arrecadar fundos em prol de algo que traga a socialização". *Bullying* - "Bullying é mimimi da sociedade".

- 2 servidores, e 2 professores e 11 alunos expressaram percepções e expectativas positivas ao projeto.

Em seguida, desenvolvemos as demais etapas do projeto: capacitação teórica dos alunos bolsistas, reuniões de planejamento; divulgação/realização de atividades de divulgação de rodas de conversas e debates para comunidade escolar (alunos, servidores e professores); realização de parcerias para execução do eixo 2 do projeto. Os resultados obtidos com as duas rodas de conversa sobre trote foram muito exitosos e produtivos. As ideias e representações estereotipadas e negativas que os alunos apresentaram inicialmente sobre o projeto foram sendo desmitificadas, por meio de uma postura dialógica com os participantes. Uma comprovação do sucesso da proposta foi de que a 1ª roda de conversa teve a presença de 90 participantes, sendo 80 alunos e servidores e professores. Os alunos e demais participantes tiveram liberdade de exporem as opiniões em relação aos conceitos divergentes que o Projeto denominado Anti-Trote propunha. Apesar da grande resistência apresentada pelos alunos, o que atribuímos à tradição de décadas de trote na instituição como forma de integração entre alunos novos e antigos (SILVA, 2015), foi possível "quebrar o gelo" com esses indivíduos.

A partir da 2ª Roda de conversa, que abordou o racismo, os alunos, servidores e professores foram sendo mais afetados pela necessidade de mudanças e reconstrução do espaço escolar e de convivência social. A oficina e minicurso "Arte e Loucura" tiveram um sucesso significativo. 23 alunos foram

capacitados acerca da questão dos preconceitos e exclusão social e a promoção da cidadania do indivíduo com transtornos mentais, defendida pela Luta Anti-manicomial. Foram trabalhados, de forma teórica e prática, a Arte-Terapia da médica brasileira Nise da Silveira como alternativa ao tratamento convencional ao indivíduo considerado louco pela sociedade. O interesse e criatividade dos alunos foi indicador do grande envolvimento deles com as atividades. Na figura 1, pode ser visualizada um momento de experimentações artísticas na oficina Arte e Loucura.

Considerações Finais

O projeto de extensão "Anti-trote" representou um mecanismo mediador de reflexões e ações, com um enfoque multidisciplinar e institucional, que atuou sobre a prevenção e combate ao trote, *bullying* e preconceitos sobre indivíduos com diferenças (negros, homossexuais, mulheres e indivíduos com transtornos psicológicos). O projeto obteve certo sucesso em aproximar a comunidade escolar de sua proposta transformadora. Os trotes e atos de *bullying* foram mais expressivos no começo do ano letivo, quando o projeto ainda não tinha sido iniciado. Com o passar das primeiras atividades de debates, alunos mudaram em parte seu olhar sobre a forma de tratar os colegas que estavam iniciando o curso na escola, com diminuição de trotes. Paralelamente, o projeto passou a ter uma aceitação maior, com uso de linguagem mais coerente com uma cultura contrária a trotes (ALMEIDA JR; QUEDA, 2003, 2006). A ideia de mudar a cultura institucional no aspec-

Figura 1. Oficina "Arte e Loucura"



Fonte: Márcia Maria de Sousa.

to de existência dos trotes e atos de intimidação sofre ainda certas resistências. Muitos alunos utilizam-se dos conceitos sugeridos pelos fundamentos teóricos do projeto de forma irônica (como exemplo, “ingressante”, ao contrário de novato), o que demonstra ser necessária sua continuidade. Entretanto, ao longo das atividades, os alunos representantes de minorias sociais passaram de atores passivos, alvos de trotes, piadas, comentários pejorativos, a atores ativos, sendo convidados a dar sua contribuição singular ao projeto. O eixo temático Arte e Loucura estendeu as ações de prevenção e combate à violência aos indivíduos que apresentam dificuldades psíquicas, mas que podem e devem ter seu espaço de interlocução e participação ativa nos projetos escolares.

Referências

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. et al. **La personalidad autoritaria**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. R. **Anatomia do trote universitário**. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.
- ALMEIDA JR, A. R.; QUEDA, O. **Trote na ESALQ**. Piracicaba: Edição Própria, 2003.
- _____. **Universidade, preconceitos e trote**. São Paulo: Hucitec Editora, 2006.
- AMARANTE, Paulo. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica, pp. 45-65. In: AMARANTE, P. (Coord.). **Archivos de saúde mental e atenção psicossocial**. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S1413> - Brasil. Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002.> Acesso em: 2017.
- BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2015.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo-SP: EPU, 1986.
- MATTOSO, G. **O calvário dos carecas**. São Paulo: EMW Editores, 1985.
- MEDEIROS, W. M. M. **Evasão escolar e educação: o caso do Centro de Educação Profissional Agrícola Estadual Mohamad Ali Hamzé**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1443-8.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2012.
- RESENDE, M. L. A. **Evasão escolar no primeiro ano do Ensino Médio integrado do IFSULDEMINAS**. 2012. Dissertação (Mestrado Política Social) - Prog. Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, *Campus Machado*, 2012.
- SILVA, R. M. **“Só vencem os fortes”- a barbárie dos trotes na Educação Agrícola**. Prog. Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. Dissertação de Mestrado. 2015.
- _____. **Quadro demonstrativo de quantitativo de alunos com transtornos psíquicos**. Uberlândia-MG: IFTM *Campus Uberlândia*, 2017.
- SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. São Paulo, Editora Paz e Terra. 1990.
- ZUIN, A. A. S. **Trote universitário: passagens de um rito de iniciação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.



Pré-Intensivo IFTM

Ana Luiza Borges de Paula Nunes

Mestre em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Margarete Afonso Borges Coelho

Mestre em Estudos Linguísticos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Leandro Batista Machado

Especialista em Química
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Patrícia Rosa Aguiar

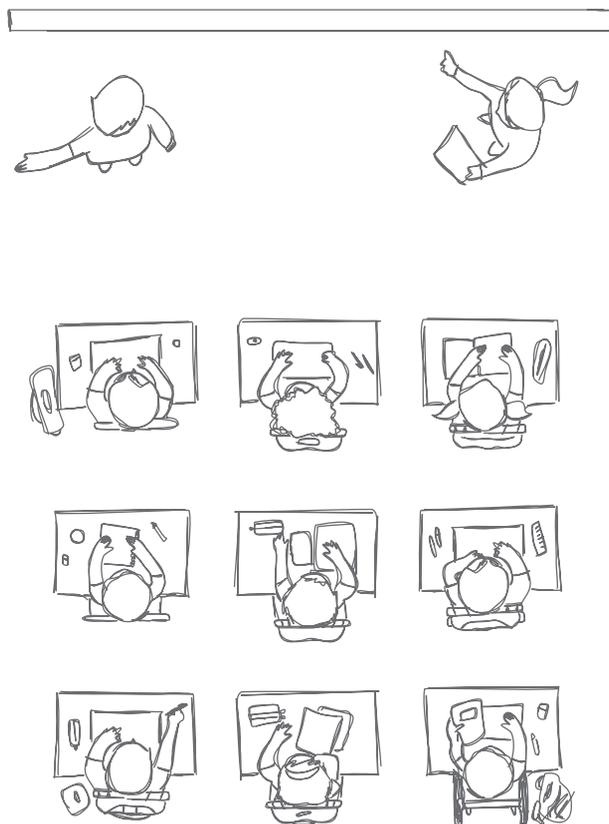
Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Alcione de Souza Júnior

Mestre em História
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Regina Staropoli de Azevedo

Doutora em Física Nuclear Teórica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)



Resumo

Atividades de extensão são importantes oportunidades para aplicar os resultados dos aprendizados em sala de aula e intercambiá-los com a sociedade, por meio de ações que venham a produzir melhorias na vida dos envolvidos. O projeto de extensão Pré-Intensivo IFTM, desenvolvido com o incentivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro *Campus* Patrocínio objetivou ofertar aos alunos de escolas públicas de Patrocínio (MG) o estudo e revisão dos conceitos fundantes nas disciplinas da Base Nacional Comum e o aperfeiçoamento de habilidades já contempladas ao longo do ensino fundamental, além de beneficiar o aluno bolsista e o voluntário que atuou como executor do projeto. Apoiado nos referenciais teóricos dos quatro pilares da educação, especialmente o de aprender-fazendo e no trabalho com projetos, o Pré-Intensivo IFTM teve como metodologia central a realização de encontros/aulas periódicos realizados por 2 discentes bolsistas e 6 discentes voluntários, organizados por disciplinas da BNC, orientados por professores específicos para cada disciplina, e com o público-alvo de 60 alunos do 9º ano do ensino fundamental oriundos de 6 escolas públicas de Patrocínio.

Foram realizados 12 encontros com cada uma das turmas, alfa e beta, em que o material trabalhado foi a apostila de questões elaborada para o projeto e doada a cada aluno participante. Durante os encontros, os alunos envolvidos demonstraram muita satisfação com os trabalhos desenvolvidos na execução do projeto, verbalizaram melhoria cognitiva, maior motivação e segurança para o processo seletivo do Instituto visando o ensino médio. Além dos resultados qualitativos, obtiveram-se dados quantitativos do grau de satisfação do aluno parceiro, através de um questionário aplicado. Os discentes extensionistas expressaram terem aprofundado seus conhecimentos nos conteúdos trabalhados e melhorado a oratória. Salientou-se ainda uma maior visibilidade alcançada pelo IFTM *Campus* Patrocínio perante a sociedade devido à repercussão do trabalho desenvolvido.

Palavras-chave: Projeto de extensão. Integração. Aprender-fazendo.

Introdução

Extensão é tida como um processo educativo, cultural e científico, articulado ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, promovendo o desenvolvimento local e regional, a socialização da cultura e do conhecimento técnico-científico (IFTM, 2012). A Extensão é o espaço privilegiado para o diálogo com o social, diante do relativo mutismo do ensino e da pesquisa (MOURA, 2016). É um dos caminhos mais curtos para levar à sociedade o resultado de pesquisas e do aprendizado da sala de aula, para intercambiá-los por meio de ações que venham a produzir melhorias na vida dos envolvidos.

Assim, atividades de extensão são importantes oportunidades de aproximação entre a instituição fomentadora dos projetos e os diferentes espaços e sujeitos da comunidade local, constituindo-se em um elo entre a instituição e a sociedade (MOURA, 2016), além de favorecer para que os recursos humanos envolvidos sejam beneficiados com as modificações, intrínsecas e extrínsecas, decorrentes do processo. O projeto de extensão Pré-Intensivo IFTM promoveu um diálogo mais estreito entre esse Instituto Federal e escolas públicas de Patrocínio, parceiras do projeto, quando propôs que as discentes bolsistas e os discentes e docentes voluntários trabalhassem diretamente com alunos desses educandários, auxiliando-os na revisão dos conteúdos aprendidos no ensino fundamental e consequente preparo para o processo seletivo para ingresso no IFTM *Campus* Patrocínio, em 2016 (PS-2016).

O objetivo geral do projeto de extensão Pré-Intensivo IFTM foi ofertar aos alunos de escolas públicas de Patrocínio (MG) o estudo e revisão dos conceitos fundantes nas disciplinas da Base Nacional Comum e o aperfeiçoamento de habilidades já contempladas ao longo do ensino fundamental, beneficiando também o aluno bolsista e o voluntário que atuará como executor do projeto.

Os objetivos específicos do projeto foram:

- produzir material de apoio para acompanhamento das aulas;
- resolver e estudar o material previamente elaborado pelos professores de cada disciplina da Base Nacional Comum, com os respectivos bolsistas da disciplina;
- fornecer subsídios teóricos para o aluno das escolas públicas envolvidas compreenderem melhor os conceitos pertencentes ao conteúdo programático proposto para o ingresso no Ensino Médio;
- motivar os alunos do 9º ano das escolas públicas parceiras a participarem do processo seletivo PS 2016 do IFTM *Campus* Patrocínio;

- favorecer o estreitamento entre o IFTM e as escolas públicas buscando uma maior visibilidade do Instituto perante a comunidade;
- estimular, no aluno bolsista, o gosto pelo estudo através da necessidade de se preparar para as atividades de monitoria frente aos alunos do projeto;
- contribuir para uma melhor postura do aluno bolsista favorecendo sua oratória.

Os problemas abordados em relação ao ensino e à aprendizagem nas instituições públicas não são recentes e se apresentam de forma variada e com graus de complexidade distintos, quase sempre difíceis de serem resolvidos. O projeto Pré-Intensivo IFTM se insere nesta problemática quando apresentou como um dos objetivos principais a ação de ofertar ensino de qualidade para alunos oriundos de escolas públicas, na forma de encontros para estudo e revisão de conceitos fundantes nas disciplinas da BNC, a fim de preencher lacunas que comprometeriam o ensino médio. Com isso, esperou-se que conteúdos essenciais e defasados, vistos no ensino fundamental, pudessem ser revisados preenchendo lacunas que comprometeriam o ensino médio. Aliado a esse propósito, o projeto teve grande relevância no sentido de capacitação dos discentes extensionistas, contribuindo para uma melhora significativa do desempenho dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem e durante o ensino médio. Ademais, os alunos oriundos das escolas públicas parceiras do presente projeto tiveram um melhor preparo para o processo seletivo 2016 de ingresso nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFTM *Campus* Patrocínio, aos conceitos aprendidos durante o ensino fundamental. Destacou-se ainda uma maior visibilidade alcançada pelo IFTM *Campus* Patrocínio perante a sociedade devido à presença dos alunos das escolas parceiras no Instituto e repercussão do trabalho desenvolvido.

O embasamento teórico norteador das discussões e ações trabalhadas no projeto Pré-Intensivo IFTM relacionou-se aos quatro pilares da educação, quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser (DELORS, 2003).

Desenvolvimento

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) disciplina a estrutura e o funcionamento do sistema escolar brasileiro (BRASIL, 2013). Assim sendo, é um importante referencial, quando a intenção é com-

preender e justificar ações relacionadas ao âmbito escolar, pois indica os principais objetivos a atingir, assim como, as perspectivas a serem seguidas.

A educação ocorre através de diversos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil (BRASIL, 2013). O ensino formal orienta-se, essencialmente, para o aprender a conhecer e, em menor escala, para o aprender a fazer. As duas outras aprendizagens, aprender a viver juntos e aprender a ser, dependem, a maior parte das vezes, de circunstâncias aleatórias (DELORS, 2003). Como uma estratégia para trabalhar essas quatro aprendizagens fundamentais, destaca-se o trabalho por projetos. Segundo Prado (2005), com a pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Trabalhar com projetos pode viabilizar ao aluno um modo de aprender baseado na integração entre conteúdos das várias áreas do conhecimento (ALMEIDA; FONSECA JUNIOR, 2000).

Prado (2001), ao discutir sobre aprendizagem no trabalho por projetos, destaca a possibilidade de o aluno recontextualizar aquilo que aprendeu e estabelecer relações significativas entre conhecimentos. Tais percepções veem corroborar os princípios trabalhados por Delors (2003) ao afirmar ser muito significativo que o aluno aprenda-fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que lhe impulsionam a contextualizar conceitos já conhecidos e descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto. Nessa situação de aprendizagem, o aluno precisa selecionar informações significativas, tomar decisões, trabalhar em grupo, gerenciar confronto de ideias, enfim, desenvolver competências interpessoais para aprender de forma colaborativa com seus pares (PRADO, 2005).

É uma incumbência dos docentes colaborarem com atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 2013), propiciando assim oportunidades para que os alunos desenvolvam e apliquem os conteúdos estudados em sala de aula. Nesse sentido, o projeto Pré-Intensivo IFTM, trabalho de extensão, inseriu-se como uma possibilidade do aluno aprender-fazendo, considerando que os sujeitos envolvidos – discentes extensionistas e alunos das escolas parceiras – deveriam se tornar protagonistas da própria aprendizagem.

Descrição dos procedimentos metodológicos

Os problemas abordados em relação ao ensino e a aprendizagem nas instituições públicas não são recentes e se apresentam de forma variada e com graus de complexidade distintos, quase sempre difíceis de serem resolvidos. Na maioria das vezes, os conteúdos essenciais vistos no ensino fundamental precisam ser revisados preenchendo lacunas que comprometeriam o ensino médio. Nesse viés, visando a revisão de conceitos básicos nas disciplinas da Base Nacional Comum, foi elaborado o projeto de extensão Pré-Intensivo IFTM.

O projeto Pré-Intensivo IFTM foi realizado pelo trabalho conjunto de duas alunas bolsistas e seis alunos voluntários (todos os discentes são alunos dos três cursos do ensino técnico integrado ao ensino médio), além de uma servidora técnica em assuntos educacionais e de sete professores, compondo a equipe executora desse trabalho. O projeto teve início em abril/2015, finalizando em dezembro/2015.

Quanto às escolas parceiras para a realização do projeto, objetivou-se que fossem instituições públicas e que, obviamente, oferecessem o 9º ano do ensino fundamental. Nesse sentido, as escolas parceiras foram: Colégio Municipal Professor Olímpio dos Santos; Centro de Atenção Integral a Criança (CAIC); Escola Estadual Amir Amaral; Escola Estadual Irmã Gislene; Escola Estadual Dalva Stela de Queiroz; Escola Estadual Nely Amaral. Concomitante à elaboração do projeto, foi realizada uma visita a cada escola supracitada para uma reunião com a direção e apresentação das ideias e objetivos de trabalho e proposição da parceria. A proposta foi prontamente aceita pelas seis escolas que ficaram aguardando o início do projeto. No momento desta primeira visita, foi levantado o número de turmas do 9º ano oferecidas em cada escola para que fosse feita uma estratificação da quantidade de vagas do projeto por escola, partindo-se do princípio de que quanto maior o número de turmas/escola maior o número de vagas no projeto/escola, totalizando 60 alunos organizados em turmas para os trabalhos.

Divulgação do projeto

Para dar início aos trabalhos, no período de 23/03/2015 a 27/03/2015, alguns docentes da equipe executora estiveram nas escolas parceiras solicitando que a direção da mesma fizesse a divulgação do projeto. Feito isto pela direção de cada escola, os alunos interessados preencheram um Protocolo de Inscrição (Apêndice 01), no qual puderam manifestar o interesse em participar do

projeto. Nas escolas onde o número de alunos interessados foi superior ao número de vagas disponíveis, foi realizado o sorteio dos alunos que efetivamente participaram do projeto.

Àqueles alunos que realmente participaram do projeto, foi solicitado que conversassem com seus pais e responsáveis sobre os trabalhos propostos no projeto, principalmente porque os encontros para estudo ocorreriam no período da tarde, quando não estavam em aula, e nas dependências do IFTM *Campus* Patrocínio. Esses alunos preencheram um Requerimento de Inscrição e Consentimento dos Pais (Apêndice 02), o qual deveria estar assinado pelo responsável para sua ciência. No dia 03 de abril 2015, os requerimentos assinados foram recolhidos nas escolas e, a partir destes, de forma aleatória, os alunos foram organizados nas turmas alfa e beta.

Execução do projeto

O objeto de trabalho do projeto Pré-Intensivo IFTM foi uma apostila (Apêndice 03) elaborada

pelos docentes juntamente com as alunas bolsistas, a qual foi subdividida nas disciplinas: português, matemática, geografia, história, física, ciências e química. Esta apostila conteve, para cada disciplina, uma seleção de questões objetivas retiradas de processos seletivos, principalmente e não exclusivamente, os do IFTM para o ingresso no ensino médio. A seleção das questões e sua organização ficaram sob a responsabilidade de cada docente orientador de cada disciplina com o grande auxílio das duas alunas bolsistas que fizeram o levantamento da maioria das questões; já a junção de todas as questões/disciplinas em uma única apostila ficou sob a execução da coordenadora do projeto.

Durante o processo de elaboração desse extenso material de trabalho (apostila), a coordenação do projeto buscou discentes voluntários para auxiliarem na execução dos trabalhos. Após entrevistas e conversas informais, foram selecionados seis alunos do ensino médio integrado, voluntários para trabalharem no projeto como monitores das disciplinas, cada um com seu professor orientador (tabela 01).

Tabela 01 – Equipe executora do projeto (discentes e docentes), por disciplina.

Disciplina	Discente monitor	Professor Orientador
Português	Ana Luiza Dortas Menezes (discente bolsista)	Margarete Afonso Borges Coelho
Matemática	Danielle Lara Queiroz Ferreira (discente bolsista) Mariana de Lourdes Godoy da Silva (discente voluntária)	Evandro de Ávila e Lara
Geografia	Vinicius José do Valle Ferreira Santos (discente voluntário)	Patrícia Rosa Aguiar
História	Virna Aryane Resende (discente voluntária)	Alcione de Souza Júnior
Física	Samuel Víctor Rodrigues Reis (discente voluntário)	Regina Staropoli de Azevedo
Ciências	Bárbara Vieira de Oliveira (discente voluntária)	Ana Luiza Borges de Paula Nunes
Química	Maisa Cecília Ferreira (discente voluntária)	Leandro Batista Machado

A elaboração da apostila e posterior preparo das aulas pelos discentes bolsistas e voluntários envolvidos na execução do projeto aconteceram durante os meses de abril e maio/2015.

Os encontros dos discentes extensionistas com os alunos do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas de Patrocínio constituíram-se nos momentos de colocar em prática todo o estudo feito pelos discentes orientados pelos respectivos professores e de resolução das questões contidas na apostila elaborada, além da revisão e discussão dos conceitos envolvidos nas questões.

Os 60 alunos das escolas parceiras foram avisados do início das aulas e convidados a estarem no *Campus* do IFTM, no período de 14h as 17h40 do dia 12/06/2015, data da primeira aula do projeto. As aulas ocorreram sempre às sextas-feiras a tarde, de 14h as 17h40. Nessa primeira aula, foi-lhes entregue a apostila elaborada e um cronograma com as datas de todas as aulas durante o projeto (Tabela 02).



Tabela 02 – Cronograma com datas das aulas e disciplinas por aula.

CRONOGRAMA DE AULAS – PROJETO PRÉ-INTENSIVO IFTM	
12/06/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Química / Física 16h – 17h40: Geografia / História
12/06/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Química / Física
26/06/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
26/06/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática
10/07/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Química / Biologia 16h – 17h40: Geografia / História
10/07/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Química / Biologia
31/07/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
31/07/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática
14/08/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Física / Biologia 16h – 17h40: Geografia / História
14/08/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Física / Biologia
28/08/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
28/08/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática
11/09/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Física / Química 16h – 17h40: Geografia / História
11/09/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Física / Química
25/09/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
25/09/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática
16/10/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Química / Biologia 16h – 17h40: Geografia / História
16/10/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Química / Biologia
06/11/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
06/11/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática
20/11/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Física / Biologia 16h – 17h40: Geografia / História
20/11/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Geografia / História 16h – 17h40: Física / Biologia
27/11/15 – Turma Alfa	14h – 15h40: Matemática 16h – 17h40: Português
27/11/15 – Turma Beta	14h – 15h40: Português 16h – 17h40: Matemática

Durante todo o decorrer do projeto, as alunas bolsistas realizavam estudos diários para os conteúdos de Português e Matemática, os quais foram monitoras, e ainda estiveram à disposição dos discentes voluntários os auxiliando nas dúvidas ocorridas. Além disso, todos os discentes que trabalharam no projeto se reuniam com seu professor orientador com frequência.

Na última aula com cada turma de trabalho, foi aplicado um questionário (Apêndice 04) contendo 22 questões objetivas e um espaço para sugestões, para o levantamento quantitativo da satisfação dos alunos atendidos em relação ao trabalho desenvolvido durante o projeto como um todo e por disciplina.

Resultados e Discussão

Primeiramente, no momento das visitas às escolas para convidá-las a serem parceiras do presente projeto, foi relevante o grande interesse demonstrado pela direção de cada escola em ter seus alunos participando do projeto, ainda mais nas dependências do Instituto.

Tal interesse expresso pela direção das escolas foi confirmado pelo número de alunos que preencheram o Protocolo de inscrições e, assim, todas as escolas parceiras tiveram que realizar o sorteio para obterem os alunos que realmente participariam do projeto. De um total de 118ç alunos inscritos, 60 foram sorteados e obtiveram ciência e autorização dos responsáveis para comporem as duas turmas (alfa e beta) de trabalho, oriundos das escolas: 24 alunos do Colégio Municipal Professor Olímpio dos Santos; 05 alunos do CAIC; 10 alunos da Escola Estadual Nely Amaral; 10 alunos da Escola Estadual Dalva Stela de Queiroz; 05 alunos da Escola Estadual Irmã Gislene e 06 alunos da Escola Estadual Amir Amaral.

Na primeira aula, estiveram presentes em média 96% dos alunos. Nas demais aulas, a frequência reduziu um pouco, variando em torno de 60% dos alunos inscritos. Acredita-se que a redução na frequência dos alunos foi influenciada por alguns fatores, dentre eles, o fato dos encontros acontecerem às sextas-feiras, durante todo o período da tarde, quando os alunos já estavam cansados de uma semana de estudos, fator que provavelmente se tornou decisivo para aqueles menos comprometidos. Apesar desta redução inicial no número de alunos frequentes, observou-se que os alunos que foram ao segundo encontro nas duas turmas, se mantiveram firmes participando do projeto até o final.

Por meio de conversas informais durante os encontros e das respostas dadas ao questionário aplicado sobre a satisfação com o projeto, concluiu-se que o grupo de alunos que se manteve assíduo em

todos os doze encontros eram aqueles realmente interessados e dispostos a desprenderem tempo e esforço buscando uma revisão dos conceitos básicos de cada disciplina e, conseqüentemente, objetivando um melhor desempenho no processo seletivo 2016 do IFTM *Campus* Patrocínio.

O levantamento de satisfação foi respondido por 36 alunos que estiveram presentes em praticamente todos os doze encontros. Quando perguntados sobre o trabalho desenvolvidos pelos alunos monitores do IFTM, 100% (36) dos envolvidos o classificaram como ótimo ou bom. Esse mesmo percentual foi obtido ao avaliarem o material (apostila) trabalhado, destacando que praticamente todos os alunos avaliaram a apostila como ótimo. Quanto à metodologia utilizada durante o desenvolvimento do projeto, 97,20 % (35) dos alunos participantes do projeto acharam-na ótima ou boa e apenas 1 aluno a classificou como razoável. A análise dessas três questões respondidas permitiu observar que houve sim um grau elevado de satisfação em relação ao projeto desenvolvido, por parte dos alunos parceiros. E, segundo os oito alunos extensionistas, a participação no projeto foi enriquecedora tanto no aspecto cognitivo quanto na desenvoltura e posicionamento perante diferentes pessoas, atuando como um professor e trabalhando na losa, à frente dos alunos.

Um fator que gerou um menor contentamento entre os alunos questionados foi a quantidade e a frequência dos encontros realizados. Mais da metade (61,10%) dos alunos avaliou esses itens como razoável. Tal avaliação aponta para uma análise e reestruturação do projeto, caso venha a ser oferecido novamente. Entretanto esbarra no quesito da sobrecarga de trabalhos e atividades dos alunos extensionistas, que já se sentem sobrecarregados com a carga horária do Instituto.

Para os 36 (100%) alunos questionados, a contribuição oferecida durante os encontros realizados foi ótima ou boa, em que 28 (77,77%) consideraram-na como uma ótima contribuição oferecida. A maioria dos alunos se mostrava motivada durante as aulas, principalmente através da participação ativa respondendo as perguntas dos alunos monitores/professores e fazendo seus questionamentos.

Encerrando o questionário em relação à estrutura geral do projeto, os alunos foram perguntados quanto à segurança e quanto à motivação para a realização da prova do processo seletivo (PS 2016-1) de ingresso no IFTM, que seria realizado em dezembro/2015. A maioria dos alunos, em torno de 90%, afirmou que a segurança e a motivação aumentaram muito ou aumentaram pouco, mas sofreram acréscimo. Dessa forma, os alunos demonstraram ter ocorrido uma melhora em suas condições pessoais para a realização da prova e não apenas aspectos cognitivos.

O questionário para o levantamento de satisfação teve duas perguntas específicas para cada disciplina, em que uma delas questionou sobre o trabalho desenvolvido pelo aluno/aluna monitor e o professor orientador da disciplina durante os encontros e a outra pergunta foi sobre as aulas da mesma disciplina. Mais uma vez as respostas obtidas demonstraram a satisfação dos alunos por estarem participando dos trabalhos no presente projeto, onde uma maioria de aproximadamente 78% respondeu como ótimo ou bom para estas duas perguntas em relação a todas as disciplinas.

As disciplinas melhores avaliadas pelos alunos foram o Português e a Matemática, mais respostas “ótimo”. Tal mérito provavelmente se deve devido a maior maturidade cognitiva e pessoal das alunas monitoras que cursavam o 2º ano do ensino médio em comparação com os monitores das demais disciplinas que cursavam o 1º ano do ensino médio e, também, devido ao maior número de aulas, pois a cada encontro essas duas disciplinas tinham 2h/aula em cada turma enquanto todas as outras disciplinas tinham apenas 1h/aula por encontro, o que possibilita uma menor interação entre aluno monitor/professor e os alunos parceiros do projeto.

No caso do questionário destinado às sugestões, 13 alunos escreveram alguns comentários. Todas as sugestões apresentadas foram enfocando o aumento no número de encontros/aulas para terem maior tempo de estudo e um menor intervalo entre os encontros. Três alunos reclamaram por algumas disciplinas não terem conseguido resolver todas as questões por falta de tempo, exemplificando a necessidade de mais encontros. E outros quatro alunos sugeriram aulas mais criativas, interativas e ao ar livre passando em suas sugestões o cansaço enfrentado em uma tarde de sexta-feira, o que pode ter desmotivado os outros alunos que não conseguiram chegar até o final do projeto. Tais sugestões apresentadas por 36,11% dos alunos participantes do projeto reforçam o que fora por eles exteriorizado, de que os trabalhos realizados tiveram um reflexo positivo na vida desses discentes e que pequenos detalhes reestruturados o tornaria ainda mais eficiente.

No último encontro, em cada turma, foi perguntado individualmente aos alunos se eles haviam se inscrito para o PS 2016-1, e todos os 36 alunos frequentes confirmaram a inscrição para o processo seletivo.

Para os alunos extensionistas, a experiência adquirida ao trabalharem em um projeto de extensão como este foi ampla. Durante o estudo, para resolverem as questões da apostila trabalhada, os alunos revisaram e aprofundaram conceitos anteriormente aprendidos e tiveram momentos particulares de monitoria com seus professores

orientadores. Explicando os conceitos aos alunos nos encontros/aulas, encontraram novas maneiras para compreenderem determinados assuntos e, com o esforço para se expressarem de uma maneira clara e direta, suprimiram a timidez e entoaram a voz. Através do trabalho com o outro, aprenderam como melhor conviver e, ainda, puderam se sentir como um professor contribuindo para melhorar suas posturas enquanto alunos do ensino médio. Além dos benefícios citados, foi observada, pelos professores orientadores e pela coordenação do projeto, uma melhora significativa dos oito alunos extensionistas quanto às notas e ao comportamento, durante as aulas regulares do IFTM.

Considerações Finais

O trabalho com projetos agrega várias características positivas, que culminam com o crescimento holístico dos indivíduos participantes. Considerou-se que tão importante quanto os resultados concretos obtidos nas atividades, foi o processo vivido por todos os alunos envolvidos. Permitiu compreender que cada sujeito é autor da própria aprendizagem e que, para isso, faz-se necessário perceber ou descobrir a sua capacidade de aprender.

A parceria com escolas públicas de Patrocínio ofereceu a oportunidade dos alunos do 9º do ensino fundamental destas escolas, participantes do projeto, revisarem e aprenderem melhor conteúdos de todas as disciplinas da Base Nacional Comum, favorecendo seu desempenho no ensino médio e, também, no processo seletivo PS 2016 para ingresso no IFTM Campus Patrocínio. Além disso, o presente projeto melhorou a visibilidade do Instituto na comunidade Patrocínense e reforçou o nome IFTM dentre os educandários parceiros. Percebeu-se nos alunos participantes um despertar, a cada dia maior, do desejo de buscarem uma vaga para estudarem no Instituto Federal.

As atitudes dos alunos parceiros através das quais expressavam motivação e contentamento com o trabalho desenvolvido foram constantes. Relataram por diversas vezes e através do questionário de satisfação aplicado, que a participação no projeto foi significativa para o crescimento cognitivo.

As alunas bolsistas e os alunos voluntários relataram em diversas verbalizações o crescimento cognitivo e pessoal alcançado, bem como a satisfação por terem sido os protagonistas na execução do projeto. Diante dos bons resultados alcançados, sugere-se a continuidade do projeto abarcando um maior número de escolas públicas de Patrocínio (MG) que ofereçam o 9º ano do ensino fundamental e, acima de tudo, um maior número de alunos contemplados com essa oportunidade ímpar de reforço cognitivo.

Referências

ALMEIDA, F.J.; FONSECA JÚNIOR, F. M. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_8.ed.pdf?sequence=1> Acesso em: 10 out. 2017.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez - Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (IFTM). **Resolução "Ad Referendum" nº 37/2012, de 19 de outubro de 2012**. Dispõe sobre a regulamentação das Atividades de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. 2012. Disponível em: <http://www.iftm.edu.br/patrocínio/extensao/regulamentos/pdf/regulamento.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MOURA, D.M.A. Extensão: possibilidades e desafios: uma análise a partir do programa de extensão "Cursinho Ingressa: educação e integração", na Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. **EXTRAMUROS - Revista de Extensão da UNIVASF**. v.4, n.2, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/viewFile/601/562>>. Acesso em: 01/11/2017.

PRADO, M. E. B. B. **Articulando saberes e transformando a prática**. Brasília-DF: Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação, 2001. Boletim do Salto para o Futuro. Série Tecnologia e Currículo, TV Escola.

PRADO, M. E. B. B. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 30/11/2014.



Tecnologias assistivas disponíveis aos alunos com deficiência e seus educadores

Rutiléia Maria de Lima Portes

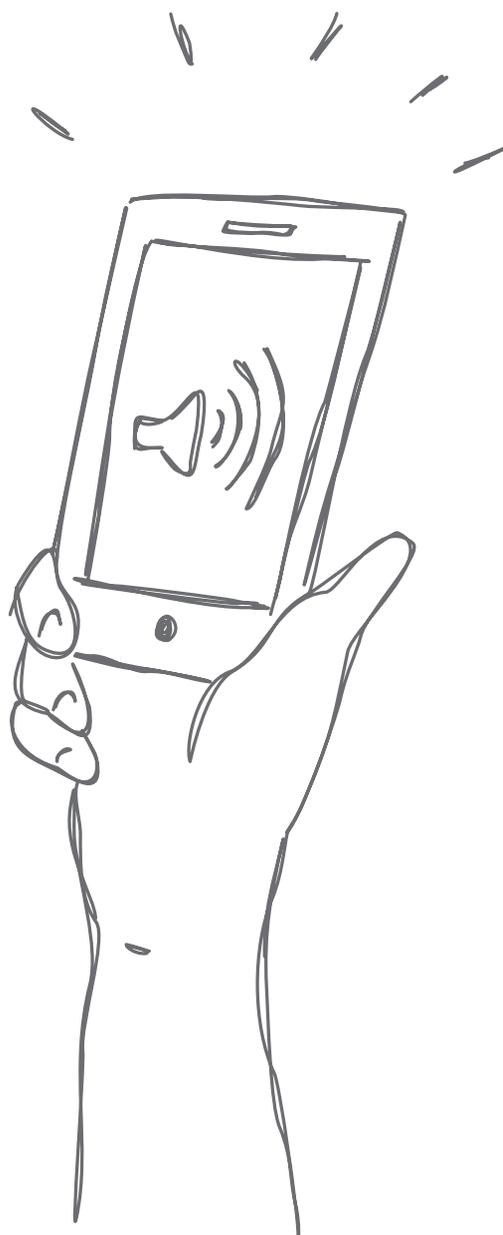
Mestre em educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)

Daniela Resende Silva Orbolato

Mestre em ciência da computação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)



Resumo

Este trabalho tem por finalidade relatar as experiências vivenciadas pelos integrantes do projeto “Tecnologias assistivas disponíveis aos alunos com deficiência e seus educadores”, cujas atividades aconteceram no período de abril a novembro de 2016. Este ocorreu em continuidade ao projeto “biblioteca de tecnologias assistivas do IFTM”, finalizado no ano de 2015. O objetivo principal consistiu na catalogação e composição de um acervo constituído por tecnologias assistivas destinadas às pessoas com deficiência nos dias atuais. Tendo em vista as várias modalidades de tecnologia assistiva, buscou-se apenas pelas novas tecnologias, ou seja, aquelas que envolvem a informática com o intuito de possibilitar ou facilitar o acesso à informação da pessoa com deficiência e ao conhecimento, bem como à interação nos meio-ambientes sociais comuns a todos. O projeto abrange tecnologias assistivas na sua variedade de instrumentos e procedimentos auxiliares e muitas vezes determinantes na vida de quem possui algum tipo de deficiência (física, sensorial e intelectual), transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Ao fim da catalogação, foi oferecido um curso de

formação a 16 educadores da Escola Uberaba e do Instituto dos Cegos do Brasil Central – ICBC – sobre como baixar, instalar e utilizar as ferramentas assistivas catalogadas. Tal experiência foi de grande relevância e aprendizado tanto para os alunos bolsistas que ministraram as aulas como para as professoras que participaram do curso. Vários tutoriais de tecnologias assistivas foram construídos e já postados numa plataforma virtual que esperamos aperfeiçoar e disponibilizar no próximo ano a partir da continuidade deste projeto em sua terceira versão.

Palavras-chave: Tecnologia assistiva. Formação de professores. Pessoas com deficiência.

Introdução

Nos últimos 20 anos, as políticas públicas vêm traçando diretrizes para a inclusão de alunos com deficiências nas escolas regulares, a começar pela Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Entretanto, ainda hoje, observa-se que tal inclusão prevalece como um dos grandes desafios da educação nos dias atuais.

Foram criados inúmeros mecanismos para que as redes de ensino públicas e privadas acolham a todos, independentemente do grau da deficiência ou de quaisquer singularidades e necessidades específicas. O Atendimento educacional especializado (AEE) foi criado para minimizar as dificuldades enfrentadas, constituindo-se como um espaço em que os alunos recebem complementação curricular e pedagógica em horário extraturno com professores especializados que fazem uso de tecnologias assistivas destinadas às diferentes modalidades de deficiências.

O avanço exponencial da tecnologia (TA) nos últimos anos tornou-se um grande aliado desses processos inclusivos facilitando as intervenções dos especialistas, professores, pais e, sobretudo, a vida cotidiana e escolar dos alunos com deficiência. Pela via de uma TA, vemos hoje um aluno com deficiência visual desempenhar com total autonomia suas atividades escolares valendo-se de um computador com leitor de tela, ou um aluno surdo se comunicando com alguém que nem sabe libras. Infelizmente, ainda são poucos os alunos com deficiência que têm acesso a tais ferramentas, por inúmeros fatores, dentre eles a desinformação ou a dificuldade de acessá-las de modo fácil e sem muitos custos financeiros.

As tecnologias assistivas compõem o conjunto das TICS (Tecnologias de informação e comunicação). De acordo com a Lei Brasileira da Inclusão – LBI 13146, aprovada recentemente, em julho de 2015, tecnologia assistiva é:

tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão educacional (art. 3, inciso iii)

Ressalta-se que, apesar do termo “tecnologia” - amplamente citado nas políticas públicas atuais, se referir muitas vezes ao sentido mais genérico da palavra, nós o utilizaremos para nos referirmos principalmente às novas tecnologias, ou seja, àquelas que envolvem a informática e as redes digitais. Enfatizaremos a função comunicacional dessas tecnologias, pois o nosso objetivo é compreender como elas contribuem para os processos educacionais de pessoas com deficiências, analisando suas potencialidades interacionais e comunicacionais tão importantes desde os anos iniciais da educação.

De acordo com Raiça (2008), o próprio conceito de tecnologia nos possibilita inferir sua aplicabilidade e contribuição para os processos inclusivos de pessoas com deficiência. A autora explica que a palavra possui etimologia grega, que significa a ciência da técnica, proveniente da junção entre *téchne*, que significa arte e destreza, e *logos*, que quer dizer estudo e ciência. Nessa perspectiva, pode-se pensar que tecnologia envolve a aplicação dos conhecimentos científicos na solução de problemas, ou seja, é o estudo das técnicas que auxiliam a humanidade a viver com melhor qualidade (RAIÇA, 2008). Então, se a função da tecnologia assistiva é de auxiliar uma vida melhor para as pessoas com algum tipo de limitação, o seu conceito está atrelado ao conceito genérico de tecnologia, ambos se adequando perfeitamente para a melhoria da vida de todas as pessoas.

Infelizmente, são poucas as pessoas com deficiência que conhecem o potencial das tecnologias assistivas no que se refere às facilidades de acesso à informação e ao conhecimento, sobretudo nos ambientes educacionais. Elas podem inclusive minimizar as distâncias e diferenças comuns entre aluno com deficiência/aluno sem deficiência, pois através de um mesmo recurso, como, por exemplo, um computador e um celular, interagem com o conhecimento de maneira livre e independente. Entretanto, é preciso que seus professores sejam os estimuladores dessas práticas, conheçam e saibam como utilizar uma tecnologia assistiva adequada às situações de aprendizagem. Em geral, são os professores do AEE que apoiam e orientam os professores regentes quanto às práticas inclusivas e eficazes durante a educação do aluno com deficiência.

Entretanto, os especialistas atuantes no AEE das escolas regulares desconhecem, em sua maioria, as tecnologias assistivas disponíveis e, quando as conhecem, não sabem como utilizá-las. Foi o que comprovamos durante as atividades extensionistas ao visitarmos as escolas que possuem salas de recursos com várias tecnologias assistivas. Muitas dessas ferramentas nunca foram utilizadas porque os professores nunca receberam treinamento adequado e não sabem onde buscá-lo.

É preciso destacar ainda a abrangência do uso de uma tecnologia assistiva que extrapola os ambientes educacionais, considerando-se a necessidade cada vez mais crescente de permanente atualização de conhecimentos e informações para ingresso e permanência no mercado de trabalho. As tecnologias assistivas podem ser determinantes para o livre acesso aos ambientes/espços laborais, comunicação e interação social das pessoas com deficiência. Tais tecnologias estão disponíveis em diversos sites na internet, mas buscá-las e utilizá-las nem sempre é simples e imediato. Não há um catálogo unificado das mesmas e nem todas possuem um roteiro claro de instalação e de

utilização. Logo, a catalogação e a documentação desses recursos demandam algum conhecimento em informática. Já que o IFTM possui vários cursos voltados à informática, foi propício realizar essa atividade junto aos alunos desses cursos para que, posteriormente, possamos divulgá-las ao público interno e externo.

Desse modo, o projeto veio ao encontro das necessidades reais dos professores atuantes no AEE ao oferecer um curso básico que lhes ensinasse a baixar, instalar e utilizar alguns *softwares* e aplicativos gratuitos úteis ao dia a dia com os alunos com deficiências diversas. Paralelamente, foi dada continuidade à construção de um site que disponibiliza algumas tecnologias assistivas com possível aplicação em educação juntamente com roteiros de instalação e utilização das mesmas.

Foi possível, também, através desse projeto, oferecer aos alunos da área de informática do IFTM *Campus* UPT a oportunidade para conhecer os recursos tecnológicos que possibilitam às pessoas com deficiência terem o mesmo acesso à informação, ao conhecimento, comunicação e interação social comum a todos.

Embora no IFTM e na rede municipal e estadual da cidade de Uberaba haja certo preparo para acolher os alunos com deficiências, ainda há espaço para a melhoria no que se refere ao uso de tecnologias assistivas. A eficiência das propostas inclusivas que as Tecnologias Assistivas oferecem está diretamente relacionada aos fatores contextuais presentes no universo habitual dentro do campo de atuação dos agentes sociais como: o dia a dia, rotinas educacionais, rotinas de trabalho e entretenimento. Portanto, esforços na direção do horizonte – progressão de todos com aprendizagem estão direcionados para a construção coletiva do ambiente favorável à vivência de uma inclusão social com ênfase na aprendizagem, significativa, contextualizada e interdisciplinar.

O relato de experiência

Ainda que a proposta do projeto não abrangesse uma discussão conceitual acerca da inclusão educacional das pessoas com deficiência, acreditamos que qualquer projeto que se empreenda nesse sentido exige sensibilidade e percepção de seus participantes. Isso porque qualquer intervenção ou ajuda técnica que busque minimizar as limitações de uma pessoa com deficiência possui um significado para além de suas aplicações práticas e objetivas na vida diária.

Por isso, a coordenadora deste projeto, logo no primeiro encontro com os bolsistas, relatou suas próprias experiências enquanto pessoa com deficiência visual, falando de sua trajetória educacional, suas frustrações e dificuldades enfrentadas

sem qualquer apoio de especialistas ou de tecnologias assistivas. Demonstrou como hoje o computador com leitor de tela é até mesmo determinante para o desempenho de suas atividades profissionais e pessoais.

Nessa segunda versão do projeto, apenas um aluno bolsista participante do ano anterior continuou no ano de 2016, sendo necessário retomar, com os alunos ingressantes, alguns conceitos básicos referentes ao desenvolvimento do projeto. Fez-se necessário, então, a realização de pesquisas para que os alunos se inteirassem acerca do tema, buscando informações como: o conceito de tecnologia assistiva, tipos, classificação, TICs assistivas, importância social e educacional dessas tecnologias na vida das pessoas com deficiência, suas relações com o ambiente computacional e, por fim, os tipos de deficiências para as quais tais tecnologias são arquitetadas.

A partir dessa pesquisa inicial, foi desenvolvida uma discussão aberta em que todos puderam falar de suas experiências de leitura, suas percepções e perspectivas em torno do tema. O envolvimento e interesse dos alunos foram perceptíveis desde esses primeiros momentos, pois desfrutavam da oportunidade de construção de conhecimentos novos e diferentes, não estudados nos cursos técnicos e superiores do IFTM. Para que os alunos também pudessem ter uma boa noção acerca das particularidades de cada categoria de deficiência, cada um passou a pesquisar sobre uma modalidade, o que os conduziu na sequência à pesquisa por tecnologias assistivas relacionadas à deficiência já estudada.

Como algumas tecnologias tinham sido catalogadas no ano anterior, os alunos foram orientados a estudá-las e buscar por outras, desde que fossem gratuitas. Aperfeiçoaram também os tutoriais já elaborados e construíram novos tutoriais referentes às tecnologias catalogadas recentemente.

Em junho de 2016, por ocasião do simpósio de educação inclusiva que aconteceu em Uberaba em parceria com o IFTM, pudemos apresentar os resultados do projeto obtidos até então. Foi apresentada a proposta do curso de formação em tecnologia assistiva, sendo esse um dos grandes objetivos do projeto. Alguns professores da rede municipal de ensino de Uberaba e também profissionais do Instituto dos cegos nos procuraram para demonstrar seu interesse em tal formação. Pusemo-nos, então, a planejar e organizar o curso que seria a primeira experiência nesse sentido na cidade de Uberaba.

Tanto a coordenação do departamento de inclusão do município de Uberaba quanto à direção do instituto dos cegos apoiaram desde o início a nossa proposta, principalmente após conhecerem o conteúdo a ser ministrado.

Devido ao fato de ser uma experiência única em que não tínhamos nenhuma referência para a realização de tal curso, decidimos que o ideal para aquele momento era trabalharmos com uma turma pequena, avaliando assim o desempenho dos alunos que ministrariam o curso como também das professoras cursistas. O Instituto dos cegos disponibilizou um laboratório de informática para 16 pessoas selecionadas entre profissionais do ICBC e da Escola Uberaba.

O curso iniciou no dia 10 de setembro e finalizou no dia 21 de novembro com duas horas diárias de aula. A inscrição foi realizada por meio de um formulário no Google Docs, no qual as professoras responderam a um questionário que nos possibilitou coletar dados acerca de sua atuação profissional, interesse por tecnologia assistiva e habilidades com a informática. As professoras foram orientadas, também, a levar seus dispositivos móveis para a instalação dos aplicativos que faziam parte do curso. Quatro alunos bolsistas ministraram as aulas, mantendo-se em duplas para melhor aproveitamento e acompanhamento das alunas cursistas.

O curso foi realizado como descrito a seguir. A primeira aula do curso foi o momento para que os professores da comunidade se inteirassem das atividades propostas e os estudantes bolsistas conhecessem o perfil das professoras-cursistas. Os estudantes bolsistas se apresentaram e falaram de suas expectativas e envolvimento com o curso. Nas aulas seguintes, as atividades se desenvolveram a partir da apresentação que dois bolsistas faziam sobre o *software* ou aplicativo e auxiliavam as professoras a baixar e a instalar. Os bolsistas descreviam em *slides* as características gerais dos programas, tais como: sua função social e educacional, público-alvo, sugestões de atividades e os requisitos básicos para instalação.

As alunas utilizavam os computadores do laboratório e um dispositivo móvel particular, conforme tinham sido orientadas. Desse modo, os bolsistas auxiliavam as alunas desde os requisitos básicos para a instalação até a utilização da tecnologia assistiva proposta em cada aula.

Ao fim do curso, os bolsistas fizeram uma avaliação escrita com as cursistas para que elas falassem sobre o aprendizado obtido, de suas perspectivas profissionais por meio do uso de tecnologia assistiva e as sugestões de melhorias para os próximos cursos.

Como se pode perceber, os bolsistas foram responsáveis por todo o curso: da concepção do conteúdo, preparação do material, apresentação nas aulas, à avaliação final do curso, bem como aspectos práticos de reservas de sala e preparação dos computadores para as aulas. As orientadoras fizeram, tão somente, o papel de guiá-los em todas as etapas.

Os *softwares* e aplicativos cujos tutoriais de uso e instalação constituíram o conteúdo do curso foram:

- **Software Participar 2:** é uma ferramenta pedagógica gratuita de apoio a professores atuantes no processo de alfabetização de jovens e adultos com deficiência intelectual. Seu objetivo é estimular a interação social entre os jovens. Sua instalação é possível em máquinas com sistema operacional Windows.
- **MeaVox:** tem como objetivo auxiliar a comunicação alternativa de pessoas com dificuldades (permanentes ou temporárias) de verbalização. É possível instalá-lo em dispositivos (fabricantes): Samsung, LG, Motorola com sistema operacional Android (Versões acima da 3.2). Possui um mês gratuito para experimentação do usuário (meaVox4Free), após isso a pessoa pode adquiri-lo na PlayStore (meaVox/ mvConfig).
- **TALKBACK:** o TalkBack é um aplicativo para sistema Android (ativado nas configurações de acessibilidade do aparelho) que permite a deficientes visuais interagir com o dispositivo móvel, transformando em voz e em vibração cada atividade realizada. Ou seja, sempre que o usuário selecionar um aplicativo ou uma opção, o aparelho irá emitir o som alertando sobre o que está sendo selecionado.
- **NVDA - NONVISUAL DESKTOP ACCESS:** o NVDA, ou Desktop de Acesso Não-Visual é um programa gratuito de leitura de tela para Windows destinado à inclusão de pessoas com deficiência visual. O objetivo desse software é fazer a leitura de textos para usuários com deficiência visual, possibilitando que controlem o que é lido, movendo o cursor para a área relevante do texto com um mouse ou comandos do teclado.
- **Hand Talk:** esse aplicativo é capaz de traduzir qualquer texto digitado para a linguagem de sinais (LIBRAS). Possui um assistente virtual (avatar Hugo) que sinaliza de forma gestual e fiel a linguagem de sinais. Esse aplicativo possibilita que o professor se comunique de forma simples com o aluno surdo mesmo não dominando a LIBRAS.
- **ProDeaf:** é um aplicativo para celular e tablet que faz a tradução das palavras e frases para a linguagem de sinais. Diferencia-se do Hand Talk no fato de que possui um pequeno dicionário de palavras pré-instalado no aplicativo. Assim, caso o usuário tenha alguma dúvida de palavras simples poderá consultar o aplicativo que o mesmo traduzirá sem ter conexão com a internet.

Essas ferramentas estão disponíveis em um site (design e criação pelos alunos), disponível provisoriamente em <http://kelwin-hike.wix.com/test1>, com informações pertinentes à tecnologia, como e onde obtê-la, os requisitos para sua instalação, o descritivo das funcionalidades, da forma de instalação e de uso. O formato de disponibilização dessas informações na web foi constantemente analisado pela equipe executora e extensionistas tendo em vista as normas de acessibilidades para os ambientes virtuais. Esse processo de construção incremental permitiu avaliações, por parte da equipe executora, do formato e dos dados disponibilizados, retroalimentado a construção do site para as tecnologias já listadas e para as próximas.

No próximo ano, pretendemos dar continuidade ao projeto, aprimorando o site e também dar continuidade ao curso de formação, pois inúmeros interessados não puderam participar no ano de 2016 devido à quantidade de vagas disponíveis. Inclusive a Secretaria regional de ensino de Uberaba nos procurou para realizar esse treinamento com cerca de 100 professores atuantes no AEE das escolas estaduais atendidas pela SRE.

Consideramos, entretanto, que a concretização dos objetivos deste projeto significa apenas uma pequena parcela de um objetivo maior e mais abrangente. Trata-se da utilização dessas tecnologias digitais assistivas no dia a dia da escola, entre educadores e alunos com deficiências. Esse é um desafio que perpassa não somente a educação inclusiva, pois a utilização de tecnologias digitais em ambiente escolar tem produzido inúmeros debates entre estudiosos. No entanto, independente dos defensores e críticos, o fato é que essas tecnologias integram o cotidiano dos alunos e não é mais possível pensar em políticas públicas educacionais, didática e metodologia docente sem a contemplação dessas tecnologias.

A análise em torno das políticas públicas tanto referentes à educação geral como à educação especial e inclusiva, demonstra que no âmbito prescritivo, estão acompanhando as tendências sociais e culturais da era digital. São claras quanto à necessidade de inserção das TICs nos currículos escolares e nos planos docentes, dando abertura para a adequação da escola aos tempos do mundo virtual e informatizado. Fala-se da necessidade de adequação curricular e pedagógica, da formação dos professores e provimento de recursos tecnológicos na escola. Contudo, não há uma orientação específica de como os professores devem inserir essas tecnologias no cotidiano da sala de aula e quais as estratégias que realmente causariam estas mudanças.

Por meio do Decreto nº 6.571/2008, o MEC amplia o apoio aos sistemas de ensino para a disponibilização de recursos de tecnologia assistiva nas escolas, alcançando significativos avanços na efetivação do direito de todos à educação (INTERVOX site, 2002).

Emer (2011), ao investigar a percepção dos professores da rede municipal de ensino das cidades de Caxias do Sul e Farroupilha, referente ao processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, concluiu que uma das questões mais evidenciadas na pesquisa foi concernente à falta de formação do professor, ou seja, a grande maioria dos professores precisa conhecer as potencialidades das tecnologias assistivas e se informarem acerca do seu baixo e alto custo para mediar o processo de desenvolvimento do aluno com deficiência. Seguem outras conclusões de sua pesquisa: falta formação de professores para o uso de TICs seja de baixa ou de alta tecnologia; não existe tempo de planejamento entre os professores da sala de recurso multifuncional e da sala comum; não existe tempo de estudo referente aos recursos de tecnologia assistiva; muitas falas relataram a falta de conhecimento do que é tecnologia assistiva; a atividade mais desenvolvida na sala de recurso são os jogos pedagógicos; a maioria dos professores não percebe uma relação entre a sala de recurso multifuncional, a tecnologia assistiva e a sala de aula comum (EMER, 2011). E, por fim, concluiu a autora, que as tecnologias assistivas não estão inseridas no contexto escolar.

O mais preocupante é que essa realidade figura o quadro da maioria das escolas brasileiras, fato constatado por pesquisas semelhantes a aplicadas em outras regiões, afirmação da própria autora dessa pesquisa.

Existem muitos projetos de inclusão digital nas escolas, tanto no âmbito da educação inclusiva como no ensino convencional, mas se tratam de iniciativas isoladas que não abrangem todo o corpo escolar, fazendo que se desenvolvam apenas as de interesses de alguns gestores ou professores cientes da importância da inclusão digital. Para uma maior abrangência, o ministério da educação precisa traçar diretrizes específicas sobre como inserir as tecnologias no currículo escolar e na didática geral dos professores, independente de seus interesses particulares com as novas tecnologias. O professor só será capaz de atuar na perspectiva da inclusão digital com pessoas com deficiências ou não, se tiver orientações claras sobre como trabalhar seus conteúdos disciplinares usando as novas tecnologias, assim como domina a utilização do livro didático em suas aulas.

Conclusão

A conclusão do presente projeto e a divulgação de seus resultados são de grande importância para a disseminação de ideias, concepções e práticas em torno do uso das tecnologias assistivas em ambiente educacional.

A partir dos relatos das professoras cursistas foi possível perceber a necessidade que se tem hoje de incrementar as práticas pedagógicas com ferramentas que despertem o interesse dos alunos ao mesmo tempo em que proporcionem aprendizado. A satisfação das professoras durante as aulas foi evidente, especialmente por se tratar de um curso com conteúdo e metodologia totalmente inovadores e interativos, sendo a prova clara de que a educação precisa de uma inovação tecnológica, valorizando as ferramentas digitais já disponíveis e de fácil acesso e usabilidade nos dias atuais.

Acreditamos que tal iniciativa pode representar o despertar de outras propostas nesta direção através de parcerias entre o IFTM, rede municipal de ensino de Uberaba, Secretaria Regional de Ensino de Uberaba, UFTM e outras instituições governamentais e não governamentais que primam pela inclusão educacional das pessoas com deficiência.

Enfrentamos, assim, de modo consciente, o desafio de oferecer nossa contribuição à garantia dos direitos de todos à vida social e educacional plenas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais e intelectuais.

Vimos que qualquer projeto empreendido nesse sentido passa pelo conhecimento do perfil dos usuários, aliado às suas expectativas de sucesso. São, na sua grande maioria, indivíduos oriundos de núcleo familiar com pouca instrução acerca das possibilidades de melhoria para suas vidas como um todo. Nesse contexto, acreditamos que as Tecnologias Assistivas favorecem grandemente, ampliando as possibilidades de inclusão social e educacional pela via digital

Referências

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. 2008. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/file/51322/download?token=iPduFKyi>> Acesso em 10 out. 2017.

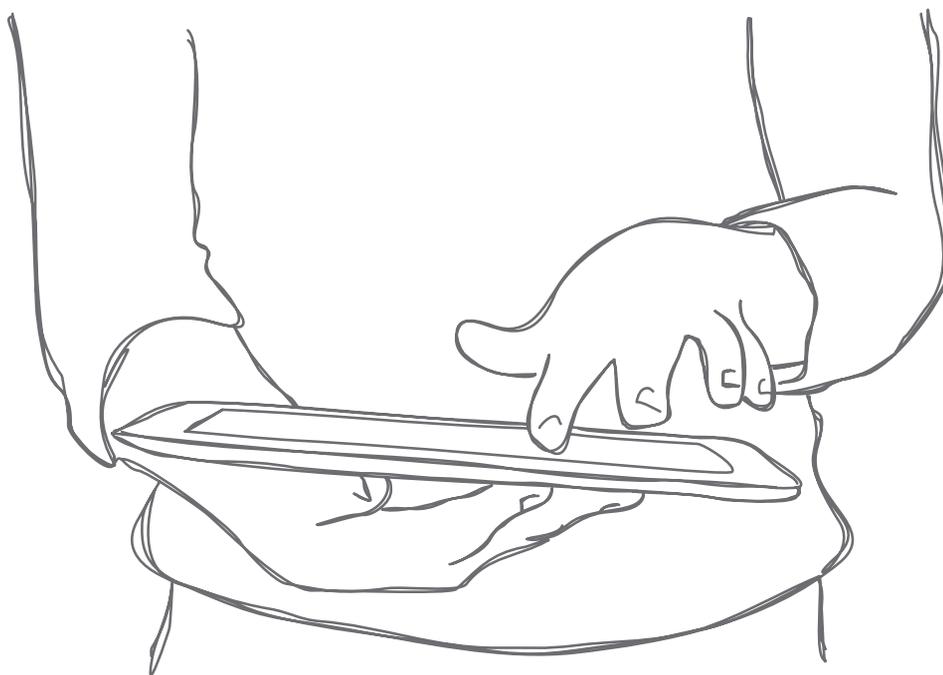
_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 10 out.. 2017.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 10 out. 2017.

EMER, Simone de Oliveira. **Inclusão escolar:** Formação docente para o uso das TICS aplicada como tecnologia assistiva na sala de recurso multifuncional e sala de aula. 2011. 149 p. Dissertação (Mestrado) programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

INTERVOX. **O MECDAISY.** 2002. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/daisy.htm>> Acesso em out. 2017.

RAIÇA, Darcy (Org.). **Tecnologia para Educação Inclusiva.** São Paulo: Avercamp, 2008.t



Treinamento para competições de robótica - TCR

Vinicius Batista da Fonseca Silva

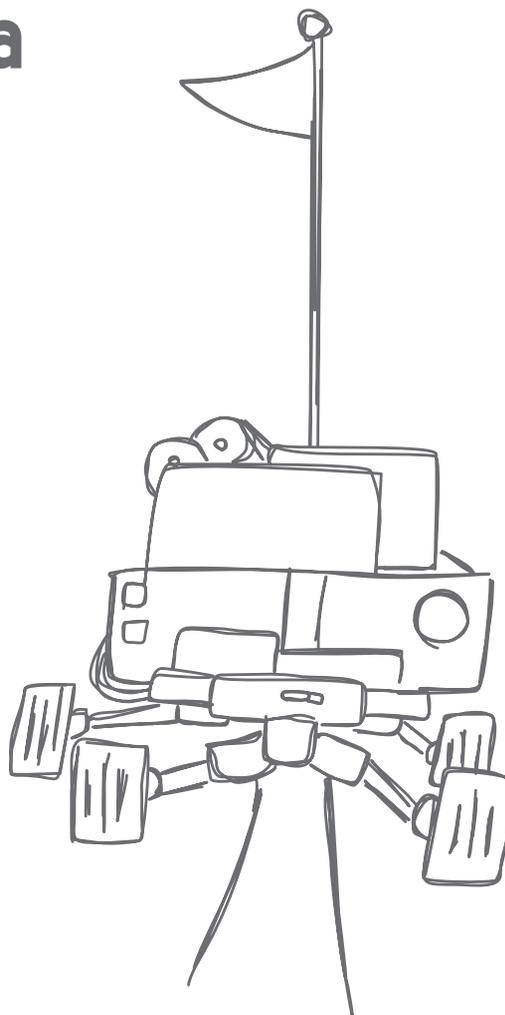
Aluno do curso de Engenharia de computação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Vinicius Oliveira Borges

Aluno do curso de Engenharia de computação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Daniela Resende Silva Orbolato

Mestre em ciência da computação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)



Resumo

Este relato visa apresentar as atividades do projeto de extensão intitulado Treinamento para Competições de Robótica (TCR), realizado em 2016, no Instituto Federal do Triângulo Mineiro *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico (IFTM CAUPT). O TCR teve como objetivo de estimular alunos do IFTM e de outras escolas a se interessarem pela robótica. Para tanto, procurou-se desenvolver ações que permitissem a criação de um ambiente propício para a preparação de estudantes para a participação em competições regionais, nacionais e internacionais de robótica realizadas com kits educacionais padronizados como a OBR (Olimpíada Brasileira de Robótica – categoria Prática) e CBR (Competição Brasileira de Robótica – categoria IEEE SEK). Nessas competições, estabelece-se anualmente uma tarefa e os alunos devem construir robôs que atendam a esta tarefa, exigindo conhecimentos similares aos vistos nos primeiros anos dos cursos de computação e engenharia. Assim, foram os bolsistas do projeto preparam e ministraram minicursos com alunos do curso de Engenharia de Computação, alunos de duas outras escolas públicas e produção de videoaulas sobre o tema. Como resultado direto das ações do projeto, equipes formadas no CAUPT com participação dos bolsistas disputaram e venceram a competição de robótica no IFTM no *Campus* Ituiutaba. Para aumentar a visibilidade da robótica, houve uma apresentação

demonstrativa de robôs seguidores de linha durante a Mostra de Software, que tem a participação de todos alunos do campus. Mais recentemente, percebeu-se a formação de várias equipes competidoras no CAUPT.

Palavras-chave: Robótica educacional. Competições de robótica. Kits educacionais para robótica. Iniciação à robótica.

Introdução

Despertar nos alunos o interesse por uma ciência, a automação, que vem se tornando cada vez mais importante na formação básica é uma tarefa árdua e crucial para o desenvolvimento tecnológico da região e do país. Por esse motivo, nota-se o surgimento de ações que levem os estudantes dos ensinos fundamental, médio e superior a buscar este conhecimento, por meio de atividades que envolvam desafio, engenhosidade e uma saudável dose de competição.

Uma dessas ações consiste na OBR (Olimpíada Brasileira de Robótica), uma competição organizada nos moldes das outras olimpíadas científicas brasileiras, como Matemática, Física e Astronomia. Estimular a participação de escolas nessas competições é uma forma de fazer com que os alunos de todos os níveis se interessem mais pela área de exatas, mostrando seu lado aplicado e divertido.

Assim, o IFTM adquiriu 15 kits de robótica LEGO para utilização em disciplinas e projetos dos cursos de computação. O presente projeto constitui-se em uma forma de utilização desses kits buscando formar equipes para competição na OBR (categoria Prática) e CBR (Competição Brasileira de Robótica – categoria IEEE SEK), como forma de estímulo para o estudo aos alunos de computação do IFTM, fixação dos alunos nos cursos, aumento do interesse pelos cursos de exatas entre os alunos dos cursos técnicos e de escolas regulares da cidade, divulgação do IFTM na comunidade externa.

O projeto teve, então, como objetivos específicos:

- estimular o interesse dos estudantes do IFTM pelas competições de robótica;
- ofertar condições de estudos e treinamento (cursos, materiais de consulta, equipamentos, orientadores, locais de treino) aos estudantes interessados, incentivando a formação de equipes competidoras;
- capacitar uma equipe inicial de competidores para propagar continuamente o conhecimento adquirido a todos interessados;
- estabelecer uma dinâmica contínua e auto-sustentável de criação, seleção e capacitação das equipes de competição, estimulando a interação entre os alunos extensionistas e os demais nas atividades de estudo/treino para as competições;
- elaborar e publicar materiais didáticos sobre os kits de robótica educacional utilizados nos minicursos com vistas a incentivar e orientar a participação de outras escolas em competições de robótica.

Esses objetivos foram alcançados através da execução de um cronograma de reuniões de planejamento e estudo entre os bolsistas e os professores envolvidos no projeto. A seção 2 descreve como transcorreram essas atividades de forma mais abrangente.

O principal resultado obtido foi o crescimento do interesse entre os alunos pelas competições de robótica, mensurado para quantidade de equipes formadas para este fim nos meses seguintes à finalização do projeto. Descrevem-se esses resultados na seção 3.

Desenvolvimento

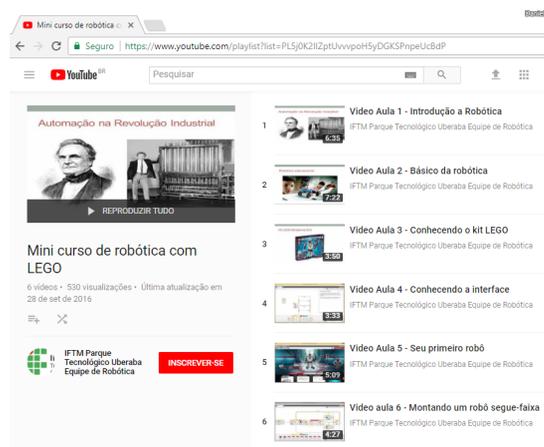
Em um primeiro momento, propôs-se o envolvimento dos alunos bolsistas na aprendizagem de fundamentos básicos da robótica, de forma a suportar a produção de material didático sobre o assunto. As reuniões entre professores e bolsistas serviram para delinear o conteúdo a ser estudado e o material a ser produzido. Decidiu-se também nessas reuniões que o melhor formato para o material seria em videoaulas, disponibilizadas livremente na Internet.

Os bolsistas, então, ficaram encarregados de utilizar os kits LEGO MINDSTORMS EV3 para aprendizagem de conceitos básicos de robótica, aprendendo assim a construção de robôs básicos, cujos tutoriais vêm no próprio kit, e também de robôs mais avançados, como robôs seguidores de linha.

Após essa etapa, os bolsistas montaram seis videoaulas com o intuito de mostrar os conhecimentos adquiridos durante a etapa anterior. Essas videoaulas apresentavam conteúdos básicos, como história da robótica e fundamentos básicos, até partes mais avançadas, ensinando como utilizar os kits LEGO MINDSTORMS EV3 para construir robôs simples e até robôs seguidores de linha. Tais aulas, como pode ser visto na Figura 1, estão disponíveis em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL5j0K2iI-ZptUvvp0H5yDGKSPnpeUcBdP>

Posterior a esse período, os alunos montaram duas equipes para participar de uma competição de robótica que ocorreu no *Campus* Ituiutaba, na modalidade de robôs seguidores de linha. As duas equipes do *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico ficaram nas duas primeiras colocações, com a equipe dos dois alunos bolsistas e mais outro aluno ficando na primeira colocação. Nessa competição, foi possível perceber que um dos resultados, objetivo do projeto, foi alcançado.

Figura 1 – Relação das videoaulas produzidas pelos bolsistas e disponíveis na web



Fonte: Arquivo pessoal

As videoaulas compõem um curso de Introdução à Robótica e se dividem em:

- **Videoaula 1** - Histórico da robótica
Nesse vídeo, são relatadas as origens da robótica, a definição de seus termos técnicos básicos, as dificuldades teóricas da formulação da mesma e perspectivas dos robôs atuais com base nas referências [1][2][3][4][5].
- **Videoaula 2** - Básico da robótica
Introduz as noções de robô e suas diferentes gerações de acordo com [6].
- **Videoaula 3** - Conhecendo o kit LEGO
É apresentado o kit LEGO EV3 para criação de robôs. São mostradas e nomeadas as principais peças e como usá-las de conforme mostrado em [7].
- **Videoaula 4** - Conhecendo a interface
Discorre sobre a interface de programação para os robôs LEGO EV3, conforme visto em [7].
- **Videoaula 5** - Seu primeiro robô
Mostra o passo a passo para a construção de um robô simples com o objetivo de conhecer as peças e fazer uso do software de programação. É um tutorial para iniciantes.
- **Videoaula 6** - Montando um robô segue-faixa
São apresentados os passos da construção e programação de um robô segue-faixa com o objetivo de consolidar os conhecimentos vistos anteriormente.

Como parte das atividades de criação do ambiente propício para as equipes treinarem, os alunos bolsistas, junto ao professor Gustavo Finholdt e ao aluno Cássio Carvalho, construíram uma pista, que pode ser vista na Figura 2, para realização de competições de robôs seguidores de linha. Com o intuito do grupo de realizar futuras competições em nosso *campus*, foi decidido construir uma pista modular em MDF que pudesse ser montada em diversas configurações para diferentes tipos e níveis de competição e, também, que pudesse ser transportada com facilidade. Essa pista foi apresentada ao público durante a VIII Mostra de Software, na qual foi realizada uma demonstração de diversos robôs seguidores de linha para os presentes visando divulgar a robótica.

Figura 2 – pista elaborada para melhorar as condições de treino das equipes



Fonte: Arquivo pessoal

O objetivo principal do projeto era de realizar diversos minicursos para criar interesse entre alunos dentro e fora do IFTM. Em 2016, foram realizados três minicursos, sendo um realizado com alunos do curso de graduação de Engenharia de Computação do *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico, e os outros dois realizados em outras instituições.

O primeiro minicurso foi realizado com os alunos do IFTM, com a participação de alunos da Engenharia de Computação e carga horária de 12 horas. Nele foi tratado um pouco da história da robótica e de suas bases, entretanto, ele foi mais focado na parte prática, pois os alunos já possuíam conhecimentos básicos de programação. Nesse período, foram realizadas partes práticas de montagem e de programação de um robô seguidor de linha. Depois que todos os grupos concluíram seus robôs, foi realizada uma pequena competição, como finalização do minicurso.

O segundo minicurso foi realizado no projeto Meninos & Meninas. Esse minicurso, com carga horária de 8 horas, teve a participação de alunos com idade entre 14 e 18 anos, retratados na Figura 3(A). Como os alunos não tinham nenhum contato com a área além do uso habitual do computador, o curso foi mais focado na parte teórica e na montagem dos robôs. A programação foi menos explorada, mesmo assim todos os grupos conseguiram concluir seus robôs e testá-los satisfatoriamente. Como pode ser visto na Figura 3(B), em que os cursistas aparecem realizando as atividades práticas propostas, a metodologia adotada no curso incentivou o trabalho em equipes e o “aprender-fazendo”.

Figura 3 – (A) Alunos do projeto Meninos & Meninas durante o minicurso



Fonte: Arquivo pessoal

(B) Grupo de alunos montando robôs.



Fonte: Arquivo pessoal

O terceiro minicurso foi realizado na Escola Municipal Norma Sueli Borges, com carga horária de 8 horas, teve a participação de alunos com idade entre 12 e 14 anos. Como se tratava de alunos mais novos, a parte teórica ocupou boa parte do tempo, entretanto, a parte de montagem dos robôs foi realizada com bastante dedicação pelos cursistas. Novamente, a parte de programação ficou com menos foco, devido à falta de conhecimento prévio dos alunos.

Figura 4 – Grupo de alunos da Escola Municipal Norma Sueli Borges realizando a montagem



Fonte: Arquivo pessoal

Considerações Finais

Tendo em vista que o objetivo primordial do projeto é de estimular o interesse pela robótica entre os alunos do IFTM e também entre alunos de outras escolas, considera-se que o projeto foi exitoso.

No CAUPT, testemunhou-se o aumento do interesse dos alunos na robótica ao ponto de, no ano seguinte à finalização do projeto, o *campus* instituir sobre própria competição interna e participar de competições externas também.

As escolas em que os minicursos foram ministrados durante o projeto já fizeram contato e afirmaram o interesse em receber novamente os minicursos e dar seguimento às atividades do projeto com turmas mais avançadas de programação.

As condições de estudos e treinamento no campus foram melhoradas, pois o projeto construiu além o acervo de videoaulas, uma pista de treinamento bastante modular e robusta.

A criação de equipes, embora ainda não tenha atingido o ritmo e continuidade que se deseja, se ramificou pelos cursos de ensino superior e médio do *campus*, e há, atualmente, um público de interessados razoável para fomentar as atividades.

Almeja-se agora a criação de um grupo de robótica do *campus*, que seja capaz de fomentar e sustentar as competições e o interesse dos alunos, bem como atender às demandas da comunidade externa sobre o tema.

A realização do Treinamento para Competições de Robótica (TCR) e a interação com as escolas se mostrou de grande valia para todos os envolvidos. Possibilitou aos bolsistas uma aproximação maior com a robótica.

Referências

EARNEST, L. **How a first attempt at an autonomous road vehicle came from a blocked Moon Rover project with some help from football**, 2014. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~learnest/sail/cart.htm>>. Acesso em: 10 may. 2016.

JESUS JÚNIOR, S. F. de.; Silva, S. J. G. **Evolução da Automação Industrial**, 2011. Disponível em: <https://www.dca.ufrn.br/~affonso/FTP/DCA447/trabalho1/trabalho1_18.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2016.

LEGO MindStorm EV3 User Guide. Disponível em: <<https://www.lego.com/en-us/mindstorms/downloads/user-guide>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

NASA. **Mars Science Laboratory**. Disponível em: <<https://mars.nasa.gov/msl/>>. Acesso em: 02 may. 2016.

ROBOTIC INDUSTRIES ASSOCIATION. **Unimate: The First Industrial Robot**. 2016. Disponível em: <<https://www.robotics.org/joseph-engelberger/unimate.cfm>>. Acesso em: 10 may. 2016.

O TESTE de turing., 2016. Disponível em: <<http://www.din.uem.br/~ia/maquinas/turing.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS, **Isaac Asimov**, Wikipedia, The Free Encyclopedia, Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac_Asimov&oldid=811619239>. Acesso em: 10 may. 2016.

Cinema e História: a produção cinematográfica voltada à aprendizagem de História

Luis Fernando Tosta Barbato

Doutor em História
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Lucas Eduardo Oliveira Rosa

Aluno do Curso Técnico em Eletrotécnica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Rafaela Caixeta Reis

Aluna do Curso Técnico em Logística
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)



Resumo

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências obtidas na execução do projeto de extensão *Cinema e História: a produção cinematográfica voltada à aprendizagem de História*, realizado durante o ano de 2017, no Instituto Federal do Triângulo Mineiro *Campus* Patos de Minas. Este projeto de extensão consistiu na produção de filmes de cunho histórico pelos próprios alunos do *campus*, de maneira que cada turma deveria produzir um filme original, atuando desde a elaboração do roteiro, até os momentos de pós-produção e divulgação das obras. Tal experiência buscou trazer a esses alunos novas abordagens relacionadas ao ensino de História, estimulando-os a assumirem uma postura ativa na construção do conhecimento. Os resultados foram bastante positivos, pois, além dos conhecimentos adquiridos na disciplina de História, os alunos desenvolveram uma série de outras habilidades e competências na execução do projeto, trabalhando na prática conceitos de gestão de pessoas e gestão de projetos, além de desenvolverem habilidades artísticas e técnicas. Ao final do projeto, foi realizada sessão aberta à comunidade, na qual houve exibição pública das obras e a premiação dos destaques em cada uma das categorias selecionadas.

Palavras-chave: Cinema. Ensino de História. Educação.

Introdução

O projeto de extensão *Cinema e História: a produção cinematográfica voltada à aprendizagem de História* foi concebido pelo professor de História do IFTM *Campus* Patos de Minas, Luis Fernando Tosta Barbato. O projeto surgiu com a proposta de que cada turma do *campus* deveria produzir um filme original, de cunho histórico, estando sob suas responsabilidades as diversas etapas que a elaboração de uma obra desse tipo exigem, tais como a elaboração do roteiro, a seleção dos atores e atrizes, as filmagens, a edição e inclusão de efeitos sonoros e visuais, além da divulgação das obras, quando terminados os trabalhos.

O projeto foi contemplado com duas bolsas, dentro do programa de bolsas de extensão do IFTM *Campus* Patos Minas e, após o processo seletivo, foram selecionados os bolsistas Lucas Eduardo Oliveira Rosa – aluno do curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio – e Rafaela Caixeta Reis – aluna do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio. Lucas Oliveira Rosa passou, então, a auxiliar os alunos nas atividades

técnicas necessárias, tais como nas filmagens e no uso de *softwares* de edição de som e imagem, uma vez que grande parte dos alunos envolvidos não sabia operar esses programas, enquanto a Rafaela Caixeta Reis passou a auxiliar os participantes nas atividades artísticas e organizacionais que o projeto exigia, tais como a elaboração dos roteiros, auxílio nas divisões de tarefas da equipe e acompanhamento das filmagens.

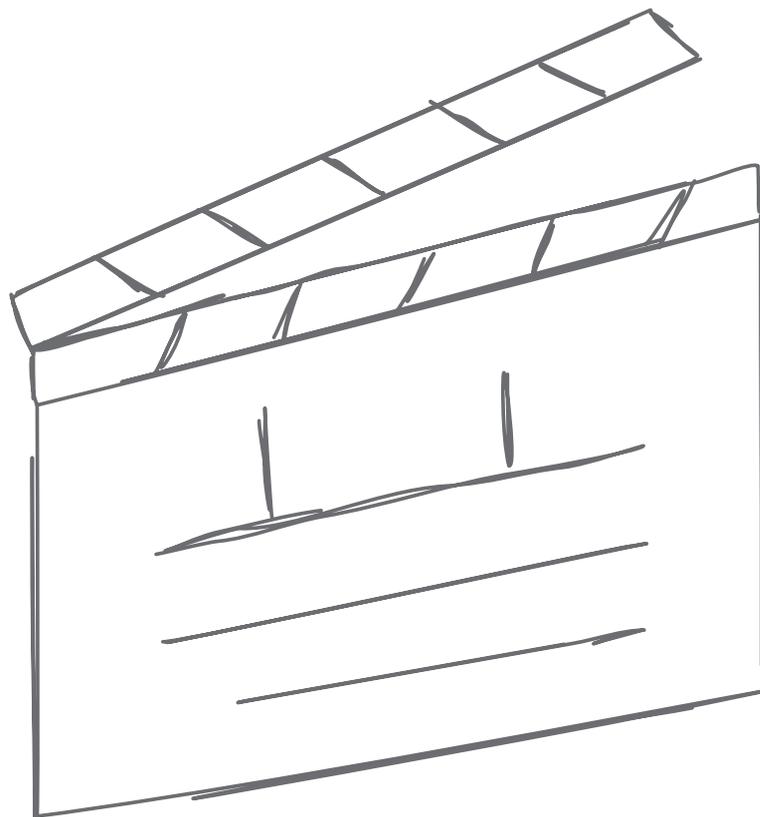
Vale ressaltar que a escolha de ambos os bolsistas esteve amparada em suas habilidades e nas possibilidades de contribuição para a execução do projeto. Lucas Oliveira Rosa já possuía uma série de conhecimentos na área técnica, dominando diversos *softwares* de edição de imagens; enquanto Rafaela Caixeta possuía experiência teatral anterior, além de dominar uma série de conhecimentos de gestão de pessoas, advindos de sua formação em logística. Ambos os bolsistas foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto e se mostraram muito profissionais e dedicados à execução das tarefas que lhes couberam.

Ao final do projeto, estava programada a exibição pública das obras, aberta à comunidade externa, na qual, ao final, seriam premiados os destaques nas categorias: melhor atriz, melhor ator, melhor atriz coadjuvante, melhor ator coadjuvante, melhor roteiro, melhor edição, melhor figurino e melhor filme, aos moldes do Prêmio Oscar, realizado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, de Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos.

Desenvolvimento

O cinema, há tempos, é visto como um recurso importante no que toca ao ensino-aprendizagem, sendo a disciplina de História um campo privilegiado para se pensar essa relação. Desde que, com a Escola dos Annales, a noção de documento foi estendida, passando a configurar tudo aquilo que foi produzido pelo homem (BURKE, 1997), os historiadores passaram a se debruçar sobre a produção cinematográfica como uma fonte documental, uma vez que, suas obras não estão desconectadas de seus lugares de produção. Nesse sentido, o trecho a seguir, de Cristiane Nova, nos é bastante revelador: “o filme, seja qual for, desde então [o advento da Escola dos Annales], passou a ser encarado enquanto testemunho da sociedade que o produziu, como um reflexo — não direto e mecânico — das ideologias, mentalidades coletivas (NOVA, 1996, p.1).

Sendo assim, a academia vem reconhecendo, cada vez mais, a importância dos filmes enquanto fonte de pesquisa para os estudos de História, uma vez que, mesmo aqueles filmes aparentemente mais distantes das temáticas históricas, acabam possuindo elementos reveladores de uma série aspectos sociais, importantes para o ofício do historiador. No entanto, as relações entre cinema e história vão além das áreas de pesquisa, sendo importantes também no que toca o Ensino de História.



Nesse sentido, há uma série de autores que trabalhavam os benefícios de se trabalhar a produção cinematográfica alinhada ao Ensino de História (ABUD, 2003; RANZI, 2002; ALENCAR, 2007), uma vez que o professor de história pode se aproveitar de duas maneiras para que o cinema venha a interferir positivamente em suas aulas.

A primeira é se valendo dessa própria noção do filme como registro de uma época, explorando junto aos alunos os elementos culturais, sociais e políticos que os mesmos trazem, intrinsecamente, em suas produções. A segunda é se valendo dos chamados “filmes históricos”, que são representações sobre o passado, e que, mesmo muitas vezes trazendo versões limitadas, no que toca ao seu caráter documental, são importantes por divulgarem, polemizarem, e despertarem o interesse dos alunos para o debate em relação à disciplina de História (NOVA, 1996, p.1).

No entanto, o que buscávamos com o projeto era ir além dessa perspectiva tradicional de apenas exibir os filmes e relacioná-los ao debate histórico. Com este projeto, nossa intenção era colocar o aluno no papel de produtor do conhecimento, ressaltando seu protagonismo no ensino, e, afastando assim, uma noção que, mesmo que combatida, ainda permeia sua vida escolar, na qual o aluno está alinhado a um polo passivo do conhecimento, estando ainda distante de se tornar sujeito de sua própria aprendizagem (PACHECO, 1996).

Assim, propusemos um uso diferente do cinema em sala de aula, no qual o aluno, em vez de apenas assistir a filmes históricos, passasse também a produzi-los, de maneira a acentuar esse seu papel enquanto sujeito da própria aprendizagem, de uma maneira que ele se tornaria produtor de conteúdos relacionados às aulas de História, identificando-se assim, então, ao polo ativo do Ensino.

Lançado o projeto, e depois de selecionados os bolsistas, cinco turmas do *campus* de Patos de Minas se envolveram na produção dos filmes, sendo que cada uma delas deveria lançar um filme próprio, o qual deveria envolver todos os alunos que as compunham. O protagonismo se iniciava já nos momentos iniciais do projeto, pois cabia aos alunos desenvolvê-lo, desde a escolha do tema do filme e do período histórico a que ele estaria relacionado, até a divisão das tarefas que caberia a cada um dos integrantes do projeto.

Nesse momento, ficou claro que os conhecimentos de gestão de pessoas e liderança foram trabalhados, uma vez que, em todos os filmes, alunos se encarregaram de organizar as equipes, coordenar as ações e dividir as funções de acordo com os talentos individuais de cada aluno.

É interessante notarmos que, para um trabalho de tal porte, que envolve tantas pessoas, seja

bem executado, práticas de gestão de pessoas e de gestão de projetos devem ser trazidas à tona, o que ressalta ainda mais a sua importância para o desenvolvimento educacional dos alunos, visto que essas são habilidades serão importantes para muitos deles quando estiverem no mercado de trabalho.

No mais, há ainda diversas outras habilidades desenvolvidas nessa prática, tais como: as literárias e as de pesquisa histórica, principalmente, para aqueles que escrevem os roteiros; as técnicas de filmagem e manuseio de softwares de edição de imagem e som, para aqueles que trabalham nesses setores; as artísticas, para aqueles que atuam; e as de liderança e gestão, para aqueles que ficam encarregados nas funções de direção e produção.

Há ainda todo o ganho no aprendizado de História, foco do trabalho, uma vez que, envolvidos na produção dos filmes, os alunos também se envolvem profundamente com os temas históricos aos quais seus filmes estão ligados, atraindo-os assim para o aprendizado da História.

Dessa forma, essa experiência evidencia que um único trabalho pode desenvolver uma série de competências e habilidades distintas em um mesmo aluno ou em uma mesma turma, ressaltando os princípios da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, tão importantes dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Cada uma das cinco turmas participantes produziu um filme, ambientado em determinado contexto histórico. O primeiro ano do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio produziu o filme *A Voz dos Operários*, que tinha como pano de fundo a Era Vargas, e trazia o drama de uma mãe que perdeu o filho morto durante as operações da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Esse filme ainda trazia questões relacionadas às características fascistas do governo Vargas e a sua perseguição às dissidências.

O primeiro ano do curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio produziu o filme *Anos de Chumbo*, que tinha como pano de fundo a Ditadura Militar Brasileira e contava o drama do romance entre os filhos de uma família comunista e de uma família engajada na luta contra os movimentos de esquerda do período. O filme ressalta a violência que o Governo Médici combateu seus opositores.

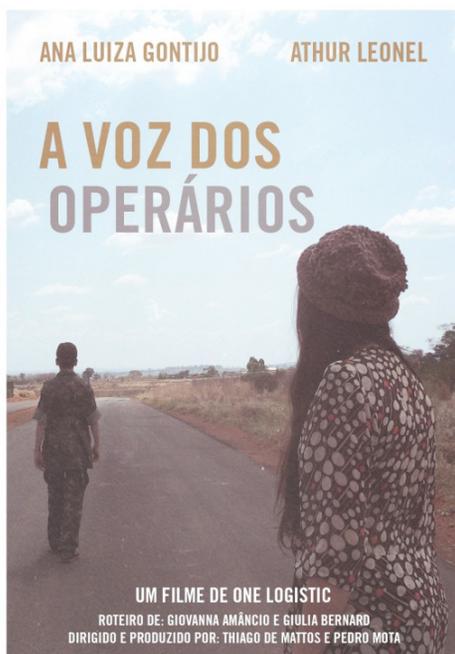
Por sua vez, o segundo ano do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio produziu o filme *Ein Verrater – Um traidor*, que se inspirou no personagem real William Patrick Stuart-Houston, sobrinho de Adolf Hitler. O filme aborda o desgaste da relação entre tio e sobrinho, trazendo uma série de críticas ao nazismo.

Já o segundo ano do curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio produziu o filme *Homens de Honra*, ambientado nos anos da Lei Seca dos Estados Unidos. O filme abordou a violência do período, marcado pelo domínio da máfia.

Por fim, o terceiro ano do curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio produziu o filme *Traços Ditadores*, que tinha como pano de fundo a Ditadura Militar Brasileira e abordava o drama de uma filha que não concordava com as violências cometidas pelo pai, militar engajado na luta contra os opositores do regime.

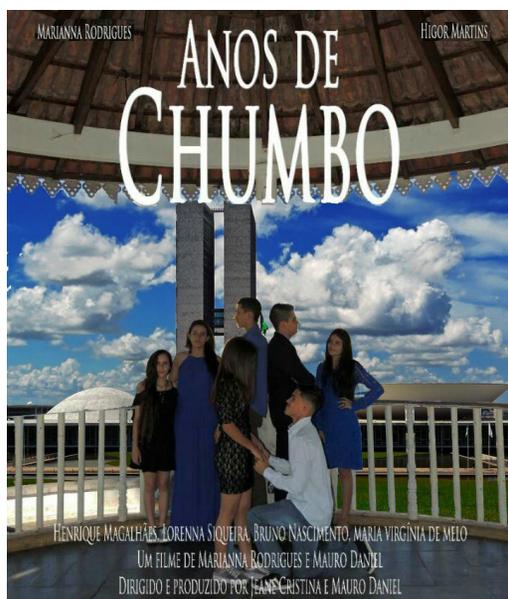
A seguir, podemos conferir os cartazes de cada uma das produções:

Figura 1 – Cartaz do filme “A voz dos operários”



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2 – Cartaz do filme “Anos de Chumbo”



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3 – Cartaz do filme “Homens de Honra”



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 4 – Cartaz dos filmes “Ein verrater – Um Traidor” e “Traços ditadores”



Fonte: Arquivo Pessoal

Finalizado o projeto, foi realizada uma sessão pública, para a exibição dos filmes, que contou com a participação das comunidades interna e externa, e que foi o momento de compartilhamento dos conhecimentos adquiridos durante o projeto. Ao final, foi realizada a cerimônia de premiação dos destaques em cada uma das categorias já mencionadas, sendo um momento marcante, uma vez que os alunos puderam ver os resultados de seus projetos e observarem que todo o esforço despendido foi recompensado, tanto pelo reconhecimento por parte de outros professores, quanto por parte dos colegas, amigos e familiares.

A seguir, seguem algumas fotos do evento que finalizou o projeto:

Figura 5 - Equipe executora do Projeto de Extensão



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Auditório durante a exibição dos filmes



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Premiação dos destaques em diversas categorias



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 8 - Turma vencedora na categoria Melhor Filme



Fonte: Arquivo pessoal.

Considerações Finais

Ao final do projeto, pudemos observar que ele se mostrou bastante profícuo, uma vez que trouxe uma série de ganhos para o desenvolvimento dos alunos, em diversas competências e habilidades, mostrando que é possível aos discentes serem ativos no processo de ensino-aprendizagem, atuando de maneira a produzir conhecimentos.

A experiência se mostrou positiva também por trazer o aprendizado de História de uma maneira mais lúdica e criativa, relacionado ao desenvolvimento artístico e em uma linguagem mais adequada a esses alunos, pois foram eles próprios que produziram os filmes. No mais, práticas interdisciplinares e transdisciplinares também foram trabalhadas, conforme relatado, o que ajuda a evidenciar o sucesso do projeto e os benefícios por ele deixados.

Vale ressaltar a importância de um programa institucional de bolsas de extensão, como este do IFTM, para o desenvolvimento de um projeto de tal porte, uma vez que, sem os bolsistas e a ajuda que eles proveram, tudo seria muito mais difícil. Nesse sentido, é importante que esses programas sejam fomentados e expandidos para outras instituições, para que outros projetos venham a ser desenvolvidos, trazendo, assim, ganhos ao desenvolvimento educacional do país, a estrutura fundamental sobre a qual se assenta o desenvolvimento econômico, social, político e cultural que tanto almejamos.

Referências

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**. São Paulo, v.22, n.1, 2003.

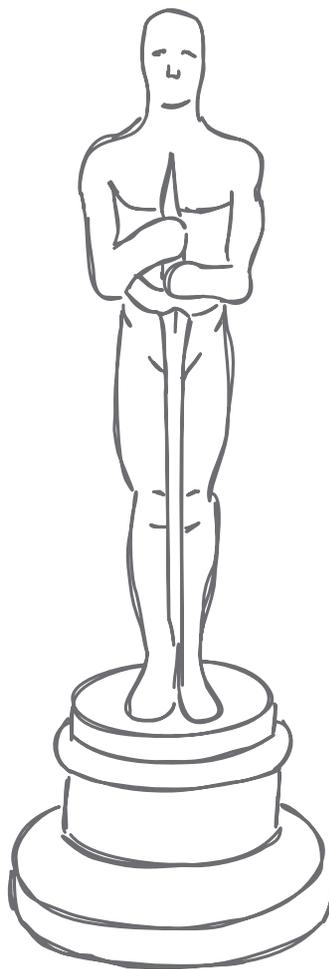
ALENCAR, Sylvia Elisabeth de Paula. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina História**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Ed. UNES, 1997.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. **O Olho da História**, n. 3, dez. 1996.

PACHECO, José Augusto. **Currículo: Teoria e Práxis**. Portugal: Porto, 1996.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Cinema e Aprendizagem de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, edição especial, out. 2002.



Projeto Rondon, uma experiência de vida e cidadania para professores do IFTM *Campus Uberlândia*

Susana Elisa Rieck

*Doutora em Imunologia e Parasitologia Aplicadas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Thiago Taham

*Doutor em Engenharia Química
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Heliomar Baleeiro de Melo Júnior

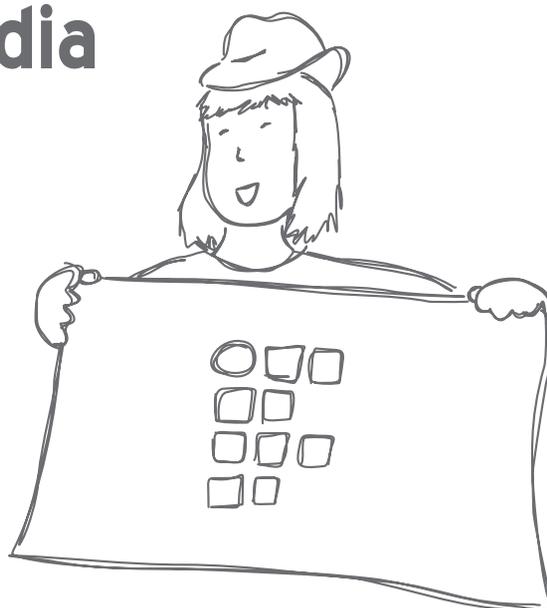
*Doutor em Agronomia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Paulo Roberto Ribeiro

*Doutor em Zootecnia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Fernanda Vital Ramos de Almeida

*Mestre em Ciências Biológicas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



e pós-graduados também têm a oportunidade de repensar e reagir, transformando sua vida profissional e pessoal.

Palavras-chave: Extensão. Vivência. Experiência. Dificuldades.

Resumo

No ano em que o Projeto Rondon comemora seu cinquentenário de atuação no Brasil, professores do IFTM *Campus Uberlândia* relembram sua participação em sete operações desde 2011. O Projeto Rondon incentiva a participação de IE a desenvolverem um plano de trabalho, previamente escolhido, para atuar em um município brasileiro com baixo IDH. As experiências vivenciadas em diferentes regiões do Brasil são aprendizados para alunos universitários que serão preparados para muitos desafios profissionais futuros. São relatadas algumas dificuldades encontradas e como foram contornadas gerando um aprendizado que sobrepõe aos conhecimentos adquiridos durante a vida acadêmica. A participação nas operações agrega valores profissionais e pessoais importantes na formação do aluno, mas professores experientes

Introdução

E 50 anos se passaram.

Criado em 1967, o Projeto Rondon, nestes 50 anos, contribuiu para o desenvolvimento brasileiro. Um breve relato histórico, publicado no site do Ministério da Defesa (MD), e que transcreveremos, resume de maneira clara o que foi e é o Projeto Rondon:

“Sua primeira operação, também chamada de Operação Piloto ou Operação Zero, realizada em julho de 1967, contou com a participação de 30 alunos e dois professores da Universidade do Estado da Guanabara (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro), da Universidade Federal Fluminense e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Durante 28 dias, rondonistas realizaram trabalhos de levantamento, pesquisa e assistência médica no território de Rondônia. Em junho de 1968, foi criado o Grupo de Trabalho Projeto Rondon, subordinado ao então Ministério do Interior, efetivando assim, a criação do Projeto.

Funcionando até 1989, e retomado a partir de 2005, o Projeto beneficia os municípios previamente selecionados com o envio de professores e alunos universitários de diferentes áreas do conhecimento.

Poderosa ferramenta de transformação, tanto de universitários quanto das comunidades beneficiadas, o Projeto Rondon prioriza a formação de multiplicadores entre produtores, agentes públicos, professores e lideranças locais. Com isso, permite que as ações tenham efeitos duradouros, favorecendo no longo prazo a população, a economia, o meio ambiente e a administração local.

O aprimoramento de valores humanitários dos rondonistas manifesta-se na intensificação do sentimento de responsabilidade social e coletiva, em prol da cidadania, de defesa dos interesses nacionais, contribuindo na sua formação acadêmica e proporcionando-lhe o conhecimento da realidade brasileira.

Desde o relançamento, em 2005, o Projeto Rondon realizou 76 operações, em 1.142 municípios de 24 unidades da federação, com a participação de 2.170 instituições de ensino superior e 21.436 rondonistas (universitários e professores), alcançando cerca de 2 milhões de pessoas.

Em função de sua grande cobertura territorial, o apoio das Forças Armadas é indispensável, proporcionando o suporte logístico e a segurança necessários às operações." (BRASIL, 2017)

Atualmente, o Projeto Rondon atua da seguinte forma: a coordenação é do MD, o qual lança um edital público para participação das operações; as operações acontecem durante as férias escolares: janeiro e julho. Cada Instituição de Ensino (IE) pode enviar sua proposta de trabalho envolvendo três áreas temáticas: conjunto A (cultura, direitos humanos e justiça, educação, saúde); conjunto B (comunicação, meio ambiente, tecnologia e produção, trabalho); e o conjunto C (equipe responsável pela cobertura jornalística da operação). Quando escolhida a proposta, a IE precisa designar professor coordenador e adjunto e oito alunos que irão desenvolver os trabalhos no município escolhido. O professor coordenador faz a viagem precursora, na qual é realizado o diagnóstico *in loco* do município em que acontecerá a operação. Após, os alunos serão preparados para o desenvolvimento das atividades, segundo a proposta enviada. Um relatório das atividades desenvolvidas durante operação é entregue, como prestação de contas.

O objetivo do projeto é preparar o universitário para ser um cidadão, oferecendo a ele a oportunidade de conhecer outra realidade do Brasil, a que está além dos livros.

Assim, o Projeto Rondon possui uma longa história; entretanto, a participação do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) *Campus* Uberlândia é recente: sete Operações, cinco professores e 57 alunos envolvidos desde 2011. Desse modo, algumas experiências adquiridas no decorrer deste período são relatadas.

Desenvolvimento

Quando o *Campus* Uberlândia começou sua participação no Projeto Rondon, foi em parceria com o Campus Uberaba, em janeiro de 2011, na Operação Zabelê no Piauí, quando o professor Paulo Roberto Ribeiro e o aluno Gustavo Araújo Pereira, do Curso Superior em Tecnologia de Alimentos participaram. Em 2012, para a Operação São Francisco em Alagoas, foi enviada uma proposta do *Campus* Uberlândia, na qual participaram alunos do *Campus* Uberaba e Uberlândia Centro. Assim, ao longo dos anos, o *Campus* Uberlândia participou também das operações: Forte do Presépio no Pará, Velho Monge no Piauí, Guararapes em Alagoas, Porta do Sol na Paraíba e Forte dos Reis Magos no Rio Grande do Norte. Desse modo, o espírito de parceria iniciado pelo Professor André Faro, de Uberaba, se perpetuou, sendo que sempre ocorreu a participação de alunos de outros *Campi*. Por que isso? Acredita-se que a diversidade é importante para uma boa atuação nas operações, e assim tem sido.

É um desafio selecionar alunos de outros *Campi*, e isso funciona muito bem. Para a seleção, é necessária a participação de professores do *Campus* de origem, pois conhece o perfil real de cada aluno. Durante a preparação e durante a operação, o convívio com alunos de realidades diferentes torna-se um desafio e é exitoso para o desenvolvimento do plano de trabalho proposto. Dessa forma, trabalha-se a multidisciplinaridade, pois, conforme a necessidade da comunidade a ser atendida, é necessária a abordagem de conteúdos que fogem ao conhecimento acumulado ao longo dos anos acadêmicos de professores e também dos alunos. Então, quanto mais heterogêneo o grupo, melhores são os resultados.

Para quem apenas ouve falar sobre o Projeto Rondon, ele parece ser repleto de glórias e realizações. Pouco se fala das agruras, dificuldades e desafios. Entretanto, para conhecer e vivenciar uma realidade diferente da sua, precisa-se sair da área de conforto e enfrentar adversidades. Todavia, tudo isso remete a uma reflexão, à procura de uma solução, uma superação, o que faz com que se aprenda mais do que se doutrine.

Dessa forma, são inúmeras as dificuldades e muitas superadas, mas todas são aprendizados não apenas para os alunos, mas também para professores experientes e pós-graduados. Assim, algumas são relatadas.

Durante a operação, é formada uma grande equipe que desenvolve as atividades no município. Então, são duas IE, cada uma com dois professores e oito alunos e a presença de um militar das Forças Armadas, chamado Anjo, que auxilia acompanhando as atividades. Todos ficam alojados, em casas ou escolas cedidas pela prefeitura, compartilhando quartos, dormindo em

colchões, dividindo as tarefas diárias como limpeza do local e lavando as roupas, inclusive, algumas vezes preparando as refeições. Rondonistas de diferentes origens, personalidades e crenças. Logo, este convívio diário e intenso precisa ser harmônico. Os atritos ocorrem, mas também laços de amizade que perduram para uma vida toda.

O IFTM envia proposta de trabalho para o grupo B – comunicação, meio ambiente, tecnologia e produção, trabalho. Com muitos alunos de Ciências Agrárias, (Agronomia e Zootecnia) e da Tecnologia de Alimentos, o foco das atividades fica na temática de geração de renda e trabalho pela agricultura/pecuária e beneficiamento dos produtos gerados.

O modelo de produção agropecuário, na maioria das vezes, difere dos praticados na Região Sudeste, devido às condições geográficas. A principal dificuldade no nordeste é a falta de água. Felizmente, essa é uma realidade da qual não sofremos no Sudeste. Pelas frequentes secas que assolam a região, estimular o agricultor a produzir talvez seja a mais importante. O êxodo rural ocorre pelas precárias condições para produção de alimentos e os poucos que se mantêm na atividade, o fazem às duras custas. Portanto, são exploradas atividades que buscam a produção agropecuária, valorizando as culturas e criações regionais e, também, ensinando técnicas eficientes de conservação do solo e aproveitamento da pouca água existente.

À vista disso, inúmeros desafios são encontrados e superados. Como exemplo, o cultivo, manejo e processamento da *Opuntia cochenillifera* (palma forrageira), que é uma prática recorrente, pois geralmente a região nordestina sedia as operações e esta planta é extremamente resistente à seca, podendo ser usada para consumo humano e animal (Figura 1). A *Spondias tuberosa* (umbuzeiro) uma árvore símbolo do nordeste e também nome do município atendido na Operação Guararapes na Paraíba. Em algumas regiões, ela está desaparecendo, por conseguinte, foram produzidas mudas para distribuição. Práticas de conservação e manejo extrativista do *Ucides cordatus* (caranguejo-uçá), espécie totalmente desconhecida para todos da equipe e *Euterpe oleracea* (açai), nativa da região norte, foram necessárias quando da Operação Forte do Presépio no Pará.

Figura 1. Característica do nordeste brasileiro, o jumento e a palma forrageira Umbuzeiro/ PB.



Fonte: arquivo pessoal.

Trabalhar com boas práticas no processamento de alimentos é uma necessidade e dificuldade em qualquer município. É possível imaginar esta atividade desenvolvida em comunidades carentes, em que as feiras livres são a principal forma de comércio popular, onde produtos que necessitam refrigeração são comercializados à temperatura ambiente e sem qualquer cuidado e higiene. Este sim é um desafio! Além da dificuldade econômica em implantar tais ações, é necessário mudar o modo de pensar, pois faz parte da cultura dessas comunidades. Para eles vender carnes, derivados lácteos e outros alimentos sem refrigeração são costumes tradicionais e difíceis de serem modificados (Figura 2).

Figura 2. Feira Livre, São Sebastião (AL).



Fonte: arquivo pessoal.

Por outro lado, as atividades envolvendo o processamento de alimentos sempre são sucesso (Figura 4). A capacidade dos alunos e professores em desenvolver e ensinar novas metodologia e receitas faz com que o público seja grande e assíduo. Problemas com a precariedade das instalações e utensílios é constante, pois essas atividades são realizadas em cozinhas pequenas e mal equipadas. Contudo, elas estimulam também os bons cozinheiros locais, passando os mesmos ao status de chefs, uma vez que foram desenvolvidos festivais gastronômicos com premiações.

Figura 4. Oficina de preparação de conservas, Luzilândia/ PI.



Fonte: arquivo pessoal.

As ações voltadas para o meio ambiente também são desafiadoras, principalmente, quando trabalhados os biomas amazônia, caatinga e ambientes costeiros. Crianças e jovens são os que

mais aproveitam e acabam ensinando por viverem nestes lugares tão ricos e diversos (Figura 5). Nesse contexto, ainda se trabalha a prevenção da poluição do planeta, melhorando a destinação de resíduos, seja por reuso ou reciclagem. Muitas oficinas de reciclagem apresentam opções para geração de renda a partir de produtos que seriam lixo.

Figura 5: Oficina de meio ambiente com crianças, Luzilândia/ PI.



Fonte: arquivo pessoal.

Incentivar o trabalho individual ou coletivo através do empreendedorismo, associativismo e cooperativismo mexe com a comunidade muitas vezes acomodada que não encontra alternativas para crescimento econômico. A base desse problema talvez seja a falta de autoconhecimento o que se procura atender trabalhando o relacionamento interpessoal das pessoas. São questões delicadas, mas que surtem efeito ao longo do período pela confiança e pelo interesse dos participantes que estão dispostos a modificar sua forma de pensar e agir.

Acostumar-se com o paladar e culinária regional, por vezes não é fácil. Partilhar dos costumes mineiros e, também, aprender dos costumes regionais são oportunidades prazerosas. Promover o desenvolvimento cultural local acaba por enriquecer o conhecer sobre o que é o Brasil – um imenso país multicultural. Muito se aprende nessa troca cultural (Figura 6).

Figura 6. Casamento na tribo Karapotós, São Sebastião/AL.



Fonte: arquivo pessoal

Considerações finais

Fala-se muito do projeto Rondon como um projeto que visa o desenvolvimento técnico e cidadão dos alunos, mas pouco sobre o que agrega para os professores envolvidos. Os alunos que participam, embora já selecionados como os melhores para o desenvolvimento de projetos de extensão, retornam modificados. As experiências são tantas e diferentes em um período de apenas duas semanas, mas realmente modificam o pensar e agir para o resto das suas vidas.

O professor, alguém implantado na sociedade, tem inúmeras oportunidades de desenvolver a cidadania. No entanto, talvez, pelo dia a dia atribulado, não a exerça na sociedade a qual está inserido. Dessa forma, a participação no Rondon, representa também esta oportunidade, fazendo olhar em torno de outra realidade, diferente da que se está acostumado e além de olhar, atuar, ajudar e através disto aprender identicamente.

Ao professor também se agregam todas estas muitas experiências inovadoras e exitosas para a vida profissional e igualmente pessoal.

Finalizando, são muitas concepções novas desenvolvidas durante as operações, cada uma com suas particularidades, seja pelo local, pelas pessoas envolvidas ou pela cultura regional. Para todos, professores, pós-graduados e extensionistas, a cada operação do Projeto Rondon são novas oportunidades para repensar e reagir. São gratificantes os elogios, os sorrisos, as lágrimas, apertos de mão e abraços (Figura 7). Uma sensação de estar ajudando ao outro, quando na verdade a maior ajuda que se faz é para si mesmo.

Figura 7. As crianças são as que mais aproveitam e as que mais nos animam a participar, São Miguel do Gostoso/ RN.



Fonte: arquivo pessoal.

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. 2017. Disponível em: < <http://www.defesa.gov.br/sprogramas-sociais/projeto-rondon>>. Acesso em 08/11/2017.